DISTRIBUIÇÃO GRATUITA 010

volcom brand jeans

road-tested denim

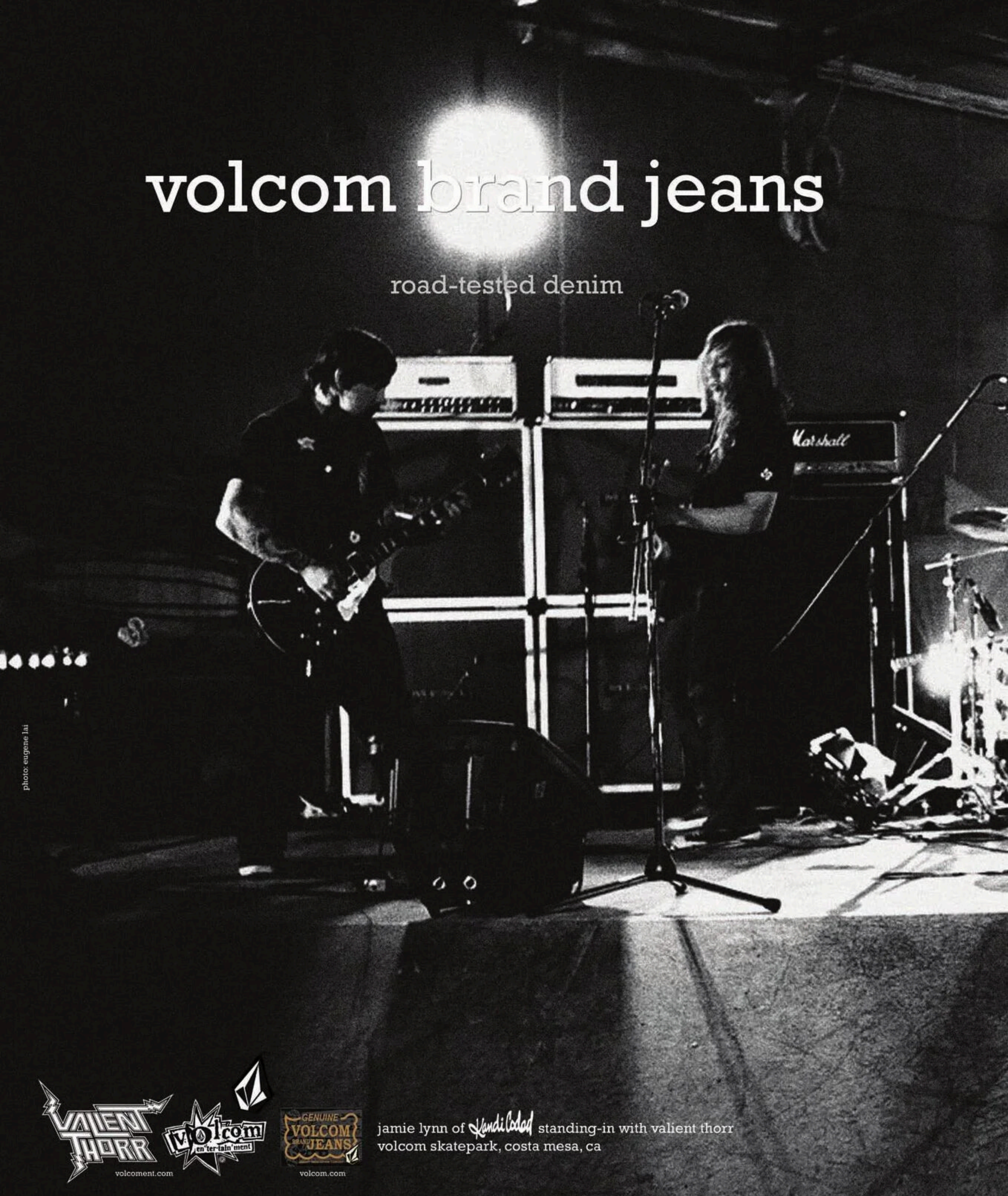


photo: eugene lai

VALIENT THORR
volcoment.com

volcom en·ter·tain·ment

GENUINE VOLCOM BRAND JEANS
volcom.com

jamie lynn of Kandi Coded standing-in with valient thorr
volcom skatepark, costa mesa, ca

Volcom São Paulo
BRASIL
Al. Lorena, 1835 São Paulo SP

Nós, do Banco Real, apoiamos o universitário, porque ele pode fazer a diferença no mundo.

Como Aline, que trabalha em uma ONG ensinando as pessoas a não desperdiçar alimentos. Esses cursos geram renda para a ONG e, assim, ajudam a alimentar 22 mil pessoas por dia.

Que mundo você quer?
Reinvente. Faça com a gente.

Aline Rissatto Teixeira, cliente Real Universitário, aluna do 2º ano da faculdade de Gastronomia

SAC – Serviço de Apoio ao Cliente: 0800 707 2399 | Ouvidoria: 0800 286 8787

Os produtos estão sujeitos a análise de crédito e inexistência de restrição cadastral. As condições ora oferecidas podem ser alteradas ou extintas em qualquer momento, sem aviso prévio. Para o Realmaster, a partir do 11º dia de utilização, serão cobrados juros por todo o período utilizado. No caso do produto cartão de crédito, as cláusulas e condições podem ser previamente consultadas no contrato disponível no site www.bancoreal.com.br.

LEW'LARA\TBWA

✓ 10 dias sem juros por mês no Realmaster.
✓ Limite de crédito Pré-aprovado.
✓ 4 modelos de cartão de crédito internacional + minicard.

Abra Sua conta: www.bancoreal.com.br/universitario

O banco da sua vida

BANCO REAL
GRUPO SANTANDER

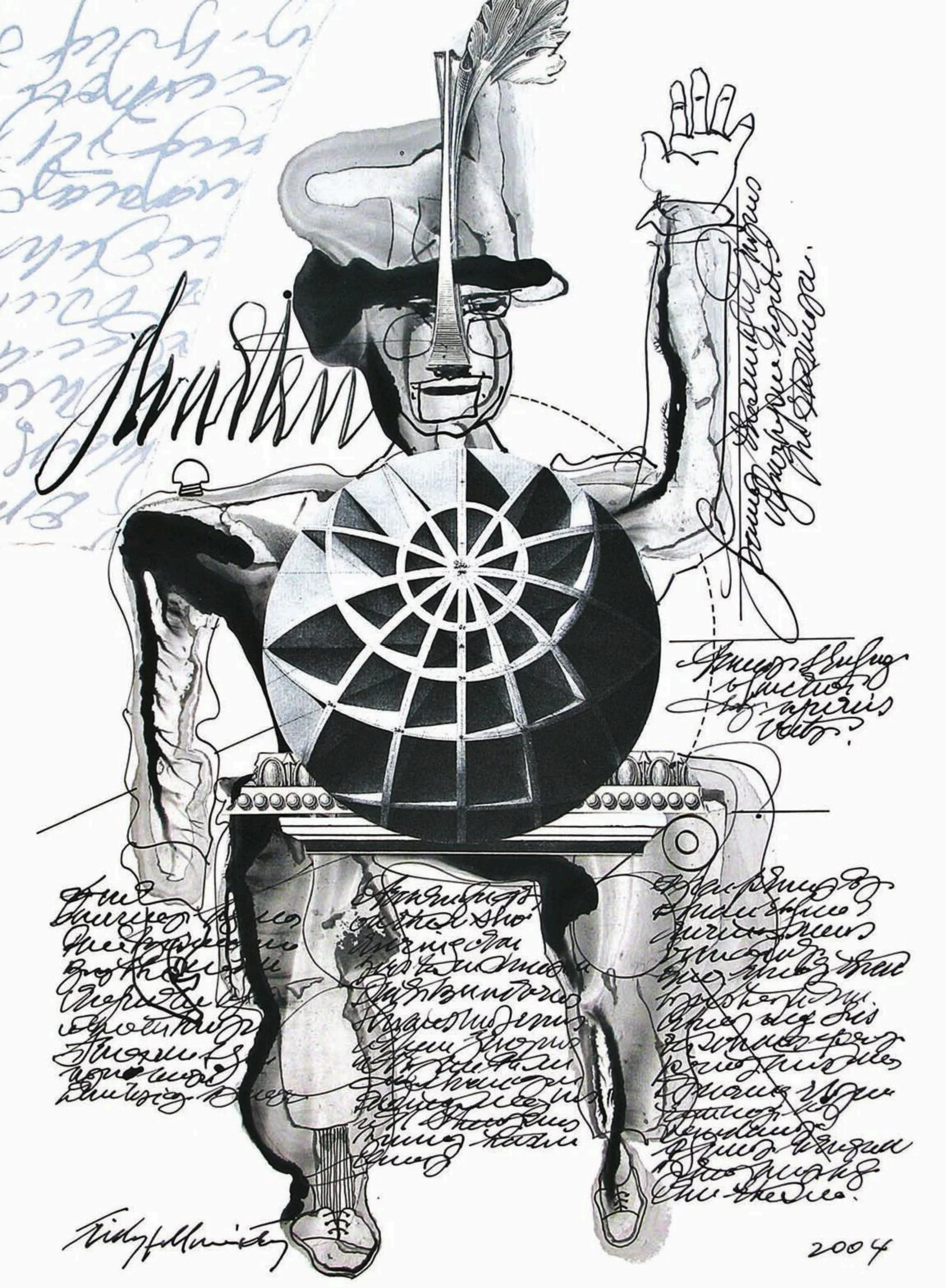
REAL UNIVERSITÁRIO

POWER TO THE PLANET

POWERTOTHEPLANET.TV

ELEMENT BRASIL

elementskateboards.com | myspace.com/elementbrasil


2004

+SOMA . #10

Depois da tempestade...

O número dez simboliza, entre outras coisas, o fim de um ciclo e
o começo de outro, e isso faz total sentido para o momento que vivemos hoje.
Não falo aqui da esperança de Obama, muito menos do colapso financeiro em que
nossos primos ricos se meteram (e acabaram levando o mundo inteiro junto),
mas sim de diversos sinais de que não só estamos no caminho certo,
mas de que não estamos sozinhos nessa batalha.

A revista chegou a sua décima edição - espantando a nuvem negra da crença
de que revistas independentes não sobrevivem ao sétimo número - e vem registrando
o ontem, hoje e o futuro da cultura independente. Sempre com os dois pés fincados
na rica e inventiva produção cultural brasileira e também com o radar ligado
no que acontece de mais interessante além de nossas fronteiras.

Olhando para trás, em quase dois anos de trabalho, é extremamente gratificante quando
paramos para lembrar a quantidade de artistas e personalidades que já passaram pelas
páginas da revista e o impacto real que essa troca acabou gerando para todos os lados.

Se enfrentamos problemas e encontramos obstáculos para colocar na rua cada nova
edição da revista (ninguém nunca achou que seria fácil), lembramos sempre que
ainda há muita gente boa e talentosa a ser retratada, para somar com a gente nessas
páginas. Assim, nos comove e nos inspira o trabalho do gênio da colagem Tide Hellmeister,
ao qual rendemos um merecido tributo nesta edição. Nos empolga a luta e o talento
dos irmãos Rappin' Hood e Parteum, assim como nos encanta o trabalho de
Victor Rice e sua paixão pelo nosso país. E o olhar sobre outros países, como a
Eslovênia underground retratada pela dupla Lost Art, nos interessa e estimula.

Também é sempre inspirador contemplar uma arte tão pura e ao mesmo tempo
enigmática quanto a do norte-americano Jim Houser, assim como é incrivelmente
prazeroso poder apresentar a cada edição novos talentos na arte,
como Mônica Rizzolli e P. Jota, e na música, como Nuda e Black Drawing Chalks.

Em março de 2009, damos mais um novo e importante passo.

Além da revista e do site, estamos inaugurando o **Espaço +Soma** - um espaço cultural
multidisciplinar cravado no maior reduto artístico da cidade de São Paulo, a Vila Madalena.
Para inaugurar o espaço em grande estilo, apresentamos a exposição coletiva
Four of a Kind, com produções inéditas dos artistas André Pato, Flavio Samelo,
Sesper e Thaís Beltrame, todos eles do cast da Famiglia Baglione.

Um passo à frente e você não está mais no mesmo lugar!

+Soma

+CONTEÚDO

Rappin' Hood e Parteum 58
Entre Outros 66
Versões e Subversões 92
Reviews 94
Tarô e Escaleta
Dias de um Fantasma Suícida 102
Quem Soma 88
Lost in Slovenia 46
Monica Rizzolli - Padrões e Relações 40
Zé Doidim com Dois Pés no Chão
Tide Vive! 32
A Beleza Composta do NUDA 86
Black Drawing Chalks 82
P Jota
O Incansável Victor Rice 26
O Código Jim Houser 18
Shuffle 76
A Música Livre do Grupo Um 78
Low_res nyc vitrines mobile cam shots 72
Carta de Alforria aos Artistas 74

CHRYS MIRANDA - GARAGE METALLICA | **FULTON**

VONZIPPER

O projeto +**Soma** é uma iniciativa da **Kultur**,
estúdio criativo com sede em São Paulo.
Para informações acesse: www.maissoma.com

Iniciativa .

Kultur Studio
Rua Fidalga, 98 . Pinheiros
05432 000 . São Paulo . SP
www.kulturstudio.com

REVISTA SOMA #10
Março 2009

Fundadores . **Kultur**
Alexandre Charro, Fernanda Masini, Rodrigo Brasil e Tiago Moraes

Editor . **Tiago Moraes**

Redação . **Arthur Dantas**
Mateus Potumati

Fotografia . **Fernando Martins**

Revisão . **Marcelo Y. Salles**

Projeto gráfico . **Fernanda Masini**

Arte . **Fernanda Masini, Tiago Moraes e Rodolfo Herrera**

Conteúdo áudio-visual .
Alexandre Charro e Luciano Valério

Colunistas .
Gustavo Mini, Keke Toledo, Lu Krás, Ricardo "Mentalozzz" Braga & Daniel "Ouriço" Peixoto e Breno Tamura

Gostariamos de agradecer a Estúdio Totem, Flavio Samelo, Cláudio Gil, Cláudio Rocha, Tony de Marco, Eduardo Recife e André Hellmeister, Fattima Amaral, Ignacio Aronovitch e Louise Chin (Lost Art), pessoal do campo de várzea da Vila Arapuá, Luciano Choice, Brian e Casases, Mojo Books, Fabio Cobiaco, Lelo e Zé Eduardo Nazário, Ceson Pelizer, Daniél Biléu, Leandro Schereder, Pablo Etchepare e Victor "Viti" Grosman, Ericson Straub, Editora Infolio, a todos nossos colaboradores de texto, foto e arte, aos que enviaram material para resenha, anunciantes e aos pontos de distribuição da revista. Muito obrigado!

Agradecimento especial a todos que direta ou indiretamente colaboram para que a revista se tornasse realidade e nos apoiam desde o início.

Todos os artigos assinados e fotografias são de responsabilidade única de seus autores e não refletem necessariamente a opinião da revista.

Publicidade . **Cristiana Namur Moraes**
cris@kulturstudio.com

Para anunciar ou enviar material para review, entre em contato através do e-mail **info@kulturstudio.com**.

Capa
LOST ART

Periodicidade . **Bimestral**
Distribuição . Gratuita em lojas, restaurantes, galerias de arte, museus, centros culturais, shows, eventos e casas noturnas.
Veja os endereços em: **www.maissoma.com/info**
Impressão . Prol Gráfica
Tiragem . 10.000 exemplares

Erratas
Edição #8: Na matéria "O Toque Jazz de Letieres Leite & Orkestra Rumpilezz", leia-se Alabê onde lê-se Ala B.
Edição #9: Na matéria sobre o músico Bonnie Prince Billy, faltaram os créditos. O texto é de Alexandra Martins e as fotos de Fernando Martins.

NIXON

THE 51-30

DROP IT LIKE IT'S HOT

nixonnow.com

+COLABORADORES

Caroline Bittencourt

31, fotografa desde os 23 anos. Natural de Jundiaí, vive em São Paulo há doze. Em 2008 fotografou os festivais de verão pela Europa e agora só quer isso da vida.

Daniel Tamenpi

Jornalista, pesquisador musical e DJ especializado em soul, funk e hip-hop. Escreve o blog Só Pedrada Musical, onde apresenta lançamentos e clássicos da música negra.

Fernando Sanches

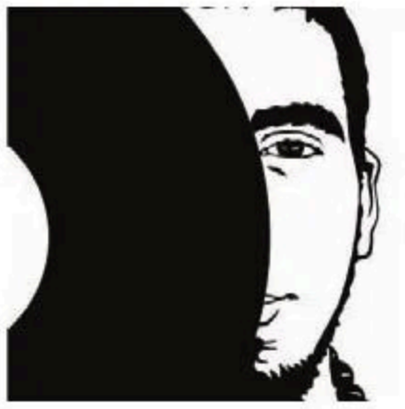
Músico, engenheiro de som responsável pelo Estúdio El Rocha e pai de família dedicado. Passa a maior parte do seu tempo entre mesas de som, máquinas de café espresso e fraldas descartáveis.

Guilherme Dable

Trabalha com desenho no atelier Subterrânea, em Porto Alegre.

Diego Assis

Jornalista, formado pela Universidade de São Paulo e mestre em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP. Foi repórter dos jornais Folha e O Estado de S. Paulo e atualmente edita a sessão de cultura do portal G1, da TV Globo. Beirando os 30, ele ainda se pergunta: por que não larguei tudo isso para andar de skate?



João Xavi

Documentarista por esporte, historiador de formação e aventureiro musical por fala de opção. Sobrevive desde 1982 em São João de Meriti, na Baixada Fluminense (RJ), entre discos, livros usados, vídeos inspiradores e um calor infernal.

Marina Chevrand

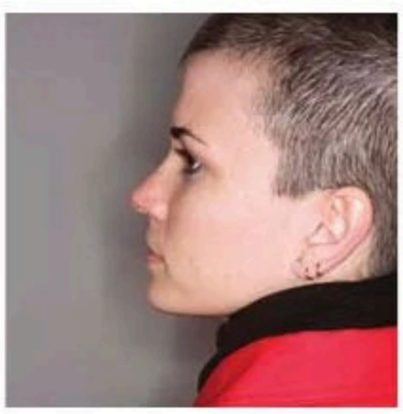
Designer Gráfica e fotógrafa nas horas vagas. Atualmente trabalha na rede de TV CNBC, em Londres. Já está com a bagagem cheia e arrumada para regressar ao Brasil em breve.

Fabio Cobiaco

Quase 40 anos, metade dos quais desenhando e pintando profissionalmente.

Renato Silva

Editor do Fanzine Colateral e estudante de Letras na Universidade de São Paulo. Sua vida se resume a arte, música, literatura e nada de televisão.



Sabrina Duran

Tem 27 anos e há dois vive em Londres. Viveu num bunker durante 730 dias. Está criando uma revista sobre a escatologia e a poesia das coisas, um livro com histórias incomuns de gente ordinária e uma novela sobre alguém com boca de oceano. Prefere não ter um emprego fixo a fim de manter a dinâmica dos tempos de bunker.

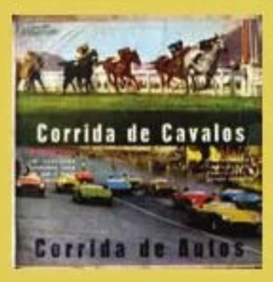
SONIC YOUTH
TILT

5HUFFL&

POR MENTALOZZ E OURIÇO

Espalhados pelo mundo existem milhares de colecionadores de discos, cada um ao seu estilo. Dentre todos, Mentalozz é um dos campeões em unir LPs e vitrolas a muita poeira. Em seu pequeno apartamento, Mentalozz acumula, em meio aos seus artigos básicos de sobrevivência, cerca de 3 mil LPs e cinquenta vitrolas. Fica difícil dizer se ele mora em uma casa ou em um sebo empoeirado. A partir da próxima edição, Mentalozz, o entrevistado desta edição, e Ouriço, o entrevistador, estarão juntos para mostrar um pouco das pérolas que gostamos de guardar.

Disco mais comunicativo?
Práticas de Telegrafia. Esse disco foi presente de um amigo e é nada mais do que uma aula de telégrafo. Curto escutá-lo em rotação mais lenta. Funciona pra mim como um mantra, criando e alterando as portas da percepção.

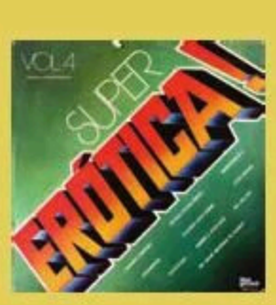


Disco mais interativo?
Corrida de Cavalos, Corrida de Autos. Esse disco me surpreendeu pela maneira diferente de prensar os sulcos do LP, intercalando cinco espirais diferentes e independentes. São cinco narrações de corridas de cavalo e automóveis e, dependendo do sulco em que a agulha cair, o resultado das corridas é alterado.

O disco mais de tiozão?
Strictly Prima, do **Louis Prima**. Um clássico da Capitol Records. Aprendi a curtir ele com os DJs da Velha Guarda.

Disco para ouvir montado nas costas de uma mulher?
R. Crumb & His Cheap Suit Serenaders. Sem dúvida alguma, **Crumb** e seus **Cheap Suit Serenaders** dando sopa no sebo aqui da esquina foi muita sorte. O documentário sobre a vida dele também é muito legal.

Disco que você tem vergonha de ter?
No World for Tomorrow, do **Coheed and Cambria**. Quando ouvi a banda pela primeira vez, pensei que eram meninas que cantavam. Mas quando vi fotos da banda na internet me liguei que eram uns cabeludos metaleiros. Um heavy emo. É suficiente pra entender por que tanta vergonha de gostar disso?



Disco para ouvir a dois?
Super Erótica vol. 4. Na década de 70, os caras pegavam músicas de apelo erótico e acrescentavam gemidos e sussurros. Acho que tentavam reproduzir o estrondoso sucesso de "Je T'aime" de Serge Gainsbourg. Na época, o *Super Erótica* era proibido para menores.

Disco mais detalhista?
Sharpen Your Teeth, do **Ugly Casanova**. Esse é daqueles para curtir os detalhes ouvindo várias vezes e apreciando a sua riqueza e simplicidade.

Disco mais corajoso?
Nada Como Um Dia Após Outro Dia, dos **Racionais MCs**. Admiração por qualquer artista que encare a empreitada de lançar um álbum com quatro LPs nos dias de hoje.

Disco que preparou os ouvidos para o Modest Mouse?
1st Symphony for Nomad, do **Music Tapes**. Comprei esse disco antes de ouvir Modest Mouse. O que mais me chama a atenção é que parece feito em um gravadorzinho durante as férias na casa da vovó.

Melhor disco do Weezer que não seja do Weezer?
The Cars, do **The Cars**. Tenho escutado muito e considero um rock bem honesto. Acho esse disco meio Weezer. Aliás, foi o Rick Ocasek, vocalista do The Cars, que produziu o álbum azul do Weezer.

O CÓDIGO JIM HOUSER

Por Tiago Moraes
Imagens cedidas pelo artista

O ano é 2100 d.C. PhDs de diversas áreas da ciência e historiadores juntam todas as forças e conhecimentos para tentar decifrar um dos últimos códigos do século XXI ainda não quebrado, nem pelas mentes mais brilhantes, nem pelos softwares mais avançados da tecnologia moderna.

*Voltamos para o presente. Essa Babel moderna foi despretensiosamente criada por **Jim Houser**, um jovem artista norte-americano oriundo do universo do skate e que começa a despontar e cair nas graças da crítica e público. Sua obra, autobiográfica e baseada em associações livres de palavras, pictogramas, desenhos, texturas e cores, pode até enganar os mais desavisados pela aparente ingenuidade dos traços, mas é exatamente aí que se esconde um dos maiores segredos de Jim.*

Conheça um pouco mais do que passa na cabeça desse brilhante artista autodidata – que veio recentemente a São Paulo expor seu trabalho na Galeria Choque Cultural – em um bate-papo que tivemos com ele em um café na Vila Madalena. ⏩

Você não tem educação artística formal, mas frequentava os prédios da RISD (Rhode Island School of Design) em Providence, Rhode Island. Você tinha amigos que estudavam lá, certo?

Eu estava estudando na Universidade da Pensilvânia havia um ano, mas não estava gostando, decidi abandonar o curso. Estava morando na Filadélfia, superinfeliz, sem saber o que fazer da vida. Um dos meus melhores amigos tinha acabado de se mudar para Providence para estudar na Escola de Design de Rhode Island (RISD) e então eu decidi me mudar para lá. Eu precisava de uma grande mudança em minha vida.

Tinha alguns amigos que estudavam lá e era bem tranquilo, você podia andar por todos os andares do prédio, frequentar as oficinas e ninguém te pedia nenhuma identificação, podíamos usar os computadores para fazer trabalhos de design, os equipamentos de impressão etc.

THIS HAND WANTS TO HELP

HUSH

ANIMALS WHICH LIVE UNDER GROUND.

ANIMALS WHICH EAT THEIR YOUNG.

ANIMALS WHICH PLAY DEAD.

TEMPER TEMPER

RUIN

miracles

PILL EATER

SNARESS

A CRACK IN SPACE

teeth

WHISPERS

SSSHHH

force fields

MOUNTAIN OF CLUES.

CALMS

A CRACK IN SPACE

HERBS

A PERFECT FIT, LIKE A NOOSE.

MOTHS

GERM

A FAST, FILLED WITH PILLS

front

KINDS OF TEETH.

A LIGHT ON SHORE KEPT SHIPS SAFE

TO OBSERVE, WHILE UNOBSERVED

THIS ACTS AS A BOOK MARK

HE GRASPED SITUATION THE RESULT HESITATING THERE FOR MOMENT A

THIS ACTS AS A FUSE.

HEX

FABLES

GERM

FEVER!

(INCHES)

tone of the voice

SEARCH PARTY

SYSTEMS IN DECLINE

A HARD, FAST, RULE

heart sounds

OLD BONES

THE EFFECT FELT

GONE!

SYSTEMS

RINGS UPON EARS

IT SHOWS IN THE EYES BUT NO ONE MENTIONS IT.

searcher

SYMPTOM SYSTEMS

CROOKS

ACTUAL SIZE

DOGS OR PICTURES OF DOGS

Temper Temper

FOUL WEATHER FRIENDS

MILES OF WIRES

ticks

BOOK CLUB

THESE ARE THE TRACKS OF INSECTS.

KEYS

SCENES

ROOT

CLOUD OF SMOKE

the shape of the mark

MMMMINUTESS

CELL

IT OCCURS WITHOUT MEANS LIKE HUNDREDS OF SHARP TEETH.

I.

II.

IT APPEARS IN DREAMS

III.

VOICES CRACK

FANGS

GRAVE

SNARES

SNARES

SNAKES

SNARES

KEYS

SHELL SHOCK

BABIES

BUILT LIKE A NEST

ALPHABETS

THIS HAND WANTS TO HELP

IT'S SUBTLE, LIKE A BIRD WING

clues

ARGO

RUMORS

DOOM

ANY SLIGHT, WHETHER REAL OR PERCIEVED

PILLS

shook

CRUX

SINGLES

WRECKS

SNARES

Se você tivesse estudado e se graduado em artes, o seu trabalho seria diferente do que é hoje?

Acho que sim. Diversas pessoas graduadas em arte que conheço também já me disseram isso. Me lembro do começo, de quando comecei a expor em galerias e entrar nesse universo de arte mesmo, e na época ainda não era muito comum pessoas que trabalhavam como eu. Ouvi muito isso de artistas e galeristas que olhavam meu trabalho e diziam: ***"Uau, se você tivesse estudado arte você não estaria fazendo isso, eles [os professores] teriam tirado isso de você!"***

Eu não sou dos caras mais fáceis para aceitar conselhos, prefiro aprender com meus próprios erros, e foi por esse motivo que larguei a faculdade no primeiro ano - não me sentia confortável quando me diziam o que fazer e como fazer. Em relação a minha arte, eu sentia que era uma coisa minha, que me pertencia e cabia só a mim decidir como que ela deveria ser, não queria ter pessoas me dizendo: "Você tem que fazer isso ou aquilo".

O Shepard Fairey estudou lá na mesma época e você chegou a trabalhar com ele no começo do projeto Obey, certo? Vocês já se conheciam?

Eu já conhecia o Shepard enquanto ainda morava na Filadélfia. Andava de skate e ele tinha começado uma marca de skate pequena (Giant) e me dava alguns shapes, eu tinha um apoio. Quando me mudei para Providence, a gente já se conhecia e ele tinha montado um estúdio e me deu emprego. Meus amigos da Filadélfia, Ben (Woodward) e o Andrew Jeffrey Wright, que também são artistas, trabalhavam lá com o Shepard. Era basicamente um estúdio de serigrafia e eu ficava cortando adesivos, milhões de adesivos do Andre the Giant...(risos). Às vezes também ficava dobrando e empacotando camisetas, eu era o faz-de-tudo lá, limpava as telas, varria... Mas era divertido, trabalhava com os meus amigos e tive a oportunidade de conhecer muita gente bacana, muitos outros artistas por meio do Shepard.

Quando estava começando, quais artistas você admirava? O que e quem te inspirou e motivou em sua carreira artística?

Eu diria que os primeiros grandes artistas que me chamaram atenção foram Jean Michel Basquiat, Cy Twombly, David Hockney e Alice Neil.

Foi nessa época que comecei a comprar livros de arte, se via alguma obra que me chamava a atenção eu ia até a livraria e tentava encontrar livros do artista para aprender mais, isso antes da popularização da internet... E muitas pessoas que eu conheci por meio do Shepard, da cena de Nova York, da Alleged Gallery... Você tem familiaridade com essa cena toda?

Sim, claro, inclusive já entrevistamos o Aaron Rose.

O Shepard era amigo do Aaron e eles fizeram um pequeno projeto de pôsteres chamado "Subliminal" muito tempo atrás. Pelo Shepard eu conheci o Aaron, Phil Frost, Thomas Campbell, Barry McGee, Margaret Kilgallen, Christian Hampton, Ed Templeton, muitos artistas...

Isso foi no final dos anos 90?

É, foi a partir de 1997... Em 2000 eu participei de uma exposição coletiva chamada "East Meets West", da qual participaram três artistas locais da Filadéfia: o Joy Feasley, a Clare Rojas e eu, junto com três artistas de San Francisco, o Scott Hewicker, a Margaret Kilgallen e o Chris Johanson. O Chris até hoje é o meu artista preferido, em quem mais me espelho e me inspiro, como artista e como pessoa.

Logo que me mudei para Providence, em Rhode Island, eu andava pra cima e pra baixo desenhando em um caderninho e sempre guardava só para mim - às vezes mostrava para um ou outro amigo, mas nunca tinha conhecido ninguém que levava a arte a sério, que fazia exposições. Mas daí as coisas foram evoluindo e comecei a pensar: "Porque não? Talvez tenha alguém interessado em ver tudo isso". No começo minha motivação não foi dinheiro, foi muito mais para ver se eu era capaz, descobrir o que outras pessoas pensariam sobre o que estava fazendo.

Por exemplo, hoje eu também estou fazendo músicas e as pessoas me perguntam: "Mas você toca em alguma banda, faz show?", e digo que não. Gosto de tocar na minha casa, meus amigos aparecem e de vez em quando fazemos música, mas eu não saio para tocar, fazer shows, essas coisas.

Que tipo de música você toca?

Eu toco rock instrumental. Não faço shows, mas em minhas últimas exposições tenho feito instalações enormes com vários amplificadores de guitarra conectados por cabos, e eles ficam tocando as músicas que eu componho e gravo em casa.

Quando você começa a produzir para uma exposição, se o espaço permitir, você já incorpora no processo criativo a questão da música?

A composição das músicas faz parte da exposição, porque elas são feitas na mesma época em que as pinturas. Se eu acordo um dia e não estou a fim de pintar, faço música e fico gravando, gravando e, quando a exposição chega, pego todas as pinturas, as músicas e monto a exposição.

Você pretende lançar um disco com essas músicas um dia?

Eu tenho um disco pronto para ser prensado, que deve sair em breve. Serão seis músicas. Venho trabalhando nisso há quase dois anos, então espero que consiga lançar em breve. Tem um selo local aqui na Filadélfia, chamado Free News Projects, que está interessado em lançar, eles lançam livros, discos e pôsteres com tiragem limitada. Eles lançam bastante coisa, acabaram de publicar um livro do Matt Leines que é muito bacana, vale a pena ir atrás e conhecer o trabalho dele.

A arte folk tradicional norte-americana faz parte de suas influências ou você foi mais influenciado por artistas contemporâneos que já bebiam nessa fonte, como a Margaret e o Barry por exemplo?

Acho que na verdade ao conhecer eles (Margaret Kilgallen e Barry McGee), tive a confirmação de ideias que tinha na minha cabeça sobre arte e sobre como vejo tudo isso. ***É meio difícil para eu explicar, mas gosto de ver a pessoa que fez uma arte dentro da própria arte, não deveria haver separações.*** O estilo de arte folk, mais bagunçada, imperfeita, nos dá uma sensação direta de que a pessoa fez aquilo à mão ao invés de uma máquina ou um computador, como a diferença de valor artístico entre um enorme painel de plástico ou banner e uma placa de madeira pintada à mão. Acho que a principal lição que tirei dos artistas folk foi ver que a ideia é a coisa mais importante e não é preciso ficar tentando fazer com que tudo saia perfeito.

Você cresceu andando de skate e existem muitos outros skatistas que também se tornaram artistas, como o Mark Gonzales, Thomas Campbell, Ed Templeton, Don Pendleton, Michael Leon, entre muitos outros. Não seria bacana se no futuro a história da arte considerasse "Skatismo" como um forte movimento artístico da virada do século XX para XXI, assim como hoje existem o Cubismo, o Modernismo e a Pop Art? Não é louco pensar que existem tantos artistas bem sucedidos hoje, em sua maioria autodidatas, que vieram do universo do skate?

Eu acho que todos nós temos em comum duas coisas. A primeira são os desenhos dos shapes e as artes das revistas de skate, que marcaram muito, você é exposto à arte muito cedo e carrega aquelas lembranças por toda sua vida. Outra coisa é o lado criativo do skate, então é natural que skatistas também façam música, pintem e escrevam poesias, já que você começa a andar de skate porque tem essa veia criativa. O skate é apenas uma das formas de expressão, de colocar para fora a sua criatividade. Na verdade, sempre fico chocado quando conheço skatistas que não fazem mais nenhuma arte, que simplesmente andam de skate, porque a grande maioria dos skatistas que eu conheço tem mais de uma atividade criativa.

Como foi para você, que cresceu andando de skate, passar para o outro lado e começar a fazer artes para skate para marcas como a Toy Machine e influenciar os garotos mais novos?

É muito bacana. Isso sem dúvida foi uma das coisas mais importantes que fiz porque, como você falou, foi um ciclo que se completou. A primeira vez que encontrei com um garoto usando um shape com uma arte minha foi uma das emoções mais incríveis que já senti em toda a minha vida, porque eu sei como é quando você é um garoto e entra numa loja de skate e olha para aquela parede repleta de shapes com os mais variados desenhos e marcas. Para aquele garoto ter escolhido o meu é porque ele achou que era o melhor de todos! Eu faria esse trabalho até de graça! O skate é de onde eu venho, então é muito legal poder fazer projetos com marcas de skate. Até hoje continuo colaborando com a Toy Machine, além de ser superamigo do Ed Templeton, um cara muito bacana, superdivertido e que, por também ser artista, me dá toda a liberdade para eu fazer o que bem entender.

Passar do desenho para a pintura é geralmente um grande passo para a maioria dos artistas. Como foi essa transição para você?

Aconteceu bem devagar, porque eu estava fazendo meus desenhos e com o tempo comecei a colocar mais cores e, quando vi, estava pintando e desenhando em cima das pinturas. Depois comecei a deixar o desenho um pouco de lado no meu trabalho - não foi uma grande ruptura, e sim uma evolução natural.

E você saltou das paredes para praticamente tudo. Em suas últimas exposições, você tem investido em instalações com prateleiras, vasos de flores, amplificadores, bolas de basquete, violões feitos à mão...

No começo foi meio que uma brincadeira, porque parei de pintar shapes por um tempo, e as pessoas iam às minhas exposições, ficavam

tristes e reclamavam que eu não tinha pintado nenhum shape. Elas falavam: "Você é um skatista, então pinte em skates!" Começar a pintar outros objetos foi a forma que encontrei de dizer que existem outros lados do Jim Houser além do skatista. Por exemplo, eu jogo basquete e pintei uma bola de basquete, eu gosto de um modelo de tênis, então vou pintá-lo. O que começou como brincadeira foi crescendo dentro de mim e comecei a me interessar por construir coisas, como pequenos violões feitos com caixas de charuto, inspirados naqueles feitos por músicos de blues pobres, que não tinham dinheiro para comprar um violão. Eu tinha acabado de ler um livro sobre a história dos instrumentos de corda, havia um capítulo que falava só disso e pensei: "Será que sou capaz de fazer um?" Acabei me divertindo muito fazendo o primeiro e depois acabei fazendo outros e incorporando à minha arte, eles (os objetos) ajudam a construir esse meu universo que desejo compartilhar em minhas exposições.

Alguns de seus trabalhos apresentam uma mistura rica de elementos: palavras, frases, personagens e texturas. Eles se parecem com uma colcha de retalhos de imagens e pensamentos. Você pensa no conceito, no que quer transmitir em cada peça como se estivesse tentando juntar todas essas peças para comunicar algo?

Tanto esses meus trabalhos que se parecem mais com mosaicos ou colagens de peças menores como as telas em que trabalho com um tema central fazem parte, na verdade, de um mesmo conceito. ***O que eu quero, no fim, é que as pessoas olhem para uma exposição minha e percebam que tudo ali está interligado. Todas as minhas pinturas são fragmentos da história da minha vida.*** É por isso que eu trabalho com a mesma paleta de cores em todos os trabalhos, e algumas imagens e palavras acabam aparecendo em mais de um trabalho...

Ia falar sobre isso, pois muitos de seus trabalhos e instalações apresentam imagens e palavras que se repetem. O que sinto ao ver seu trabalho é que você parece ter criado uma enorme família de pictogramas, como o polvo, o elefante, o chapéu e também palavras como "egg", "rumor", "eyes", "system go", o número 68, entre outros que aparecem com certa frequência em seus trabalhos. Cada um desses pictogramas tem um significado para você?

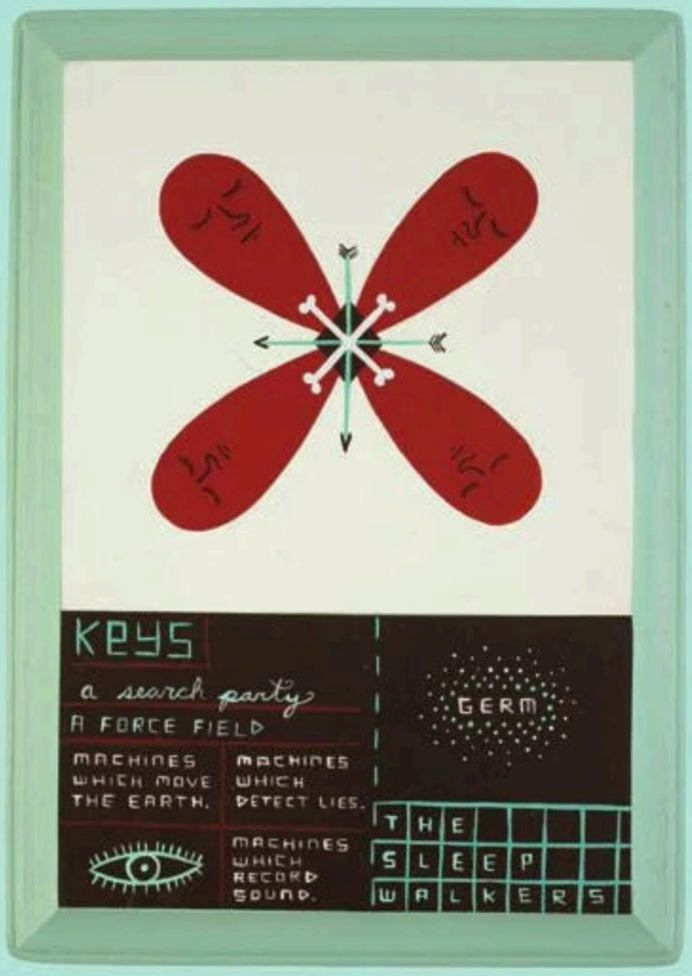
Múltiplos significados. Assim como o azul parece diferente ao lado do verde do que ao lado do vermelho, as palavras que eu uso têm significados diferente dependendo da imagem ao lado, de como elas estão relacionadas. Então essas imagens e palavras têm mais de um significado... Uma coisa que vim a descobrir recentemente, mas não tenho certeza se me influenciou, foi o fato de a minha irmã mais velha ser uma egiptologista e estudar hieróglifos. Quando eu era moleque, tinha sempre um monte de livros por perto sobre o assunto, cheios de imagens e palavras misturadas, e sempre curti muito essas coisas e acho que acabei trazendo um pouco disso para o meu trabalho.

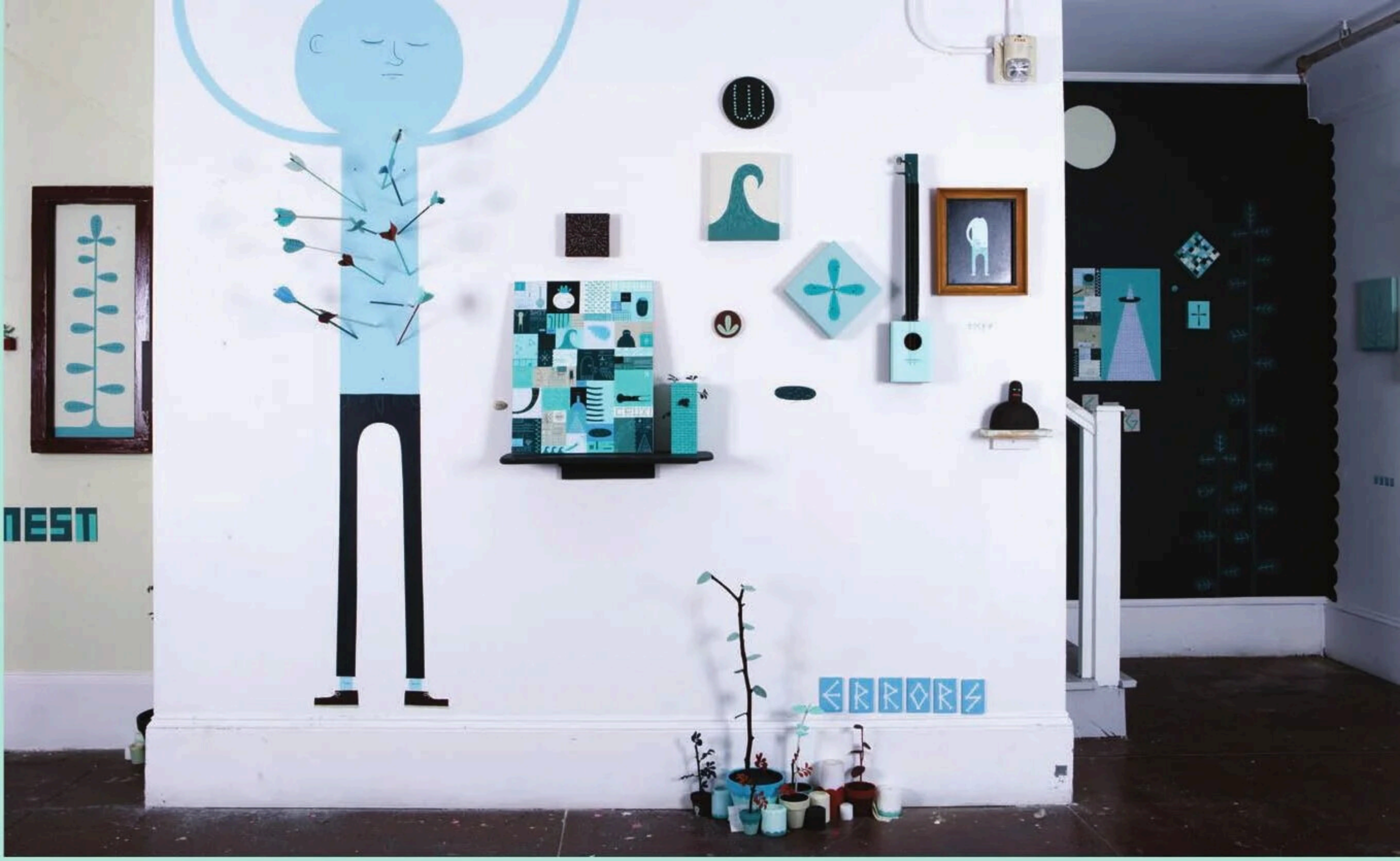
Provavelmente, no futuro teremos egiptologistas estudando o seu trabalho e decifrando esses códigos todos... (risos).

(Risos) É, seria bem legal... Algumas palavras eu paro de usar um tempo e, quando elas voltam, já têm outro significado para mim... O nome do meu livro, *Babel*, é sobre a dificuldade em se comunicar, da história da Bíblia, da diversidade de línguas e culturas. Não sou religioso, mas essa é uma história superinteressante. Muito da minha arte é sobre essa dificuldade das pessoas se comunicarem, quais os diferentes significados por trás de uma palavra. No meu trabalho, as palavras são tão ou até mais importantes do que as imagens.

Eu tive a oportunidade de ver na Choque Cultural alguns dos seus trabalhos ao vivo pela primeira vez e fiquei impressionado, especialmente com as telas que têm todas aquelas colagens, principalmente pelo tamanho de cada pequeno pedaço que compõe essas telas e o acabamento impecavelmente refinado.

Cada fragmento dessas telas são pequenos pedaços de papel, superfinos, quase como papel de cigarro. Eu pinto cada um desses pequenos quadrados individualmente até conseguir juntar uma boa quantidade deles, depois pego uma tela e começo a colar cada um - no começo de forma meio aleatória, mas depois começo a me ater mais na mensagem, na composição de cores. Acabou virando meio que um quebra-cabeça para





mim. Eu vou colocando para fora tudo o que vem à mente, fico no meu estúdio, ouvindo música e desenhando o dia todo.

E como a tipografia entrou em seu trabalho? Você costuma inserir vários tipos de letra no seu trabalho, alguns nos remetem diretamente à cultura de placas pintadas à mão, cursivas, manuscritas, e outros já são mais contemporâneos, como o feito de ossos...

Eu comecei com isso meio que para dar mais personalidade no que estava escrevendo e querendo dizer. De certa forma, o tipo de letra que desenho está relacionado diretamente com o que eu quero dizer. Por exemplo, quando escrevo com letras pequenas, arredondadas e simples, similares à minha caligrafia pessoal, trato de coisas autobiográficas ou que fazem parte daquele momento. Quando escrevo com letras mais quadradas, que lembram fontes de computador, trato de coisas que já analisei e pensei muito sobre. E, finalmente, o que escrevo com ossos são coisas mais vinculadas ao emocional, geralmente mais sérias e mortais, não no sentido de morte, mas assuntos sérios como a morte. A forma como escrevo cada palavra faz parte do que está sendo dito.

Para finalizar, algumas perguntas sobre sua visita ao Brasil. É sua primeira vez aqui, certo? Como tem sido a experiência?

Sim, é a primeira vez. Tem sido ótimo! Gostaria muito de ter mais tempo, eu estou exausto, realmente cansado e tem tanta coisa para visitar que eu estou me sentindo sobrecarregado. Gostaria mesmo de poder ficar mais tempo aqui, mas definitivamente quero voltar logo e passar um tempo maior, pois sinto que vi tão pouco e São Paulo é o tipo de cidade de que gosto, caótica e enorme. Alguns lugares me lembram San Francisco, outras Sidney (Austrália), às vezes Nova York...

E o quanto você conhece sobre a cena de arte brasileira, você conheceu alguns artistas locais?

Sim, eu conheci muitos por meio da Galeria (Choque Cultural) e do Jonathan (LeVine), e gostei muito da energia deles. Sinto que os artistas daqui estão realmente correndo atrás, de uma forma positiva, e me lembram de uma época na Filadélfia quando a cena de pôsteres, de sair para colar coisas na rua, estava muito forte e em todo lugar que você ia havia algo bacana e original. Aqui, todo lugar que você olha na rua tem algo muito legal e isso é realmente inspirador!

Saiba Mais:

www.jonathanlevinegallery.com
www.choquecultural.com.br

O INCANSÁVEL VICTOR RICE

Por Arthur Dantas e Fernando Sanches . Fotos por Caroline Bittencourt

"Eu estava com o Rodrigo (Cerqueira, ex-Skuba, atual Firebug) pelo centro e perguntei que prédio era aquele, com cara de Blade Runner. Era o Copan. Ele me falou que tinha desde quitinete até duplex, pobre e rico morando junto. Como eu sou meio socialista, gostei muito daquilo." Essa frase, sobre o local que Victor Rice, 41, escolheu para morar em São Paulo faz onze anos, é auto-explicativa sobre a personalidade do famoso baixista e produtor de ritmos jamaicanos.

Victor é um dos "gringos" (viveu sua vida adulta na cidade de Nova York) mais gente fina a participar da cena musical independente de São Paulo - outro, certamente, seria o trompetista de Chicago Rob Mazurek - conquistando, por meio de seu carisma e trato do idioma inconfundível ("meu", "irado" e "certeza" são palavras marcantes em sua fala), a simpatia imediata de quem o conhece. Que o diga a famosa família proprietária do Estúdio Rocha, em São Paulo. Comandado pelo patriarca Cláudio Takara (sempre "protegido" pelo cão boxer Pascoal), o estúdio conta com os serviços de seus três filhos: Maurício Takara (SP Underground, Hurtmold etc.), Daniel Ganjaman (Instituto) e Fernando Sanches (CPM 22).

Quando sugeri a participação de Fernando na entrevista, Victor sentenciou: *"Ele é o cara, sabe exatamente como gosto das coisas e se não tivesse um estúdio como o Rocha aqui, com equipamento e pessoas legais, eu não estaria aqui"*. Assim, o que vocês acompanham é a bem-humorada conversa entre dois produtores e um leigo sobre produções musicais, vida no Brasil, música jamaicana, turnês e a divisão entre fãs do The Police e do The Clash. »

“HOJE EU PENSO QUE O CLASH MOSTROU PARA O MUNDO QUE NÃO É COMO SE TOCA QUE IMPORTA, E SIM A MÚSICA, AS LETRAS - AINDA QUE NÃO GOSTE DE LETRAS EM MÚSICA.”

Porque você ficou aqui?
Victor . Eu tinha uma namorada brasileira.

Hm, sempre tem mulher nessas histórias. (risos)
Victor . Quase sempre. O relacionamento não deu certo, mas já era: estava apaixonado pela cidade.

Fernando . **E você ficou um tempo em Paraty (cidade histórica no litoral do Rio de Janeiro) para aprender a falar português, né?**
Victor . Eu achava o som do português muito musical. Escutava bossa-nova no conservatório. E toquei muito isso em festa de casamento. (risos) Eu tive oito aulas particulares lá. Mas sabendo que precisava falar direito para conversar, o Matthias (promotor alemão de bandas de metal) falou: “Melhor você não ir pra São Paulo direto porque ninguém vai aguentar seu inglês mal feito”.(risos) Eu fui para Parati e fiquei dois meses tocando baixo nos bares. Lá é turístico e tinha muito lugar pra tocar. Toda noite tinha uns três grupos e ninguém tinha baixista para tocar bossa-nova. Mas voltei para São Paulo com sotaque fluminense, falando gíria velha de música, como “tudo azul”. (risos) Daí chegaram e falaram (imita o pessoal com cara de descontentamento) “não é assim, não” (risos).

Você começou tocando rock?
Victor . Foi culpa do Led Zeppellin. Eu tentei tocar uma música deles no violão do meu pai, mas não consegui. Fiquei duas semanas tentando e desisti. Daí tentei a “Immigrant Song” (faixa de abertura do álbum *Led Zeppelin III*). Começa só guitarra e bateria (faz com a boca), daí entra o vocal (imita um gritinho à la Robert Plant) e no fim do primeiro verso entra o baixo. Eu pensei: “Esse deve ser o baixo, né?” Daí falei: “É o baixista que manda!” (risos) Virei baixista por causa do John Paul Jones.

E você ainda gosta do John Paul Jones?
Victor . Muito, mas depois descobri que as melhores linhas de baixo dele eram do James Jamerson, baixista da (histórico selo de música negra americana) Motown.

Fernando . **Seu envolvimento com a música jamaicana veio pelo baixo?**
Victor . É, eu já gostava porque meu irmão mais velho ouvia Bob Marley, Peter Tosh e Jimmy Cliff. Reggae é a melhor música pra baixista, sempre soube disso.

Você começou a tocar baixo no fim dos anos 70. O Clash era uma banda muito popular em Nova York no início dos anos 80...
Victor . Comecei em 1980. Eu não gostava do Clash. Na minha época tinha os que gostavam do Police ou do Clash. Eu gostava do Police porque eles sabiam tocar, eram bem treinados, aquela coisa de músico. Hoje eu penso que o Clash mostrou para o mundo que não é como se toca que importa, e sim a música, as letras - ainda que não goste de letras em música.
Fernando . Mas teve uma época em que você foi para o conservatório, pegou pesado nos estudos, tocou baixo acústico, música erudita, Bela Bartok...
Victor . É. Quando decidi ser baixista, fui para uma loja conseguir aulas. Porque até os 13 anos eu sabia que queria ser médico cirúrgico gastro-intestinal. (risos gerais) E isso desde os 11 anos. (mais risos) Eu lia livros sobre o assunto e queria fazer aquilo. Daí perguntei para alguém quando poderia praticar medicina. Falaram que, mais ou menos, aos 26 anos. Daí pensei: “Meu, a vida já é uma bosta agora, imagina mais treze anos??” Daí fui para o baixo, porque podia fazer aquilo na hora, ninguém ia morrer e eu podia fazer aquilo. Com 15 anos já tinha certeza de que iria ser baixista. Fui para o conservatório com 18 anos.

Victor e Fernando: Parceiros na produção.

Então você entrou na cena da terceira onda do ska em Nova York completamente preparado.

Victor . Exato, a época dos Toasters, Second Step, essa galera. Comecei a tocar com os Scofflaws, que naquele momento era a única banda da Costa Leste dos Estados Unidos que tocava como os Skatalites, com baixo acústico, meio jazz. Estávamos levando a sério aquilo...

Fernando . Nada de palhetada pra cima (fala do modo típico de como as bandas da terceira onda tocavam ska).

Victor . É, nada daquilo. Nós nos achávamos os caras. (risos) Até que escutei o Hepcat de Los Angeles, e eles já faziam aquilo muito melhor.

Fernando, qual é a particularidade nas produções do Victor?

Fernando . **O Victor tem uma sonoridade única, que remete às coisas jamaicanas dos anos 60**. Não é uma sonoridade padrão de gravadora, usa muita compressão. Aquelas frequências tidas como chiques, ele arranca fora nas mixagens. Eu sempre gostei da sonoridade que ele tira. Nessa sessão de gravação do Skuba, onde eu o conheci, ele me deu uma coletânea que tinha um som dele e de cara foi o que mais gostei. Era uma coletânea padrão da terceira onda do ska, e a sonoridade dele era muito diferente.

Victor . É, foi de onde vim mesmo. Sabe o que aconteceu? Eu não comecei tocando. Eu fui para um estúdio e fazia aquela ligação entre os músicos e engenheiro de som, para cuidar do orçamento. Sempre pedia pra mexer nas máquinas e o engenheiro falava não. Eu gosto de ver a luz vermelha acender,[luz que indica som muito alto] por isso virei engenheiro de som.

Fernando . É, a gente é mais da teoria de que se a luz tá ali é para acender (risos).

Victor . Você tem que escutar sem ter que olhar para a luz. Esses dias o Fernando me mostrou uns compressores antigos que chegaram ao estúdio e falou: “Nem olha pra eles, só escuta”.

Fernando . É engraçado que a maioria das pessoas hoje em dia começa a mexer na engenharia de som por causa disso: ou era estúdio de crente ou era de metal, e ninguém sabia o que você queria. Uma vez pedi pra aumentar a guitarra e o cara falou não, que se eu quisesse fazer daquele jeito que fizesse eu mesmo. Então aprendi e fiz, e descobri como era bom mexer naqueles botões (risos).

Victor . O Fernando indicou um cara com reputação para fazer a masterização do *In America*, e eu não gostei nem um pouco, quase chorei. Ele (o produtor) falou: “Você toca bem, escreve bem, compõe bem, tem que deixar para outra pessoa produzir”. Eu me lembro bem disso, muito bem... (risos) Daí falei novamente com o Fernando e disse: “Agora é você que vai fazer, porque você sabe do que eu gosto”.

Fernando . E eu nem tinha os equipamentos, fazia as coisas no computador. Pedi emprestado de uma loja e fiz. E o prazo era meio louco, tanto que a versão americana saiu com a masterização que havia sido feita antes.

Quem é o maior produtor de reggae pra você?

Victor . Tem o Lee Perry, que foi o primeiro, o experimentador. Mas o som de que gosto mais, acho quente, lindo lindo, é o do Leslie Kong, que produziu os Gladiators, os primeiros do Desmond Dekker, Toots & The Maytals. As pessoas têm essa concepção errada de que os jamaicanos faziam tudo meia-boca. Mas eles tinham uma concepção de áudio muito melhor que os americanos daquela época.

Você já foi para a Jamaica?

Victor . Ainda não. Sem motivo, sem trabalho, não tenho vontade. Gosto de ficar em uma cidade onde tenho algo pra fazer.

Fernando . **Você já trabalhou com outros jamaicanos além do Glenn Brown (famoso artista que gravou com King Tubby, entre outros)**.

Victor . Toquei baixo com Desmond Dekker (primeiro artista jamaicano a fazer sucesso na Inglaterra), com o Congo Ashanti Roy.

Fernando . É uma pena que o disco do (músico jamaicano) Glen Brown não tenha saído.

Victor . Mas "saiu" lá na Java [famosa festa de ritmos jamaicanos em São Paulo, comandada pelo DJ Yellow P.]. Eu fiz o disco do Glen Brown em Nova York, com um produtor bem novo e mixei tudo aqui no Rocha. Depois o Glen pediu a voz mais alta, refiz tudo. Daí achou que tinha que estar mais baixa e falou: "Quer saber? Eu mesmo vou fazer!" O disco nunca saiu, mas eu tenho a minha versão, de que gosto muito. Mostrei para o Yellow P., ele me pediu para gravar pra ele. Dois meses depois, fui à festa dele, já tava tocando o disco, ele havia feito um dubplate em vinil e pronto: tá rolando lá na festa. (risos)

Você acabou ficando em São Paulo por causa da namorada. A cena musical daqui te interessava também?

Victor . Na verdade, quando comecei a falar pra minha namorada que eu queria ficar aqui, ela ficou chateada porque estava de olho em ir para Nova York comigo. (muitos risos) Daí estragou o namoro. E já era: eu estava apaixonado pela cidade. Quando entrei em Nova York em 1985 era marginal e gostoso, e aqui também é marginal e gostoso. (risos) Tava de saco cheio de neve também.

Você fez primeiro o *Dub Side Of The Moon* (álbum de 2003 do Easy All-Stars, uma versão dub do mais famoso disco do Pink Floyd)...

Victor . Nesse só toquei baixo. Fui o terceiro cara a tocar. Teve um jamaicano primeiro, mas não deu certo. Nesse disco tem compasso em sete, não é só par. E música jamaicana só tem compasso de um até quatro, não tem cinco. (risos) E tá bom: a música é perfeita em quatro mesmo.

Fernando . É como o Fusca, só quatro marchas.

Victor (animado) . É isso mesmo! E já é perfeito! (risos)

E no *Radiodread* (álbum de 2005, versões dubs do Radiohead)?

Victor . Toquei baixo também. Nesse já fui o segundo cara a tocar baixo. (risos) Fiquei mais perto. Me chamaram pra mixar e fiz no Rocha.

E no *Sgt. Peppers* (próximo álbum a sair, pelos mesmos Easy All-Stars)?

Victor (com sorriso no rosto) . Nesse disco, fui o primeiro baixista e não teve segundo. (muitos risos) Gravei duas vezes tudo, porque não viajo com meu baixo, um Fender de 1965. Na verdade o som está nos meus dedos, não no baixo. Mas o som do baixo que eu usei na gravação não estava legal, daí refiz tudo. Gravei tudo no Copan.

Fernando . Você acha que o Paul McCartney vai gostar das suas linhas de baixo na versão dub do *Sgt. Peppers*?

Você gosta dele como baixista?

Victor . Nossa, adoro! Mas sei que o George Martin é muito responsável pelo som da banda. E o baixo é tão claro nesse disco, é irado. Eu ouvi dizer que o Paul entrava no estúdio depois de todo mundo só pra colocar baixo e voz.

Fernando . Esse é um disco muito do Paul McCartney. Você já era fã desse disco?

Victor . Claro, muito. Eu já tinha escrito todas as linhas de baixo antes. No primeiro disco, o produtor tinha muita dificuldade para achar um baixista que gostasse de Pink Floyd e reggae. E eu falei: "Opa, eu!" (risos) No *Radiodread* eu falei: "Meu, vocês estão fazendo Radiohead? Irado, adoro *Ok Computer*". E dez anos atrás, eu tinha sido convidado para tocar em um tributo aos Beatles, já tinha todas as linhas de baixo escritas. Cheguei no estúdio e já falei: "Meu, tenho todas as músicas escritas aqui". E o produtor, "ah, eu também tenho aqui". Então tá bom, né? Você que manda (risos).

“AS PESSOAS TÊM ESSA CONCEPÇÃO ERRADA DE QUE OS JAMAICANOS FAZIAM TUDO MEIA-BOCA. MAS ELES TINHAM UMA CONCEPÇÃO DE ÁUDIO MUITO MELHOR QUE OS AMERICANOS DAQUELA ÉPOCA.”

Fernando . Você tem algum disco que gostaria de fazer versão dub?
Victor (empolgado) . Claro, claro! Quando eles escolhem um, eu já tenho vinte na cabeça. Bom, acho que eu posso contar: eles haviam pensado no *What's Going On*, do Marvin Gaye...
Fernando . Nossa! James Jamerson (baixista clássico da Motown que tocou neste álbum).
Victor . É, falei: “Meu, vocês têm que fazer isso!” (risos) Mas eles falaram que só eu e mais trinta pessoas iríam comprar. Beleza, falei para o produtor que eu ia fazer aquilo. Porque eles queriam marketing e eu quero música.

Fernando . Turnê com banda você nem pensa, né? Agora só com o seu *sound system*?
Victor . É. Viajar com banda é um saco. Todo mundo quer parar para comer três vezes por dia. (risos) Eu tenho o metabolismo de uma cobra.

Fernando . A melhor turnê é você e o GPS?
Victor . Certeza. Nessa última turnê só com um motorista foi ruim, o cara ficava perguntando quando íamos parar para comer. (risos) E a pior pergunta de todas era: “Que horas você vai parar de tocar hoje à noite?” Meu, eu quero começar a tocar quando ninguém estiver no lugar e só sair com as latinhas, quando estiverem limpando o lugar. (muitos risos) Eu fui para a Europa para tocar, não para dormir! Eu durmo três horas e já estou bem. Meu motorista, que nem sabia dirigir, se perdeu muito, ficou doente e precisou voltar para a Suíça. Quer saber? Adorei! Eu, o livro de turnê, um guia e o GPS.
Fernando . Ele voltou com uma frase boa: “Meu, quero casar com a mulher da voz do GPS, ela só fala coisas que eu quero ouvir”. (muitos risos)

Além de bossa-nova para casamento, o que mais você conhece de música brasileira?
Victor . Eu tô curtindo muito samba-rock. Acho muito parecido com rocksteady. Faz uns anos que estou tentando unir os dois. Quero fazer uma batida que brasileiro vai identificar com samba-rock e jamaicano vai achar que é rocksteady. Até agora não consegui fazer isso, mas tá rendendo coisa boa pelo caminho.

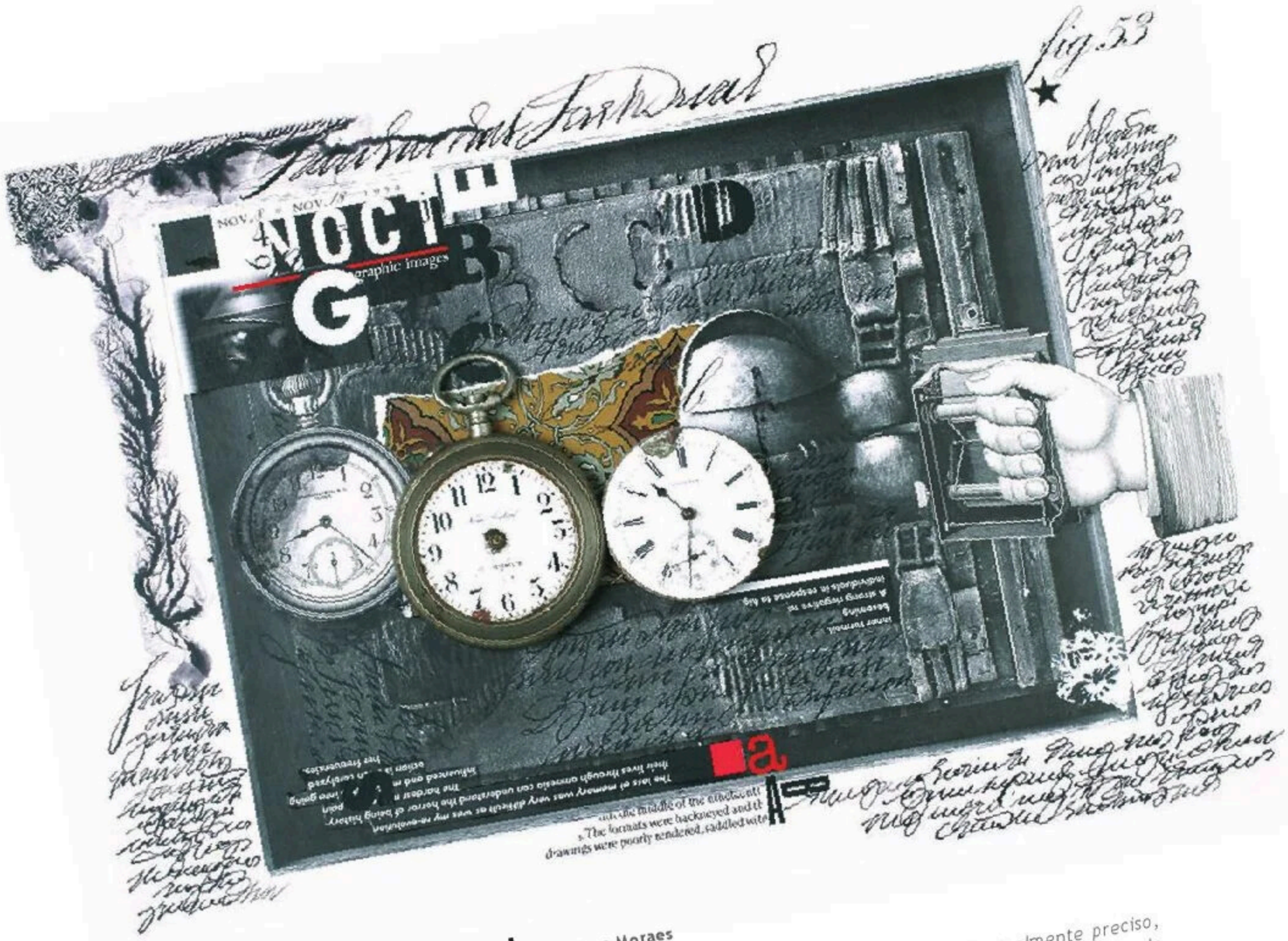
O que te interessa agora é samba-rock?
Victor . E chorinho, que não conhecia até chegar aqui. Gosto de samba também. Tocar no restaurante Balzac com um grupo de samba mudou meu jeito de tocar.

O que você escuta além de música jamaicana?
Victor . O problema é que no meu trabalho eu só escuto música.
Fernando . Isso acontece muito comigo também. Passo semanas sem escutar música em casa. Mas a última vez que te liguei você estava ouvindo (o cantor pop inglês) Seal para alinhar os monitores. (risos)
Victor . Meu, esse som é perfeito para alinhar monitor! Seal é perfeito, muito bem-feito. O cara que produziu esse disco (se refere ao álbum do cantor de 1991, produzido por Trevor Horn) é muito bom. Se você quer saber se um monitor é bom ou não, escuta a música “Crazy”. (risos)

» Saiba Mais
myspace.com/victorrice

Você encontra um vídeo exclusivo e a conversa na íntegra em www.maissoma.com

representation



Tide Vive! Por Tiago Moraes

Mestre da caligrafia e das colagens, artista inquieto, compulsivo e magistralmente preciso, fazia com as mãos o que muitos não conseguem fazer nem com a versão mais avançada do Photoshop. Munido de sua inseparável tesoura, bico-de-pena, pincel e, principalmente, um olhar único para a composição, arrisco dizer que **Tide Hellmeister** é um dos maiores e mais consistentes artistas de colagens de todos os tempos.

Tive a sorte de conhecer essa incrível figura pessoalmente em maio de 2007, época em que estávamos produzindo o embrião do que seria a primeira edição da +Soma, e ele, sem pestanejar, aceitou prontamente nosso convite para participar do projeto "Volta às Aulas".

Logo que entrei em seu pequeno apartamento no centro de São Paulo, me senti privilegiado por ser gentilmente convidado a conhecer seu universo tão rico e particular. Meu olhar transitava incrédulo por paredes e mais paredes cobertas de obras, livros e, principalmente, por algumas obras em processo que dividiam espaço sobre uma mesa de madeira com seus instrumentos devidamente organizados. Era incrível pensar que ali, naquela mesa à minha frente, era onde a mágica acontecia.

Tive ainda uma segunda oportunidade de sentar frente a frente com o mestre e é impressionante como, em ambas as vezes, saí de lá renovado, feliz e extremamente motivado.

Tide partiu para outro plano no último dia de 2008, após complicações em uma cirurgia no coração. Fiquei profundamente triste ao ler a breve notícia no jornal sobre sua morte e, instantaneamente, pensei comigo: sua memória merece muito mais do que uma simples nota.

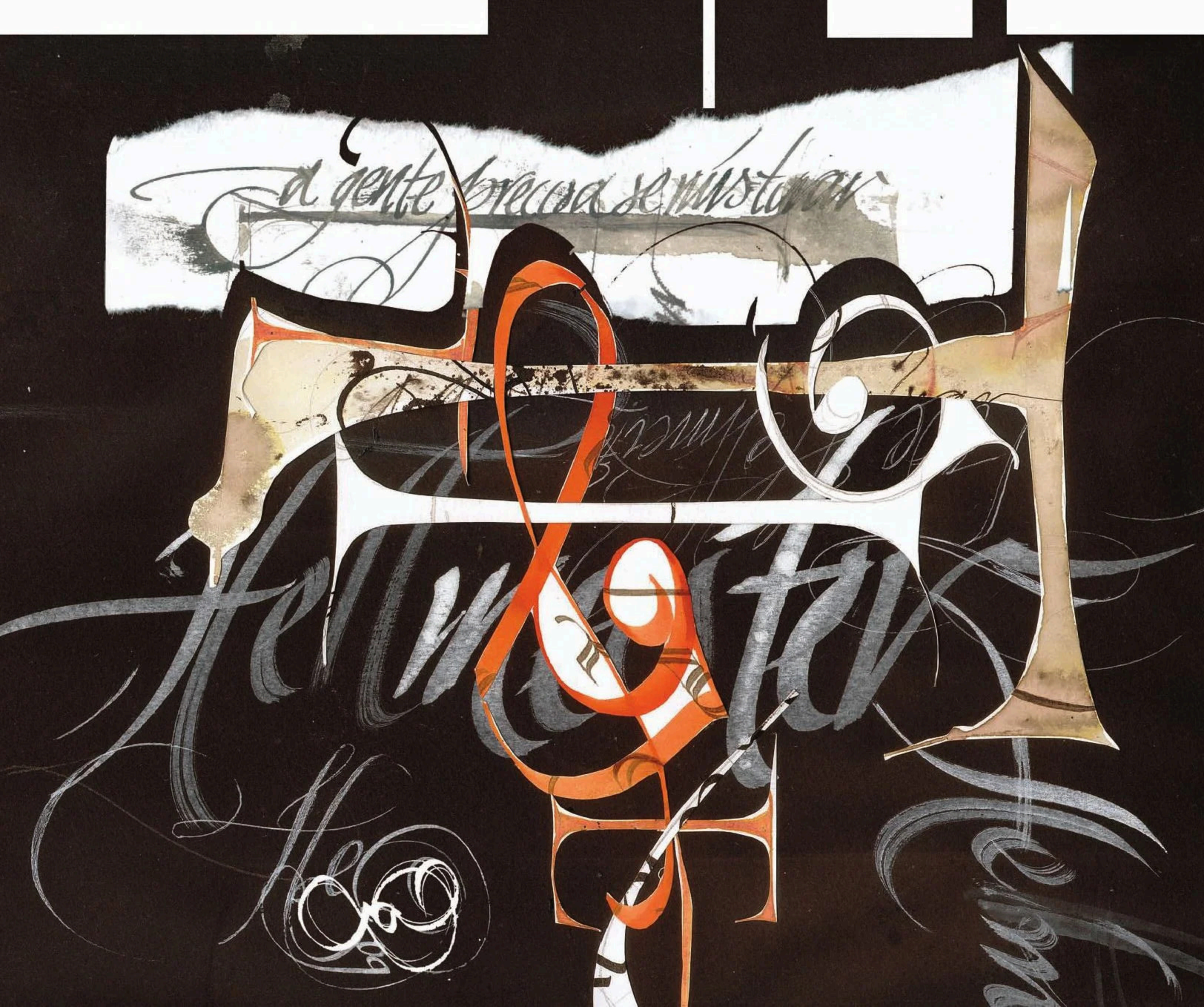
Decidi então convidar pessoas que foram, assim como eu, profundamente impactadas pela obra de Tide. **Cláudio Gil**, **Cláudio Rocha**, **Eduardo Recife**, **Flávio Samelo** e **Tony de Marco** foram os convocados para prestar uma justa homenagem a ele e mostrar que, mesmo não estando mais entre nós, sua obra e legado está mais viva do que nunca, impactando e inspirando novas gerações. »

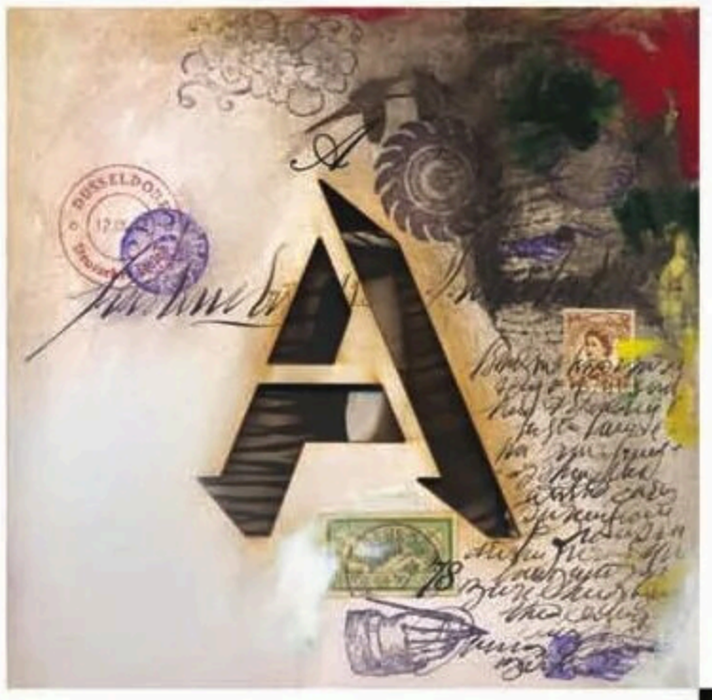
Por **Flávio Samelo & Tide Hellmeister** . Fotógrafo e Artista Plástico

O que mais me impressionava nele era a quantidade e a qualidade da produção. Quando fizemos a exposição juntos, ele terminou a parte dele uma semana antes do que tinhamos combinado e, como ele tinha curtido fazer as obras a quatro mãos, me ligava pedindo para eu ir a sua casa para desenharmos mais juntos e fazer mais trabalhos como fizemos. Por isso, a exposição teve um encerramento com quase o dobro de obras inéditas, pois a gente produziu muito junto, foi uma parceria monstro e até hoje ainda encontro umas coisas que fizemos e eu nem lembrava de ter feito, quase dois anos depois. Outra coisa que me impressionava nele era não ter medo de nada. Um dia combinei com o Cláudio Rocha, Ricardinho e o Wagner dos PIGMEUS pra levar ele lá no Capão Redondo (periferia sul de São Paulo) e ele pirou. Foi uma experiência gigantesca, para todos. Muito bom humor, inteligência para ver as coisas e criticar quando necessário, ele me ensinou muita coisa de arte e técnica e vai continuar ensinando por muitos e muitos anos. É nois, Tidão!

Por **Cláudio Gil** . Caligrafo

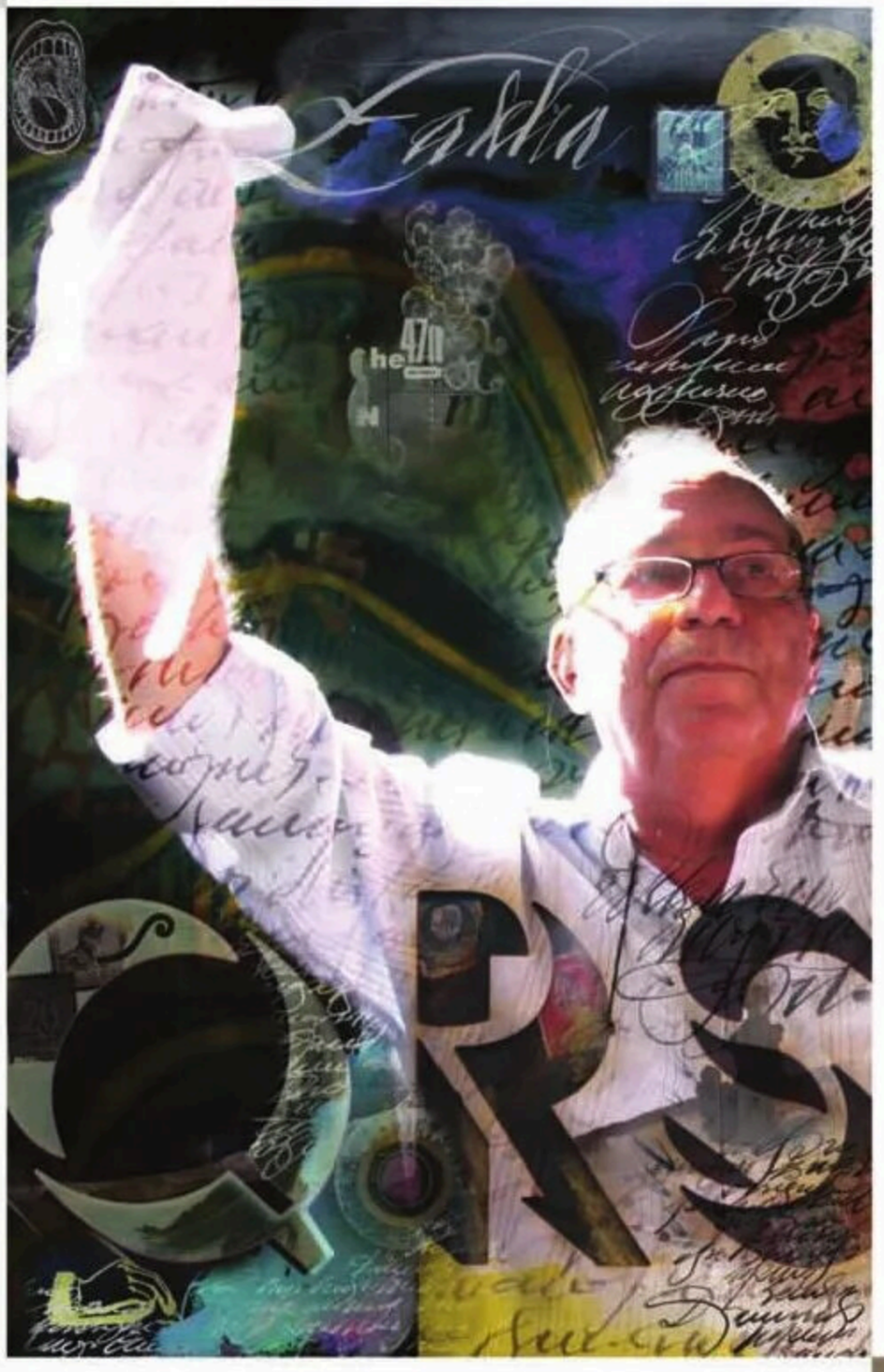
Estive perto de conhecer o Tide pessoalmente duas vezes - e as duas bateram na trave. Problemas com a saúde dele. Vi seus trabalho pela primeira vez na coluna "O Diário da Corte" do Paulo Francis, há quase vinte anos. De lá pra cá parecia ser impossivel não reconhecer qualquer coisa que ele tivesse feito. Eu fiquei vidrado. O cara era o caligrafo da colagem, preciso e precioso. Foi por meio de uma amiga, a Andréa Branco, que escutei a frase que ele sempre dizia e que resolvi usar na minha colagem: a gente precisa se misturar. Tudo a ver, não é? Acho que a vida é isso, diversidade.


a gente precisa se mistorar



Por **Tony** *de Marco* . Artista Plástico e Tipógrafo

Durante muito tempo, Tide Hellmeister foi uma figura solene para mim. Ávido leitor do Francis, acompanhava sua arte lendo o Estadão dentro da redação da Folha, onde eu era ilustrador. Olhando seu trabalho magnífico, imaginava um senhor muito sério, um caligrafo rigoroso, um metódico, enfim. Muito (e bota muito nisso) tempo depois descobri o quanto estava enganado. Pessoalmente, o gentil, caótico e bonachão Tide era muito mais divertido do que o sr. Hellmeister que eu havia imaginado.

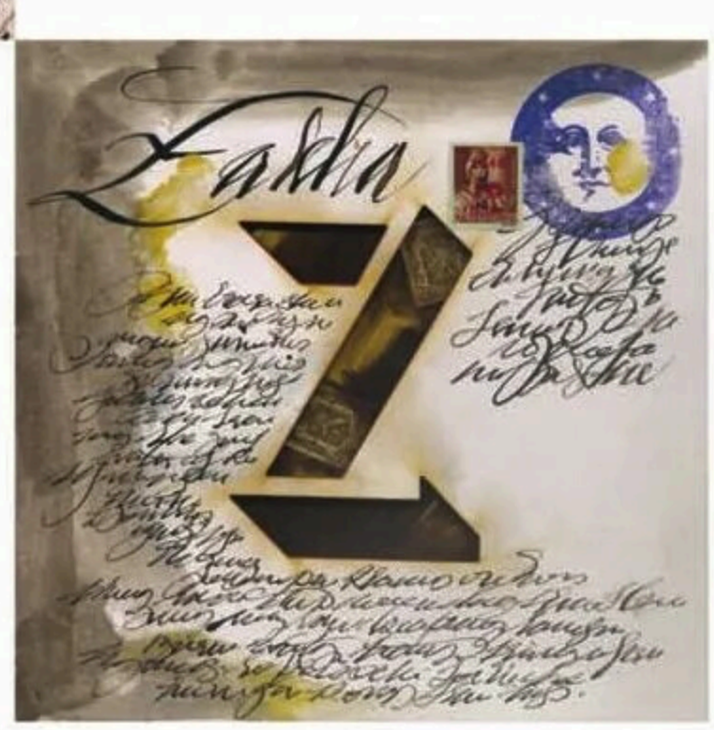


Por **Cláudio** *Rocha* . Designer e Tipógrafo

Difícil explicar o que o Tide fazia com esse pano na mão... mas posso dizer que foi um momento mágico. O sol entrando pelo telhado de um barraco na periferia de São Paulo iluminou o nosso amigo e aqueceu por alguns instantes as nossas esperanças por um mundo mais digno. Magia pode explicar muita coisa, inclusive o trabalho de Aristides Hellmeister, que ele fazia como que por encanto.

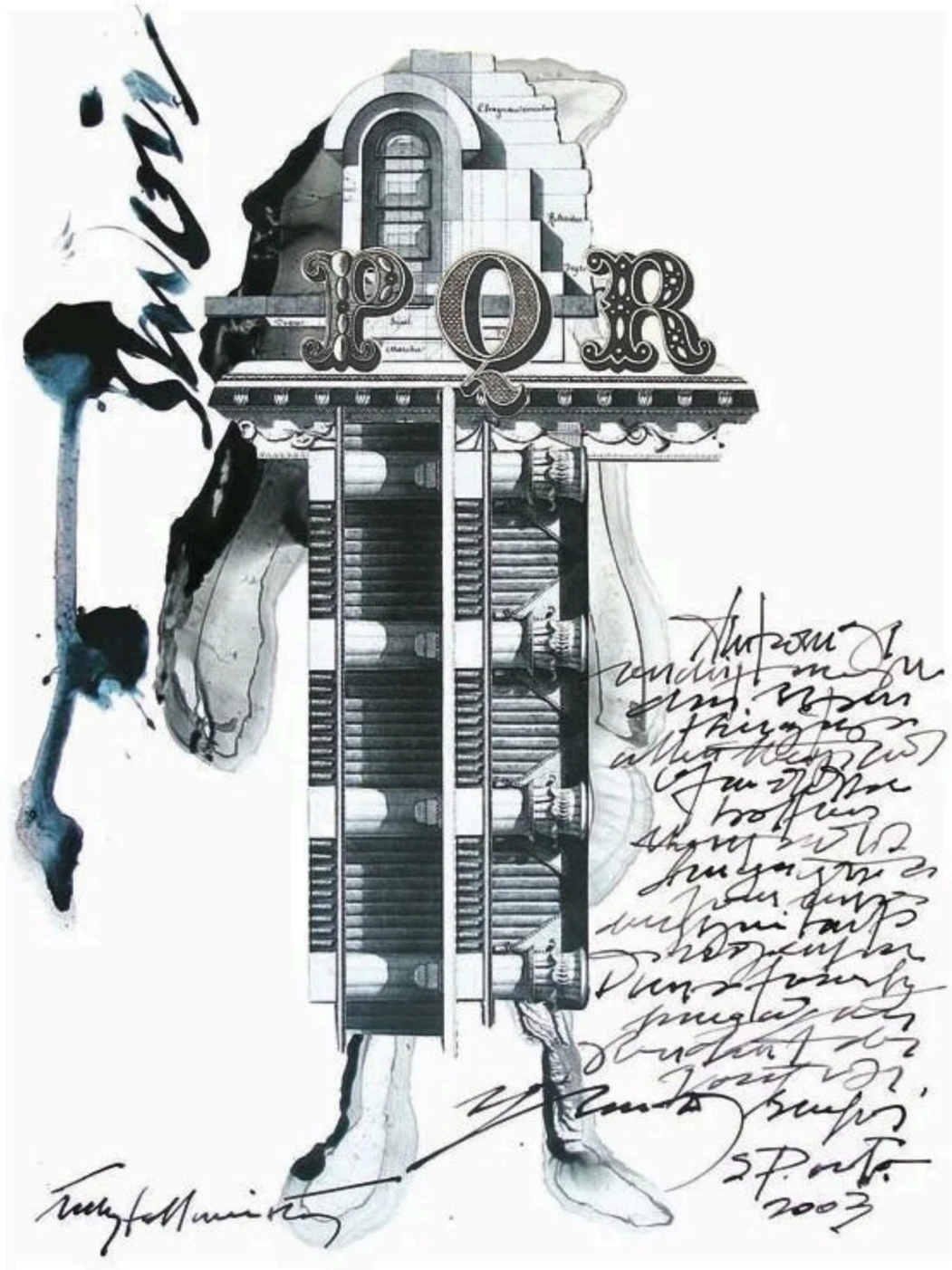
A paixão compartilhada pelos alfabetos nos aproximou e proporcionou muita diversão gráfica. Essa colagem eletrônico-fotográfica reúne alguns dos trabalhos que o Ari (como eu gostava de zoar ele) fez durante nossa parceria. Entre eles, uma capa para a revista Tupigrafia 5, *memorável.*

Ai, Tide, fica com Deus...!



Por **Eduardo Recife** . Designer e Tipógrafo ▸

Conheci o trabalho do Tide muito tarde. Foi em 2005, quando estava finalizando uma fonte digital (LeKing) baseada em colagens de vários alfabetos ornamentais. Foi nesta época que alguém me apresentou o trabalho do Tide por meio do livro: Capitular Collage. *Lembro de ter ficado hipnotizado com cada página deste livro pela beleza, delicadeza e criatividade com que ele tratava cada letra do alfabeto. Não posso dizer que o trabalho dele me inspirou nesta época. Pelo contrário: o que aconteceu foi que comecei a achar minhas fontes muito sem graça comparadas à grandeza e força do trabalho dele. Tide conseguia dar vida a cada letra do alfabeto de forma muito expressiva e particular.*

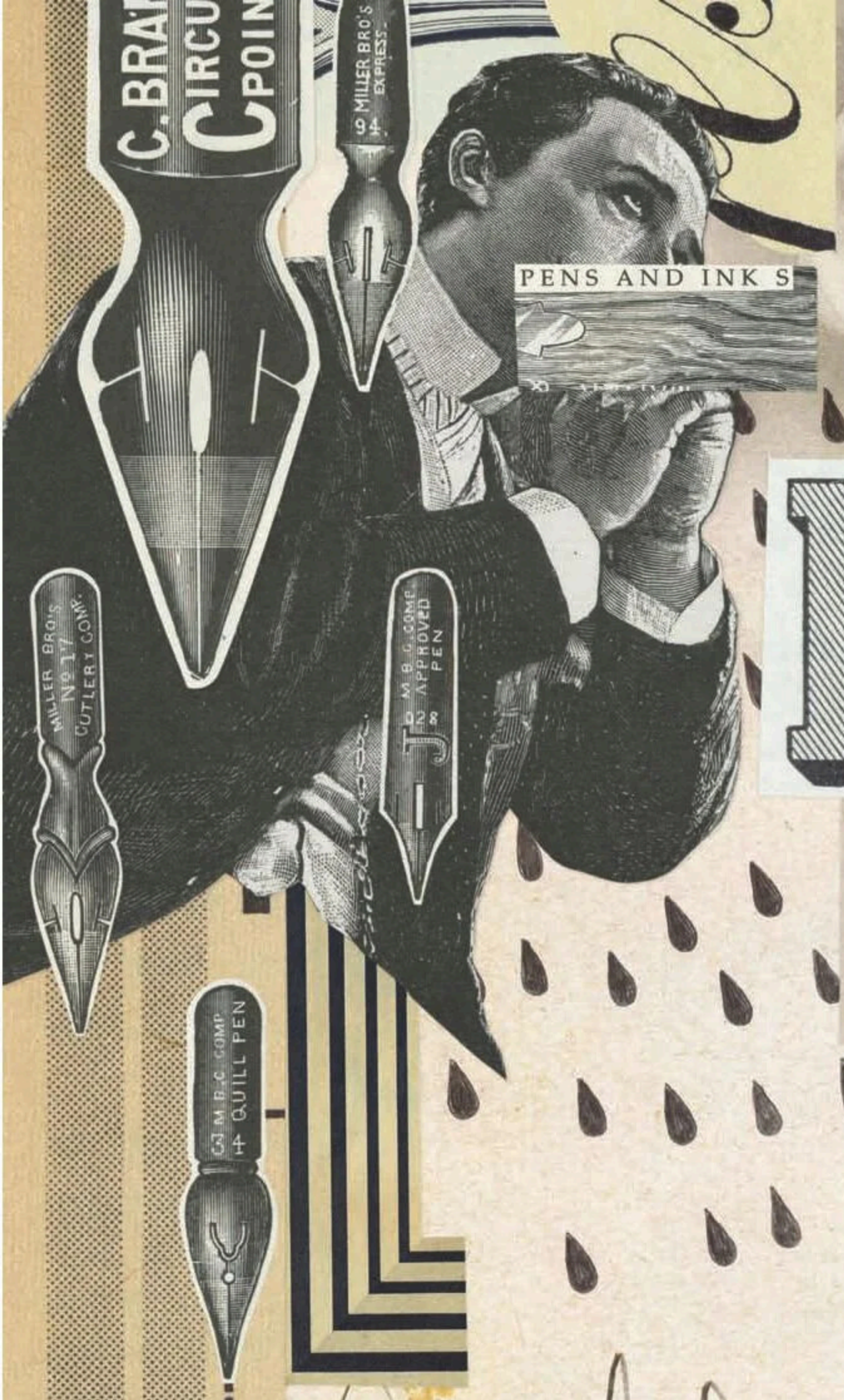


◂ Aristides "Tide" **Hellmeister**

1924 . 2008

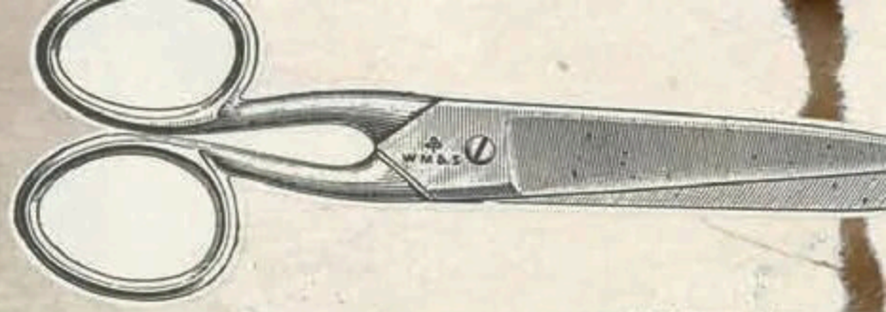
"Recorte em Paz"

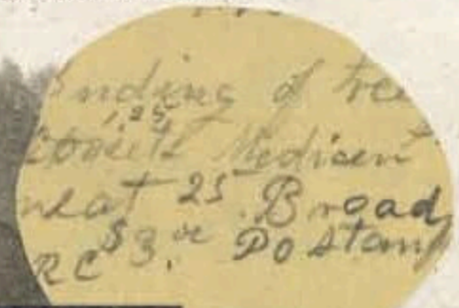
▸ **Veja Mais:**
www.collages.com.br


C. BRAD
CIRCU
POINT
MILLER BRO'S
EXPRESS
MILLER BRO'S
Nº 17
CUTLERY COMP.
M B & C COMP
APPROVED
PEN
M B & C COMP
QUILL PEN

PENS AND INK S

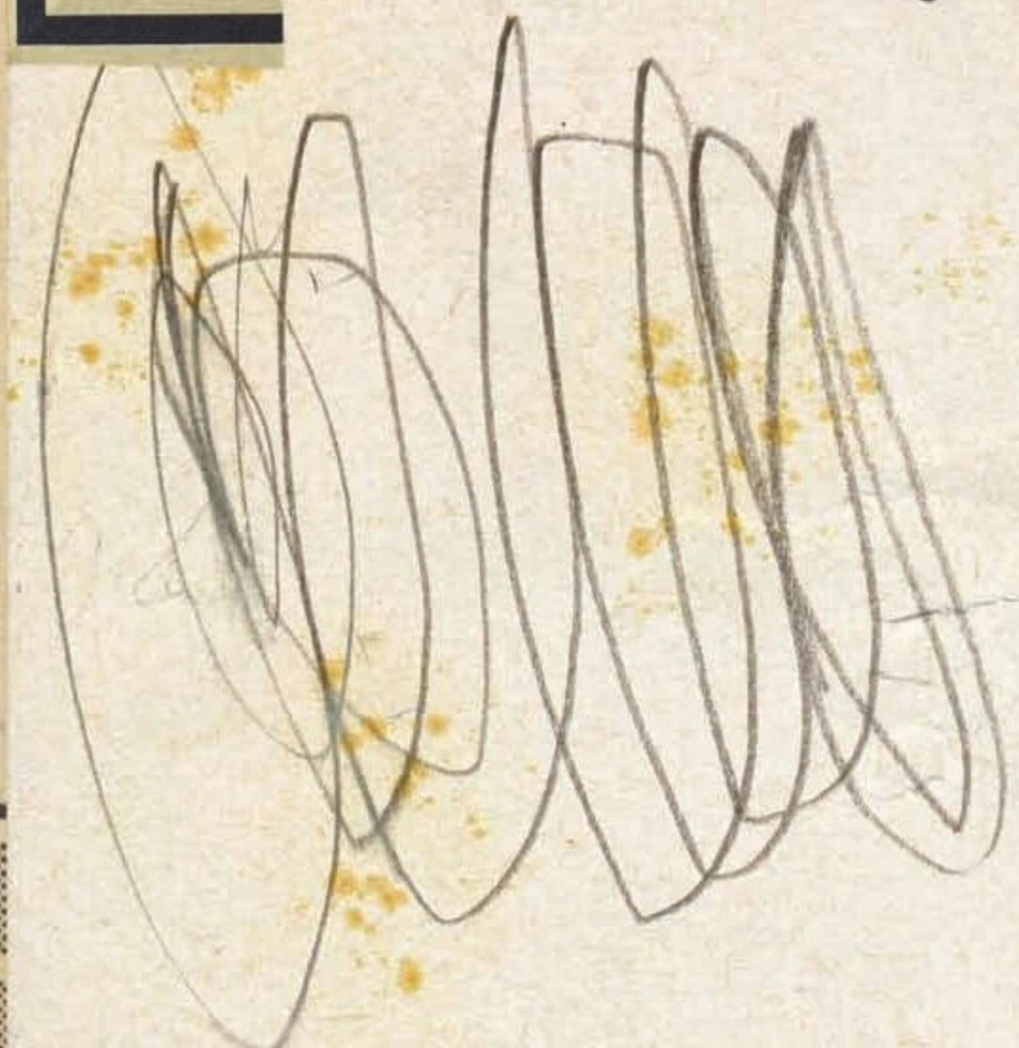
MILLER BRO'S.
FAVORITE.
115.



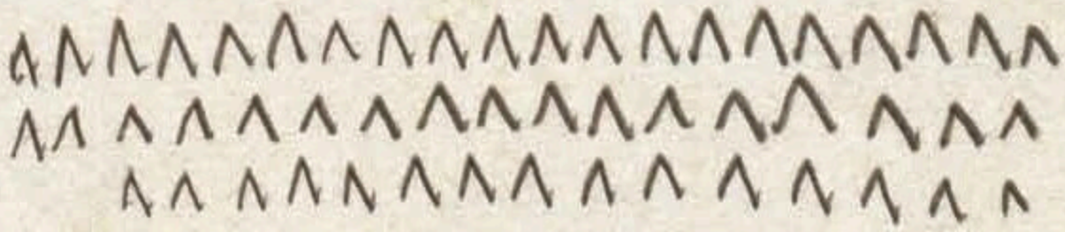


Rest
Peace

CARTER'S
BLACK LETTER
INK



42 08



Zé DoidiM com DoiS Pés no Chão

Por Arthur Dantas

"Como você se definiria, se isso for possível?"
"Rapaz, não sei. Sei lá, sou um viciado em guitarras."

Fernando Catatau, um dos guitarristas mais versáteis e singulares da música brasileira, líder e mentor de sua cria, o Cidadão Instigado, é sim um aficionado por guitarras. Mas também é o colecionador de amplificadores, o produtor que finaliza o álbum novo de Arnaldo Antunes, o colecionador de histórias que vagam na fina fronteira entre a crônica social e o surrealismo, o possível campeão de surf em sua Fortaleza natal, o sujeito que gosta de fotografar, mas parou, gosta de desenhar, mas não se empenha. É um e é nenhum. É 100 mil. É o ansioso em constante agonia, insone a sofrer de gastrite. Como ele quer acreditar, "libriano típico. Sou libra com ascendente em Libra." ⏩

Ditado por astros ou não, este repórter, libriano idem, se identifica desde sempre com Fernando Eduardo Ary Júnior, 37 anos, o nosso Catatau. Ou melhor: se identifica com a multiplicidade de Fernandos que se sobressaem em seus alter egos intensos e observadores, seres impossíveis com os dois pés fincados na realidade. “Decidi olhar de novo para as estrelas, / quem sabe dessa vez, depois de mais uma dose / eu possa conseguir enxergá-las melhor, / mas no fundo tudo não passa de uma fuga.” Na canção “Noite Daquelas”, Catatau dispensa qualquer postulado filosófico materialista para definir nossa condição demasiadamente humana, em que somos irremediavelmente ligados à realidade objetiva, nua e crua.

Da explosão multicolorida de seu primeiro álbum, *O Ciclo da Decadência* (2002), surgiu a síntese, não menos eloquente, do premiado *Método Túfo de Experiências*, de 2005. “O primeiro era mais bagunçado mesmo, tinha a ver com o momento que eu estava vivendo. O *Método Túfo* é mais simples, mais direto.” Na nossa entrevista, Fernando Catatau, oito anos de vida em São Paulo, sugere que tudo é prosaico, muito mais simples do que aparenta. Porém seus trabalhos lançados até então, e ao que tudo indica seu aguardado terceiro álbum - a sair ainda em 2009 -, não facilitam nossa compreensão, ainda que tenham contornos visceralmente populares, resultantes do que a Wikipédia chama de “um rock influenciado pela música nordestina e pelo rock dos anos 70, além da música romântica ‘brega’ brasileira”. Sintético, mas ainda falta algo, e é esse elemento a mais que costuma cativar a pequena legião de fãs do artista.

"Não quero estar recuando / o meu sentimento / a minha alegria / eu sinto que você está chegando / mas se recusa a aceitar"

A cosmogonia de herois da música popular a que o garoto Catatau foi exposto dá dimensão e explica muito do que ele faz hoje frente ao Cidadão Instigado. “Minha família escutava MPB: Fagner, Nara Leão, Elis Regina... Na casa da minha avó por parte de pai, ouvia-se muito Roberto Carlos, muito rádio. Em Fortaleza, nessa época em que eu era pivete, as rádios AM tocavam carimbó, esse forrós, e tocavam muita música internacional lenta. George Michael, Menudos, Cindy Lauper; tudo isso fazia e faz muito sucesso lá - parou no tempo mesmo. Com 13 anos, um amigo me deu uma fita cassete do Pink Floyd para escutar, e quando eu ouvi endoidei.
Aí eu disse: ‘Meu irmão, vou ser roqueiro!’ Me lembro disso.
Eu desci - morava à beira-mar - e fui até o fim da praia conversar com os hippies, era pivete ainda. Minha mãe me deu uma guitarra, fiquei tentando tocar, mas não consegui muito, não. Vendi a guitarra e fui pro bodyboard, andar de skate... fazer as coisas que a molecada normalmente faz.”

Quem são os artistas nordestinos “históricos” que você gosta na MPB?
Sou fã do Fagner desde o início, lembro de escutar muito ainda criança. Meus tios fizeram um bingo para uma escola de samba e chamaram o Fagner pra tocar, voz e violão, do lado da Igreja do Mucuripe. Bingo de farofa e galinha rolando, e eu sentado ali, pivetinho, na beira do palco. Sou muito fã dele mesmo.

E hoje em dia você ainda acompanha a carreira dele?
Cara, conheço pouca coisa. O Fagner me chamou agora pra fazer uma versão de uma música antiga dele, mas é uma coisa que ainda estamos conversando, não tá certo. Eu conheci ele agora, dois dias antes de voltar de Fortaleza. Me chamou pra fazer essa versão e achei massa.

E o Roberto Carlos, você é conhecido por ser um grande fã dele.
Roberto Carlos faz parte da cultura da maioria do povo brasileiro. Talvez para os mais jovens não. Porque por mais que vejam todo fim de ano, já veem como uma coisa ruim desde os anos 80 e pronto. Pra mim, que vivi a coisa muito forte, não tem como.
O Roberto Carlos é o maior cantor popular brasileiro.

Depois dos anos 80, o Roberto Carlos ainda te interessa?
Cara, confesso que não ouvi o suficiente para te dizer. Tem uma música ou outra que acho legal. Mas gosto mesmo até o início dos anos 80. Mas ainda é o melhor cantor de todos. Fui ver o show dele - o primeiro que vi dele - tem uns quatro anos e foi emocionante.

Quais são seus guitarristas prediletos?
Cara, gosto muito de cantor para me inspirar em melodia de guitarra. No começo gostava muito de saxofonista, escutava Dexter Gordon. Comecei gostando muito de David Gilmour, Santana, o Randy Rhoads (guitarrista da fase solo de Ozzy Osbourne) tinha uns solos muito bonitos, Iron Maiden. Mas o Santana foi quem me despertou para outra onda de guitarra - pouca nota e que fala bastante. Ele foi muito importante para mim. Gosto muito também do Robert Smith, do The Cure.

E guitarristas brasileiros?
O (Edgar) Scandurra é o melhor de todos. Eu trabalhei com ele no disco do Arnaldo e foi impressionate, bicho! É o *guitar hero* pra mim.

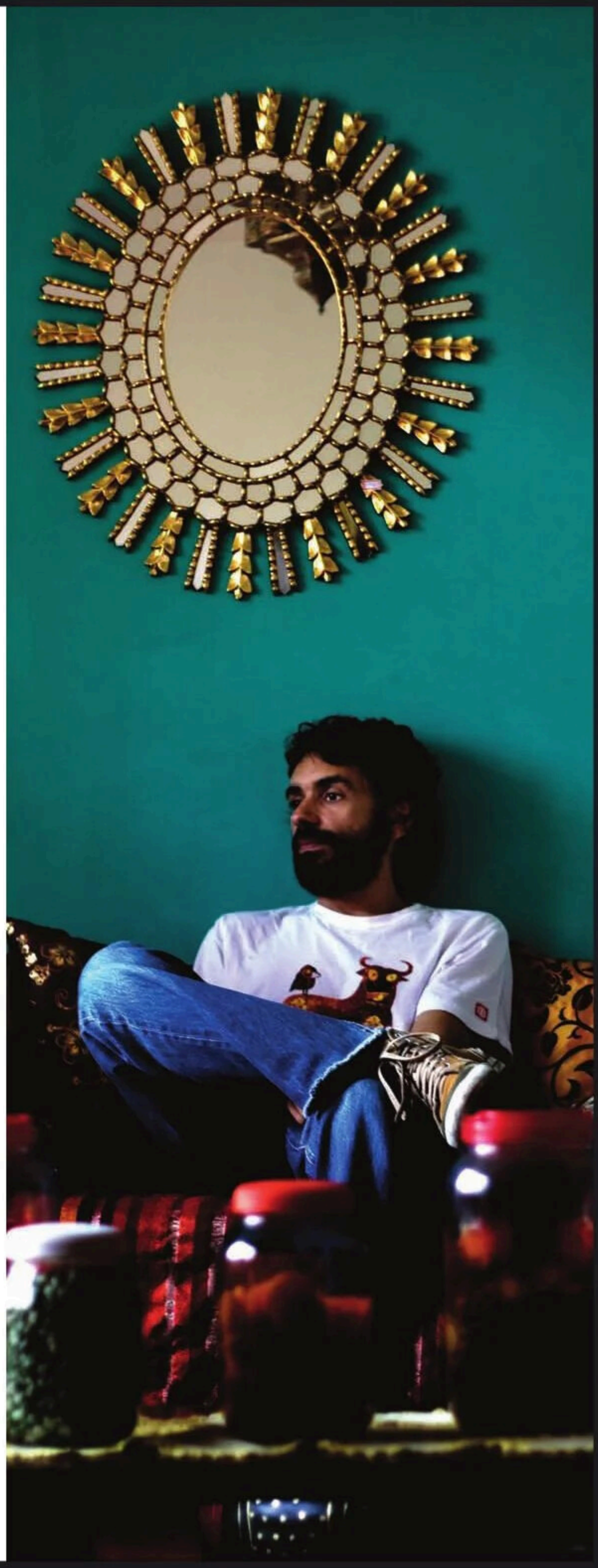
Pepeu Gomes na época dos Novos Baianos te interessa?
Pepeu é foda também, mas conheço pouco. Tem o Sérgio Dias, que ainda acho foda. Robertinho do Recife fez muita coisa boa, tocava muito, gravou com o Fagner em vários discos.

E guitarrada?
Isso é um lance que me influenciou muito desde criança. A primeira música que aprendi foi "Praia de Iracema" (canção clássica de Mestre Curica), que tocava muito em Fortaleza. Sempre gostei muito do Aldo Sena e do Vieira (grandes mestres do ritmo conhecido como guitarrada, muito popular no Norte e Nordeste do país).

Quando voltou à guitarra, aos 18 anos, o filho de uma comerciante e de um piloto de rally dono de oficina - ambos falidos pelo Plano Collor, como explica Catatau - montou uma banda chamada Companhia Blue. "A gente não era blues, fazíamos balada pop também, o Junior Boca (hoje guitarrista de Otto e do Trio Esmeril) tinha influência de Barão. A gente fazia cover do Hendrix, Santana. Não era blues, mas tínhamos uma base no blues."

O guitarrista, que ganhou notoriedade por unir de forma plena e suave solos de guitarra afeitos ao rock progressivo com a música romântica popular brasileira, carimbó, funk, eletrônica e o que mais pintar na frente, veio para São Paulo - ainda destino da franca maioria de artistas talentosos do Nordeste - tentar vender o peixe de sua primeira banda. Não conseguiu êxito na empreitada e acabou ficando um tempo por aqui, o que, além das dificuldades vividas, lhe deu a substância necessária para unir seu amor por guitarras a uma verve ultrarromântica com pendências melancólicas e questionamentos e observações perspicazes de realidade. Realidade em que cabe pintos de peito e nuvens de algodão, mas ainda realidade. Tudo narrado ou cantado em sua voz que, se não agrada de imediato, acrescenta nuances interessantes ao imaginário do Cidadão Instigado.

Você é autoditada, não?
Eu estudei algumas vezes, mas os estudos sempre foram meio soltos. Comecei mesmo tocando com a galera, tocando com a minha banda. A banda era eu, o Junior Boca, o Régis, que é o outro guitarrista do Cidadão, e tinha o Hamilton, baterista lá de Fortaleza. Tinha outra banda chamada Tribo, que sempre fazia show junto, saca? E a Tribo era o Ryan, que é o baixista do Cidadão e do Dustan, que também tocou com a gente. Então era sempre a mesma galera desde essa época.



Sua primeira vez em São Paulo mudou seu jeito de pensar música?
Ah, sim, foi muito pesado. Foi quando comecei a criar as coisas do Cidadão. Era muito difícil. Eu morava na Barata Ribeiro, perto do [bairro boêmio no centro da capital paulista] Bexiga, e o meu prédio era todo do tráfico, um esquema pesado. Em 1995 fui para o Rio, passei um ano meio conturbado por lá. Voltei em 96 e montei a banda. Tinha apenas uma música.

Você é muito respeitado pelos outros guitarristas e sua primeira relação com o instrumento nem foi tão suave.
Eu tinha o jeito pra tocar, mas sempre fui preguiçoso. Aprendi a tocar com o Boca e o Régis sabe? Lembro que no primeiro ensaio fiquei segurando a guitarra e olhando pra galera, não sabia tocar nenhuma música e a galera toda tocava tudinho. Eu lembro muito disso!
Fui pegando aos pouquinhos, mas sempre fui assim, "enganchado" no começo.

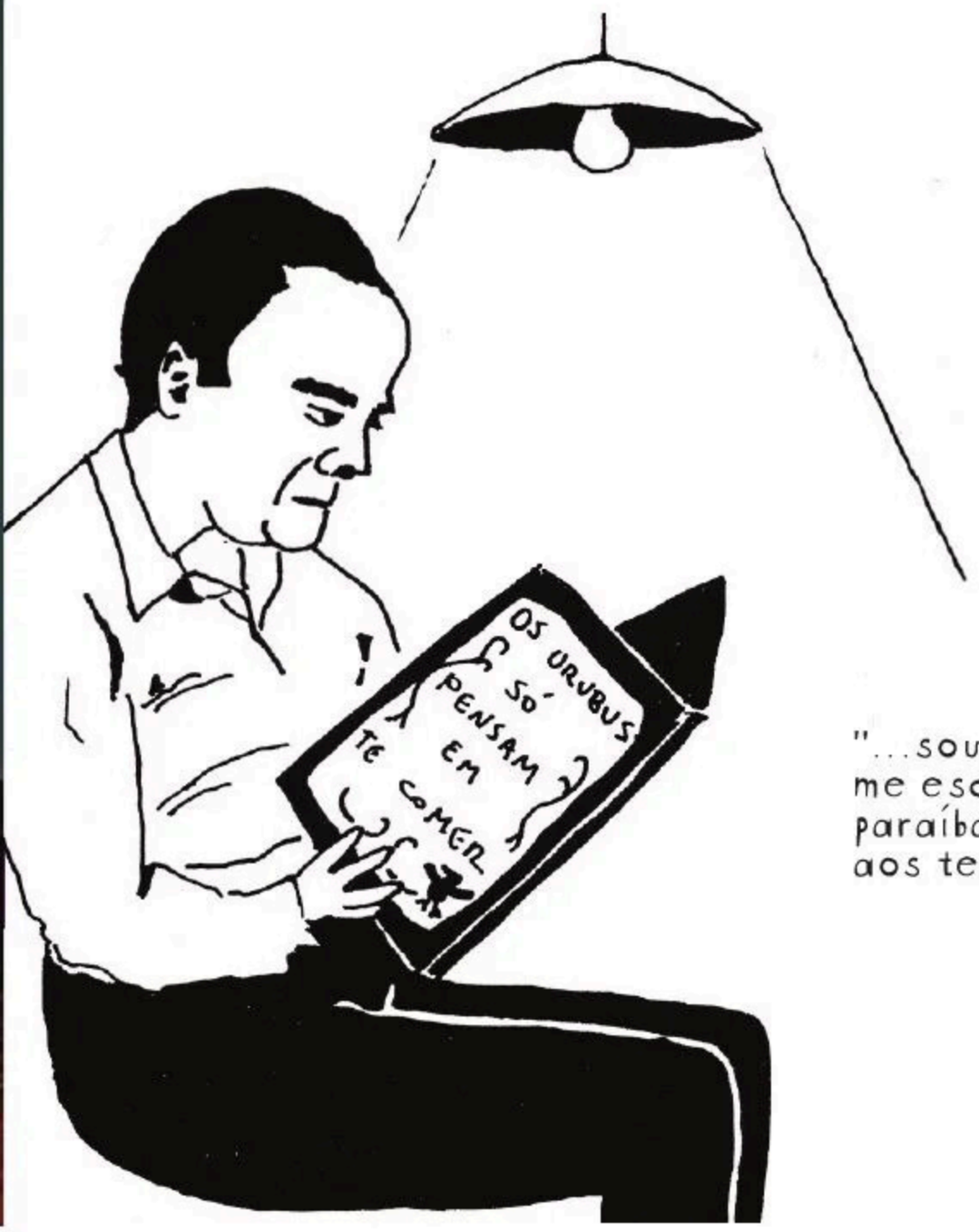
Você cantou pela primeira vez com o Cidadão?
Foi. Lembro que no começo eu era muito desafinado, ainda tenho minhas desafinações e tal, mas hoje consigo achar um caminho.
E antes pra suprir as coisas eu ia falando e inventando. No segundo álbum tem mais canção e, nesse terceiro, não tem nenhuma fala. Só canção mesmo.

Tem uma coisa em seus trabalhos de contar histórias de pessoas desajustadas.
No fundo, são coisas meio pessoais. Porque sempre me senti um pouco assim, desde pivete. Acho que agora é o tempo em que estou me sentindo menos assim, tô mais bem resolvido. Só que eu era moleque, magro pra caramba, queria ser fortinho para as meninas olharem (risos), e quando você é adolescente isso faz toda a diferença.

Mas atualmente você faz sucesso com as garotas, hein? Isso não é jogo de cena, não? (risos)
Não sei de nada disso, não. (risos) Mas tudo isso era antes, quando era garoto. Quando vim pra cá, eu via muito essas coisas, a maior deprê, andando ali do Bexiga para a avenida Paulista, vendo uma galera fodida na rua.

O que te interessa na estética da guitarra, na sonoridade que é mais própria dela? Você coleciona guitarras antigas...
Isso é uma coisa física mesmo, as guitarras novas não conseguem me agradar, sou muito problemático com a coisa do som. Até com minhas guitarras eu crio problema. Tô sempre procurando um som que nunca acho. Por isso troco de guitarra o tempo todo. Só mantenho a Gianinni Craviola, a Hofner, uma Triumph e a "madeirinha" (guitarra feita por um luthier). Eu tô com umas onze guitarras agora. Amplificador eu tô com três no momento.

Terá algum desses personagens que você desenvolveu anteriormente ?
Rapaz, tem alguns personagens, sim. Tem uma música nova chamada "O Nada", em que o verso principal fala: "Abram as portas de suas casas, que os ladrões vão levar tudo que puderem". É essa coisa de você abrir a sua casa e levarem tudo, não necessariamente material, para zerar a vida, começar do zero. Tem outra em que falo das ovelhinhas que pulam a cerca e caem todas em um precipício, daí só restam os vermes no mundo pra comer aquela carne toda. Cada um vê de uma forma essas histórias.



"...sou meio empenado, talvez até desafinado, / mas eu não me escondo, e não me engano, /e se você me chamar de paraíba ou baiano não vai me soar estranho / pois eu sei que aos teus olhos eu sou apenas um incômodo"

Muitas músicas românticas no disco novo?
Tem algumas. Mas se você olhar, no segundo só tem duas, a primeira e a última.

Mas também são duas de cortar os pulsos, né?
Pois é. Imagina como foi pra mim, quando me separei, tendo que cantar essas músicas no palco?

Pensa em algum produtor para um disco do Cidadão?
Dá uma preguiça chamar alguém e dar errado. Porque é uma coisa muito difícil, sou muito perfeccionista, e protejo muito o Cidadão. Tem um cara, que se não fosse tão psicodélico, tão dentro do mundo dele, eu chamaria, que é o Júpiter Maçã. Já fui muito mais noiado com o Cidadão, fazia produção, capa de disco, mas hoje eu tô mais relax.

Quem vai lançar esse disco?
Não sei. Eu tirei meus discos dos selos anteriores, sem crise, sem brigas. Agora quero organizar tudo por um selo só. A gente ganhou o Prêmio Pixinguinha, da Funarte, e vem uma grana pra gravar o disco e fazer três shows. Vou fazer do jeito que eu quero mesmo.

E essas capas que você faz? Gosta de desenhar?
Eu sempre desenhei, inclusive tô montando um livro para publicar. Meus desenhos são todos em preto-e-branco. Mas nada do que faço tem muita regularidade. Sou libriano típico. Libra com libra.

Eu também. Você fica muito agoniado pra terminar as coisas?
Rapaz, nem me fala nisso. Fico agoniado, passo mal de gastrite, não durmo.

O Cidadão Instigado é um projeto que muito provavelmente se encontra naquela fase que podemos chamar de auge artístico. "A gente vai que vai, força jovem total!", brinca Fernando, que ainda tem energia para tocar com Cibelle, Otto e Instituto, além de fazer algumas produções musicais. Boa parte do Brasil e cidades na Alemanha e Espanha tiveram o privilégio de ver as densas e marcantes apresentações do grupo, que além de Catatau, Régis e Ryan Batista, conta com um quarto elemento fixo, o baterista paulistano Clayton Martins.

Músicos afiadíssimos e um líder que consegue cada vez mais dar um norte para sua aparente confusão mental e sensibilidade à flor da pele, criando um amálgama que resulta em experiência sonora crucial que diz muito sobre o próprio país, conciliando cultura popular, rock refinado, lamento amoroso e capacidade alucinatória de leitura do cotidiano. "Sou perfeccionista, mas não me garanto muito não, sabe? Sou muito bagunçado. Tem um lance forte meu que é ficar 'noiado' com algo. Uma época encanei que ia fotografar. Li tudo que podia de técnica, de lentes e sai fotografando igual a um louco. Desencanei e fui para o desenho. Desenhei um monte e parei também." O amor pelas guitarras manterá Catatau na música? Acompanhemos a carreira do sujeito: o que vier promete ser sempre muito bom. ◂

» Saiba Mais:
myspace.com/cidadaoinstigado

Renato Silva conta como a artista Monica Rizzolli mescla padronagens de espaços públicos e uma visão peculiar de corpos que sintetizam uma atitude em relação a vida. "Não me canso de olhar as pessoas nas ruas, como elas se relacionam."

MONICA RIZZOLLI, PADRÕES E RELAÇÕES.

Por Renato Silva

No ano de 2008, visitei uma exibição de jovens artistas, dessas que pipocam pela cidade de São Paulo. Inúmeras, por vezes, dão a impressão de que estamos no grande celeiro criativo do Brasil. Ledo engano. Se pensarmos no tamanho de nosso país e em como São Paulo concentra o maior número de galerias e museus, é razoável que isso influencie de maneira tendenciosa a divulgação dos trabalhos de quem expõe por aqui. O que me intrigou nessa mostra foi o enorme texto em uma das paredes que antecedia as salas expositórias.

O curador - figura renomada no circuito - insistia tanto em elevar o potencial dos artistas, explanando sobre os trabalhos, fontes, referências, que poderíamos voltar daquele ponto sem adentrar a sala e conferir a mostra, tamanha capacidade retórica do sujeito. Era o que eu deveria ter feito. Algumas poucas pinturas, aquarelas e uma infinidade de fotografias me deram a impressão de que aquele curador merecia ser indicado à Academia Brasileira de Letras. Essa cena tomou de assalto minha mente quando ia em direção à casa de Monica Rizzolli. Caberia sua arte naquele espaço? Certamente se destacaria em meio àquele ajuntamento de pretensão e lugares-comuns.

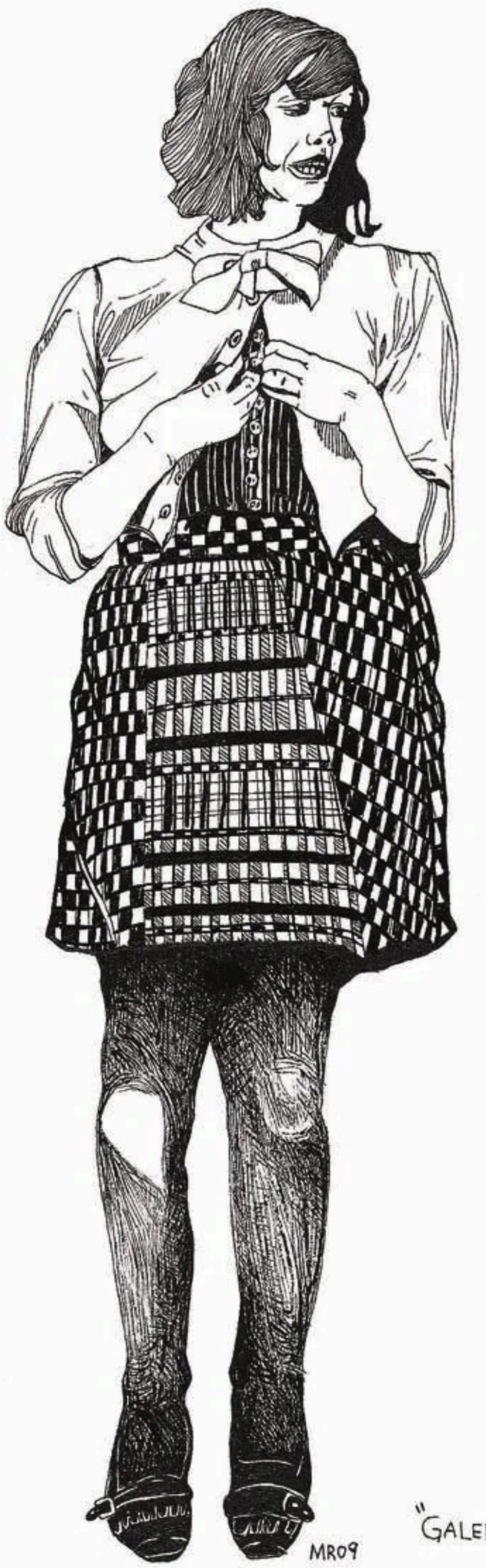
Rizzolli aposta no experimentalismo dentro da pintura, e apresenta como diferencial um uso peculiar de padronização em seu trabalho. **"Ando pelas ruas e busco elementos de padronagem nos muros, azulejos, em todos os cantos e os copio em meu caderno."** São camadas de cores que se avolumam no espaço branco do papel, fazendo por vezes uma interessante inversão com a figura humana que certamente estará ali, como foco principal. Porém, por diversas vezes, esse marcante ataque de cores e formas geométricas acaba assumindo o foco primeiro.

Falar dessa figura humana nos desenhos e pinturas de Monica Rizzolli é estabelecer diálogo direto com seu maior foco, que está ligado umbilicalmente ao comportamento humano cotidiano. Nada mais significativo nesse sentido do que os registros para a série atual, que fará parte de um livro que será lançado pela editora Demônio Negro com o título provisório de *Urbanas*. Os desenhos acompanharão textos de Andrea Del Fuego, Márcia Bechara e Yara Camillo, dentre outras. **"Sou completamente vidrada por relações humanas. Não somente o corpo em si, mas sim como se esse fosse a materialização de uma atitude. Não me canso de olhar as pessoas nas ruas, como elas se relacionam."** A paixão pela pintura veio de berço. Sentados na sala de seu apartamento na região central da capital paulistana, Rizzolli me mostra uma tela com o retrato de uma menina sorridente: "Aquela ali sou eu. Foi na primeira vez que entrei num ateliê de pintura, tinha cinco anos. Minha mãe encomendou a um tio meu retrato. Ele me deu uma caixinha de tinta a óleo, que acabei por não aceitar, porque achei que fosse fazer falta para ele".

Ao contrário do que possamos imaginar, não foi por estar numa família onde a arte era prática costumeira que Monica teve apoio. "Eu não aprendi tanto quanto poderia ter aprendido com meu avô, que teve um pai que estudou artes plásticas na Faculdade de Belas Artes do Rio de Janeiro e nem com meu tio. Por serem de família italiana tradicionalista, o machismo era forte entre eles. Para minha mãe, eu não deveria entrar na tipografia de meu avô. Aquele era lugar para homens."

Estudou artes plásticas em duas universidades. O primeiro ano de estudos foi na Federal de Belo Horizonte: "Era meu sonho. Fiz isso pela qualidade da universidade. Os ateliês são incríveis, há um laboratório de holografia, estúdio de animação, um prédio de gravura, tem uma tipografia. É coisa de outro mundo. Eu fiquei um ano por lá e foi incrível. A parte conceitual era forte, assim como a técnica. Eu tinha oito horas de modelo vivo por semana. Quando vim estudar na UNESP, não tive uma aula sequer em cinco anos. A UNESP me ajudou na possibilidade de interagir com outras linguagens, o que deu maior amplitude na composição em meu trabalho".

Monica Rizzolli é uma dessas figuras compenetradas, intensa em relação ao trabalho. Adquiriu experiência nas mais diversas linguagens como forma de incrementar sua técnica: "Fiz oficina de gravura, litogravura com Roberto Gyarf, um alemão que ainda me



"Galeria Ouro Fino"

permitiu que eu o ajudasse em seu ateliê. Tinha 15 anos e minha mãe continuava com aquela ideia de que eu não deveria estar ali. Nessa época conheci artistas como o Paulo Nenflídio". A lembrança do nome de Nenflídio - artista que alia tecnologias distintas em sua criação, que podem ir do trabalho em marcenaria , por exemplo - nos leva à discussão sobre novas técnicas utilizadas na arte atual.

"O desenvolvimento tecnológico não pode estar ligado somente às mídias atuais, o computador... a caneta foi um desenvolvimento tecnológico, assim como um lápis crayon.Tem essa história de que a litogravura foi substituída pelo off-set, e esse pelo digital. Não. Isso tudo é questão mercadológica. A ideia de produção de imagem não pode carregar essa coisa da substituição. São meios de produção de imagem e você escolhe o resultado final que deseja para o seu trabalho, mas não existe essa coisa da ruptura. Não experimento novas técnicas por uma opção pessoal - tenho uma relação corporal com o papel e me interessa como isso marcará o espaço do quadro. Não me desperta desejo o uso do computador. Mas também não tenho qualquer preconceito."

Pergunto a Monica o nome de algum desses artistas que produzem utilizando novas mídias, e a resposta não aparece. Cita então o nome de alguns pintores: "Malevich, Luiz Sacilotto, Gustav Klimt, Serbé San". Dentre os citados, nenhum nome feminino, o que me parece estranho. Questiono por quê. Em minha memória, as figuras de sua série "Fêmea" - conjunto de pinturas onde a mulher é retratada em diversas posições do ato sexual, ora dominando a cena ora em total submissão -, um dos trabalhos mais controversos em sua produção. "Eu tenho as minhas mulheres: Elis Regina, Clarice Lispector, Frida, Camille Claudel e Joan Baez. Não poderia ser mais deprimente. (risos) Sobre a série "Fêmea", é a representação da minha idéia dessas relações entre mulher e homem. Existe o problema de as pessoas confundirem tudo por ver aquelas deformações, aqueles corpos sem cabeça. Não percebem que é só pintura."

Diversos conflitos da vida de Monica Rizzolli se deram não somente pela falta de apoio familiar, mas também pela falta de condições financeiras para o desenvolvimento de seu trabalho: **"Eu vejo que a falta de grana me tirou muitas possibilidades, mas também me trouxe uma maturidade incrível.** Quando estive na Federal de Belo Horizonte, não tive condições de continuar lá, pois meus pais não tinham como me sustentar. Hoje posso dizer que até a relação com meus pais está totalmente resolvida. Minha mãe é uma de minhas maiores fãs e incentivadoras".

Se os novos artistas já saem das universidades buscando algum espaço para expor e comercializar seus trabalhos, Monica nos surpreende pela maturidade: "Tudo tem o seu tempo. Apesar de produzir muito, prefiro ter um bom conjunto de trabalhos para fazer o portfólio. Pode ser dolorido, difícil, mas é assim que procuro alicerçar minha base e ela tem que ser sólida. Um dia ouvi uma frase, do pai de uma amiga, um descendente de japoneses, que disse sobre pensar grande, mas resolver pequeno. Antes eu tinha aquela ansiedade de pensar num projeto e querer que ele se resolvesse logo, uma ansiedade sem tamanho. Hoje não, penso que é passo a passo". Para poucos. ◂

Saiba Mais
www.flickr.com/photos/mrizzolli

LOST*

Texto e Fotos Louise Chin e Ignacio Aronovich / LOST ART

* Lost in Slovenia

Metelkova e ROG ficam em Ljubljana, capital da Eslovênia, e destacam-se na cidade de 280 mil habitantes.

Metelkova é um ex-alojamento do exército iugoslavo, na Eslovênia. E ROG era o espaço de uma fábrica de bicicletas que virou squat (espaço ocupado) e centro de ativistas, agitadores culturais e artistas. Lá acontecem projeções de filmes, debates, shows, exposições, sempre com muita coisa para ver e fazer. Mais do que mero squat, moda ou tendência, Metelkova é considerado uma verdadeira reconfiguração do espaço social e artístico.

Sua história começou em 1822, quando o exército austro-húngaro construiu seu alojamento ali. Desde sua inauguração, em 1911, alojou exércitos de Belgrado, Roma, Viena, e Berlim. Em 1991, o exército iugoslavo desocupou o espaço e, desde 1993, mais de duzentos "artivistas" ocuparam o espaço.

Em 2005, Metelkova foi tombado como patrimônio cultural, e em 2006 foi ameaçado de demolição por políticos eslovenos - a situação continua indefinida. Enquanto isso, o lugar continua um polo efervescente de atividades incessantes, que incluem shows, exposições, festas, ativismo, e a maior concentração cultural alternativa da região. Definida como uma zona cultural autônoma, Metelkova lembra o East Village em Nova York no início dos anos 80. Galerias underground, shows e uma tolerância para diversidade de escolhas fez com que o local fosse vítima constante de ataques de neonazistas e skinheads.

Metelkova é o resultado de uma utopia anárquica, experimental, viva, e pulsante.

"Do it yourself" parece ser o lema que conduz seus habitantes. Um verdadeiro oásis para quem aprecia arte, música e pessoas que pensam e agem de maneira divergente. A população, muito jovem, faz com que a cidade seja dominada por uma sensação permanente de inquietude e movimento. ◂

» Saiba Mais
www.lost.art.br

STRAIGHT EDGE REVENGE!

Petko
o nabrežje

LJUBLJANA

vonzipper

RAPPIN HOOD E PARTEUM EXPERIMENTOS E INOVAÇÕES

Por Arthur Dantas

"Meu avô, quando foi registrar meu pai, não botou sobrenome nele, porque a maioria dos negros no Brasil carregava sobrenome do senhor de terras. Por causa do meu avô, já nascemos livres."

Assim, surgem Fabio Luiz, 33 anos, e Antonio Luis Júnior, 37 anos, personagens cruciais do rap sob os nomes de Parteum, o curioso e irrequieto MC e produtor que nos contou o porquê da ausência de sobrenomes em sua família, e Rappin Hood, apresentador de rádio e TV (programa Manos e Minas, na TV Cultura) e um dos mais destacados MCs do país, pioneiro e entusiasta na fusão do rap com ritmos locais.

Parteum, curioso por natureza, é um explorador implacável de beats, conhecedor de toda a história do skate (foi profissional no esporte por anos), aficionado pela ciência da produção musical. "EU SEMPRE TIVE O LANCE DE OLHAR NOS ENCARTES DOS LPS QUEM PRODUZIA CADA SOM, QUE SAMPLES ERAM USADOS ETC."

Hood, o irmão mais velho, foi o que encontrou mais resistência e peitou seus pais, já aos 14 anos, quando compôs seu primeiro rap. Criado e morador da Vila Arapuá, na região de Heliopólis, se jogou no mundão, indo atrás dos bailes black que aconteciam por toda a cidade e adquirindo o traquejo e a malandragem das ruas. Em comum, uma sólida formação cultural de berço (responsável, por exemplo, pela educação musical de ambos), a sensatez na forma como conduzem a carreira e uma vontade imensa de quebrar paradigmas estabelecidos sobre o que é ser rapper no Brasil. "EU SOU UM CARA DA EXPERIMENTAÇÃO, E MEU IRMÃO, UM CARA DA INOVAÇÃO", *define Rappin Hood.*

Se ainda pairam dúvidas sobre o peso desses dois irmãos na história da música negra recente do país, o local onde começamos a entrevista é sintomático da importância do papo com ambos: o banco onde Hood e Parteum se sentam é o mesmo onde, por diversas vezes, Hood conversara sobre o futuro, música e vida com Sabotage, o eterno poeta da favela do Canão. Se prepare, porque, como disseram os Racionais, "você está entrando no mundo da informação, autoconhecimento, denúncia e diversão". ⏩

Quem foi o MC que fez vocês cantarem rap?

Hood . No Brasil foi o Thaíde, sou fã mesmo. Conheci o Thaíde e DJ Hum em um evento aqui perto e eles que me chamaram pra ir na São Bento (estação de Metrô onde se encontrava a nata do rap paulistano), quando era moleque. Internacional, com certeza, é o Chuck D, do Public Enemy.

Parteum . O meu é mais complicado explicar. Eu gostava muito do grupo Hyerogliphics, que eu vi em um vídeo da Plan B. Ali descobri esse lance de vários MCs de lugares diferentes cantarem juntos. Nesse som, tinha o Dell, o Casual, o Souls of Mischief. Em 94, quando escutei o primeiro single do Nas, fiquei louco! Comprei em Los Angeles, em fita k7, junto com o single do Jay-Z, Dead Presidents, que tinha outra base. Naquela época, era difícil ter informação, eu colava no centro, numa loja onde o [rapper] Xis trabalhava, pra comprar os discos. Muitas vezes, nos vídeos de skate, eu ficava voltando a fita e não era por causa da manobra, mas sim do som que estava tocando naquela parte. Antes do Nas, lembro muito do Slick Rick, do LL Cool J, do Chuck D, e muito do som "My Philosophy", do Boogie Down Production.
Essa música passava em um programa de clipe da [extinta] TV Manchete. E a gente tem um tio mais velho que curtia um som, sempre estivemos rodeados de música. Eu ia a uma feira livre com meu pai e escutava Tião Carrero e Pardinho, chegava em casa e meu irmão me apresentava um Funkadelic. Muitas vezes ele saía para ir aos bailes e eu ia escutar os discos dele.

Vocês começaram a fazer rap quando?

Parteum . Bem antes de ele (Hood) imaginar que eu estava fazendo (risos). Eu lembro quando o Hood chegou com uma bateria eletrônica em casa. Os mesmos caras que hoje vendem chocolate no centro, vendiam baterias eletrônicas... Em casa tinha um piano da minha irmã mais nova. Às vezes eu vinha a pé com o [skatista] Chaves da pista de São Caetano e acompanhava algumas aulas da minha irmã.

E o que seus pais escutavam em casa?

Parteum . De tudo.

Hood . O primeiro disco que eu tive do James Brown foi minha mãe que me deu. Conheci em casa o George Clinton. Quando veio a fase de Afrika Bambaataa e Grandmaster Flash, foi aí que saquei que queria fazer aquilo.

E eles apoiavam vocês?

Hood . Eles não ligavam, mas tinham aquela desconfiança, achavam que aquilo não era sério, não era profissão.

Parteum . Comigo foi assim... Quando tinha uns 14 anos meu pai falou: "Legal você andar de skate, mas teu patrocinador não te paga nada. Sou teu pai e vou sempre te ajudar. Mas você tem que ganhar dinheiro pra saber como é a vida". Aos sábados, ele falava que eu podia andar de skate o dia todo, só que em algum momento teria que ir até o trabalho dele passar algumas horas ajudando.

Hood . Quando comecei a trabalhar, era algo que eu queria, com 14 anos. Sempre passei férias no interior, na casa dos meus avós. Meu avô tinha um escritório, e às vezes me pedia pra fazer algum serviço de banco.

OLD SCH

Quando voltei, uns amigos estavam trabalhando em uma confecção e arrumei trabalho lá. Foi meu primeiro emprego registrado e nem falei pra minha família.

Parteum . Lembro que no fim do mês ele chegou com um monte de disco em casa, e minha mãe perguntou de onde ele tirou dinheiro. Daí contou que estava trabalhando.

Você viveu a época da São Bento? É verdade que você quase entrou na primeira formação do Racionais?

Hood . É verdade. Eu ia à estação São Bento desde os 14 anos. Tinha várias equipes de baile e muitos concursos de rap. E tinha um baile (clube) Viola de Ouro, onde teve um concurso para escolher quem iria gravar o *Consciência Black Vol. 1*, de onde saíram os primeiros fonogramas do Racionais. Naquela época, o KL Jay chegou e falou que ia tocar comigo, porque eu não tinha DJ. E ele tocava com o Edi Rock, formavam uma dupla, e tocava com os B.B. Boys, que eram o Mano Brown e o Ice Blue. Se eu tivesse gravado com ele naquele disco, talvez fosse o quinto elemento do Racionais. Mas ficou uma puta amizade entre nós e já matei a vontade de gravar com eles etc.

O pai de vocês era bem rígido, né?

Hood . Pra caramba!

Parteum . É até hoje. Ele tem o "poder da sugestão" (título de uma música do Parteum). Nunca fala a mesma coisa duas vezes. Lembro que teve um campeonato e eu teria que trabalhar no outro dia cedo. Ele foi me buscar, era bem tarde, em São Caetano. Ficou quieto o tempo todo e só falou: "Amanhã você pega carona comigo pro trabalho". Beleza. Seis da manhã, entrou no quarto e falou, vou contar até três... três. Tá bom, levantei! (risos)

Hood . Era tão rígido que, se você tirasse 9,5 em uma prova, teria que tirar 10. Se tirasse 10, ele falava: "Mas você é negro, tem que tirar 11". Esse é meu pai. Tive uma fase conflitante com ele, hoje em dia é um diálogo mais tranquilo.

Eu li em algum lugar que seu pai era um cara politizado.

Hood . Na verdade é o meu avô, pai da minha mãe. Ele foi perseguido pela ditadura do Vargas, teve o nome no DOPS, chegou a ser candidato a vereador em Araraquara, participava do Movimento Negro, então sempre fomos criados na mesma disciplina. Como sou neto mais velho, é quase uma sequência dos próprios filhos. Mas era uma cobrança boa, porque cresci em um ambiente militante.

Muitos jovens negros foram ter consciência de si mesmos com o rap.

Hood . O rap foi um casamento perfeito. Quando aconteceu a morte do Marcelo, primo do Ivo (Face Negra) no metrô, só porque cantava rap, meus pais tiveram medo e falaram: "Para com isso, vai te trazer problemas". Pra nós o rap foi a fome com a vontade de comer, um encontro perfeito.

Vocês quebram paradigmas e expectativas sobre o que esperar de um rapper. O Hood é identificado também com o cânone do rap nacional, mais sisudo, aquele lance gangsta, e tem um som diferente. O Parteum é muito admirado pela turma do rap underground, mais do centro da cidade e tem um elo óbvio com o rap da primeira geração de São Paulo. O que levou cada um para cada lado?

Parteum . Eu chamo isso de rap alternativo. Porque rap underground é um lance que todo mundo gosta e ninguém compra.

Quando vejo ele (Hood) conversar com o Kleber (KL Jay), com o Brown - e eu já vi isso diversas vezes na minha vida -,

"Infelizmente, não vemos hoje em dia muitos artistas de música brasileira realmente comprometidos com o futuro. Entre os que saem da média e tentam olhar para frente, certamente estão Parteum e, principalmente, Rappin' Hood. Não é que eu goste mais da música do irmão mais conhecido, mas o Rappin', em especial, tem uma coisa que atiça imediatamente os meus neurônios. Ele gosta de fazer faísca (e às vezes tacar fogo) no nosso passado musical, com resultados muitas vezes empolgantes. Eu adoro as parcerias dele com Leci Brandão e Jair Rodrigues, aquelas misturanças de samba com rap mostram o quanto são bobas as críticas (que ainda existem, por incrível que pareça) sobre o rap brasileiro ser americanizado e bobagens afins. Rappin' é filho musical do samba da Leci e do Jair, e ponto. Isso é sensacional. E ele é filho do Jair, também, pelo fato de não ficar preso a este ou àquele gênero – com a mesma naturalidade cutuca o samba, a tropicália de Caetano e Gil, o pop de multidão do Roberto Carlos, e assim por diante. Cito o Roberto Carlos de propósito, porque tive a felicidade de ouvir o que ele (Rappin' Hood) aprontou com o iê-iê-iê 'A História de um Homem Mau'. É muito, muito inteligente, afinal qual a simbologia do rapper na cabeça oca da parte mais careta e preconceituosa da nossa sociedade, senão a do 'homem mau'? Essa ferida Rappin' Hood cutucou no fundo, e com muita elegância. Pena que o 'Rei' não liberou o lançamento da música..."

Pedro Alexandre Sanches, jornalista, Carta Capital

▸ divulgação

▸ divulgação

tem um negócio que é verdadeiro... Quando ganhei o Hutúz (premiação do rap nacional), o prêmio veio das mãos da dona Ivone Lara e fiquei lembrando do disco *Pirlimpimpim*, que tinha uma música dela, e eu: "Caramba, acabei de ganhar um prêmio da Ivone Lara!" Depois ganhei os parabéns do meu irmão, do Bill, do Brown e do Smoke, do Doctor's MCs, que chegou e falou: "Ó, você pode não dar atenção para o prêmio que tá ganhando, mas eu passei da lata B para a lata A na São Bento junto com seu irmão, parabéns".

Hood (explicando o que eram as latas A e as latas B) . Era a divisão entre os rimadores mais conhecidos, o MC Jack, Thaíde etc. e os que estavam começando. Tinha o JR Brown, que era um líder lá e nos avisou da nossa promoção. Foi aquele "puta, vamos cantar agora com os caras de lá?" Foi louco.

Parteum . Sabendo de toda essa história do rap, não posso fazer as coisas de qualquer jeito, com qualquer um. Foi bom ouvir do Smoke aquilo, não peguei mal. O rap novo não tem mais isso, esse amor, esse carinho um com o outro. Não tem mais. O fato de trabalhar com estilos diferentes tem a ver com a minha criação, com o fato de ter estudado em escola de padres jesuítas, onde eu era um dos únicos negros na escola, e, mais ainda, tem a ver com o skate. Descobri quem eu era no skate.

Hood . Eu acho que o rap perdeu um elo, porque cresceu muito o movimento. Tive a oportunidade de bater lata com o MC Jack, com o Thaíde, trocar ideia com (figuras históricas do hip-hop) Natanael Valêncio, JR Brown, Grandmaster Ney, Nelson Triunfo e eu era só um garoto da quebrada. Tive uma ligação direta com esses mestres, esses professores. Era um time só. O rap cresceu tanto que a motivação é diferente. Mas gosto do momento de hoje, porque as pessoas sabem o que é um MC, o que faz um DJ, já tem um respeito. Teve gente que morreu só por cantar rap.

Parteum . Do meu jeito eu falo disso. Tem uma letra em que falo: "A única polícia que eu respeito tem o Sting no vocal". Eu não escutei rap nacional da mesma forma que as outras pessoas. Eu ouvia o Thaíde, depois ele estava na porta de casa. O pessoal falava do MRN e o DJ deles era meu primo. O mesmo com o SP Funk: o (MC) Preto Bomba andava de skate comigo.

Hood . Eu sei um grupo que você curtia, que te fez olhar o rap diferente (Parteum fica com cara de intrigado): Vítima Fatal!

Parteum . (Risos.) Nem A nem B nem C, só se for D (nome de uma canção do grupo Vítima Fatal). Pra mim, eu participava de tudo aquilo do meu jeito. Eu falei uma vez pra ele: "Tem um monte de coisa que os caras do rap não falam". E ele disse: "Então porque você não faz?" Eu fiquei quieto. Ele descobriu dois anos depois que eu tava fazendo bases porque o (MC) Espião apareceu com uma demo do grupo Rua de Baixo, que tinha uma base minha que ele curtiu."Pô, meu irmão tá fazendo base? É mentira!" (Risos.)

E por que você não mostrou pra ele?

Parteum . Se seu irmão é o Rappin Hood, o que você vai mostrar pra ele?

Hood . Eu achei legal, mas só fui levar a sério que ele tava fazendo rap quando chegou com uma groovebox em casa.
Aí vi que o bagulho era sério (risos). Daí a gente sentou e teve uma conversa séria, expliquei várias coisas do meio do rap pra ele.

Parteum . Qualquer base que eu faça, por mais despretensiosa que seja, eu sempre penso "meu irmão é o Hood, não posso fazer qualquer coisa", sabe? Tem sempre um controle de qualidade na minha cabeça.

Hood . (Fala orgulhoso.) Mas é legal quando ele chega e fala: "Ó, essa base eu fiz pra você!" (Risos.) Ele sabe bem do que gosto.

Parteum . É um trabalho sob medida. Por isso que é difícil sair por aí fazendo produção em série. Gosto de quem faz isso, como os Neptunes, o Timbaland, o J Dilla - que poderia ter ficado bem maior. Produtor de rap que eu sigo é o DJ Rafa (que trabalha com MV Bill), porque é uma escola de produção, Consciência Humana, Baseado nas Ruas... Às vezes tô no estúdio e tá sentado ali do lado o DJ Rafa e o Vander Carneiro. O Vander fez a plástica do rap nacional.

Eu vejo que a galera do tal rap alternativo assim como o do rap nacional não se ligam muito, há uma cisão. Vocês não têm isso?

Hood . Eu sou um cara que gosta de experimentar e gosto de coisas variadas. Se eu estiver com o pessoal do Mzuri Sana, o povo do Pentágono, eu tô muito bem; com minha madrinha Leci Brandão e meu padrinho Almir Guineto, eu tô bem também. Eu quero poder fazer rap mais conservador, bumbo e caixa e voz bem na cara, mas também quero fazer um lance doidão. Eu gosto disso. Quero mostrar propostas diferentes para cada público diferente. Essa virada de página que tentei fazer com meu trabalho, de dar uma cara mais brasileira pro rap, eu acho que fui vitorioso. Mas é legal fazer o rap puro também. Cada música tem uma vida diferente. Eu sou um cara da experimentação, e meu irmão, um cara da inovação.

Parteum . Nunca imaginei colocar ele e o Iggor Cavalera no mesmo som ("Definição", do último CD do Mzuri Sana).

Quando você lançou o primeiro single, com o PosseMente Zulu, ainda pegou o auge do rap nacional, de inserção na mídia, de vendas (o LP vendeu 18 mil cópias). O Parteum já pegou outra época, onde as coisas estão por se definir.

Hood . Eu acredito que o rap brasileiro, como falou o Nelson Sargento em relação ao samba, agoniza mas não morre. O rap ainda tem muito pra gerar, vão surgir novos grupos, novas propostas que vão alcançar ainda mais pessoas que nós alcançamos hoje. Mas não vai ter nunca mais a parceria que nós tivemos, o engajamento que tivemos, o compromisso e a luta. E eles não têm que carregar essa carga, têm mais que fazer música desencanados. Cada um tem um peso e um tamanho dentro do rap. O que eu não posso fazer não é necessariamente o que outro não pode também. Uma vez perguntei para a Leci Brandão o que ela achava dos grupos de samba romântico, essas coisas aí. Ela me surpreendeu, porque falou que gostava, que achava importante, porque muita gente que começa a escutar samba ali ia conhecer ela, um Almir Guineto, um Martinho da Vila, um Jorge Aragão depois. Administrativamente, depois de várias lições, estamos nos preparando para coisas maiores. Quando minha geração começou, éramos todos administrados por outras pessoas, nada era nosso. Éramos de outros selos, por outros empresários, equipes de baile etc. Hoje não: somos pais de família, somos homens, temos selos, somos empresários.

Qual disco de vocês mais vendeu?

Hood . O primeiro *Sujeito Homem* vendeu 150 mil cópias. E já tava na época da pirataria.

Parteum . O que mais vendeu foi meu solo e chegou agora em 5 mil cópias. Tem mixtape minha que já vendeu quase isso. Mas não me preocupo com os números. Cada artista acha suas limitações e não dá pra ser o melhor em uma coisa só, até porque faço várias coisas. O Mzuri Sana já abriu para meu irmão, 7, 8 mil pessoas. Dá tudo certo: "Levanta as mãos para o alto!" e todo mundo levanta. Só que quando ele entra, até a tia do Sarapatel lá no fundo começa a pular (risos). É o carisma do cara, não adianta. A nova geração acha que vai ser melhor porque rima mais, tem o beat mais louco, a melhor produção... Você ganha até o terceiro, quarto episódio, mas e depois? Já tenho uma estrela na família, então meu caminho é outro.

Melhor qualidade do seu irmão?

Hood . A organização.

Parteum . Poder de síntese.

Pior defeito do seu irmão?

Hood . Ele é tão dedicado que ele cobra todo mundo pra ser igual a ele. É muito perfeccionista.

Parteum . Impaciência (risos).

Um disco, livro ou filme que é a cara do seu irmão.

Hood (animado) . Putz, um filme com a cara do meu irmão é *Ao Mestre Com Carinho*, com o Sidney Poitier.

Parteum . *O Alienista*, do Machado de Assis. Fica procurando a loucura nas pessoas, mas a loucura tá nele (muitos risos).

Como você definiria seu irmão?

Hood . Um cara muito dedicado.

Parteum . É um mágico, por tudo o que a gente passou, pelo que ele faz. Você vê isso com as pessoas que conversam com ele. Tem gente que chama de carisma. Eu chamo de magia.

Um disco de samba.

Parteum . *O Samba de Roda*, do Candeia, e o *Coisas da Vida*, do Roberto Ribeiro.

Hood . *Memórias de um Sargento de Milícias*, do Martinho da Vila.

Disco de música brasileira.

Hood . Eu sou muito fã do Djavan.

Parteum . Pô, ia falar ele (risos).

Hood . Um é o *Extra*, do Gilberto Gil, e o *Luz*, do Djavan.

Parteum . É o *Luz*, do Djavan também. Esse não tem jeito, é o disco que nossa mãe gostava (risos).

» Saiba Mais

www.rappinhood.com.br

www.parteum.com

Em www.maissoma.com, vídeo exclusivo e a entrevista na íntegra.

POWER
TO
THE
PLANE
SOULFUNK

ENTRE(OUTROS)

Entre Outros é um espaço aberto e democrático para que artistas mostrem o seu talento. Se antes ficávamos garimpando novos artistas e trabalhos na unha, agora as regras do jogo mudaram um pouco. Claro que continuaremos sempre atentos ao que anda acontecendo por aí, mas a ideia é democratizar ainda mais este espaço, abrindo um canal de comunicação que dê a artistas de todos os cantos a oportunidade de chegar até nós.

Criamos o e-mail **entreoutros@maissoma.com** para que você possa nos enviar suas artes, ilustrações, desenhos, pinturas, fotografias e o que mais você achar legal mandar pra gente.

Colocando um pouco de ordem na casa, a cada edição será sugerido um tema para a próxima. Nesta edição, selecionamos trabalhos que trazem em comum um lado mais bizarro e surreal - afinal, se todos retratassem o mundo da mesma forma, arte seria algo extremamente tedioso e sem graça.

Para a próxima edição, o tema é:

VITÓRIA

Qual é sua grande vitória, sua grande conquista? O que essa palavra representa para você? Como você traduziria isso com sua arte?

Envie imagens de seus trabalhos em baixa resolução (72 dpi) **até o dia 01/04/09.** Se seu trabalho for selecionado, entraremos em contato pedindo que você o envie em alta resolução. Os trabalhos mais bacanas serão publicados na próxima edição da revista, e uma galeria especial, com seleção mais ampla, será publicada simultaneamente no site.

PARTICIPE!

NIKE SPORTSWEAR

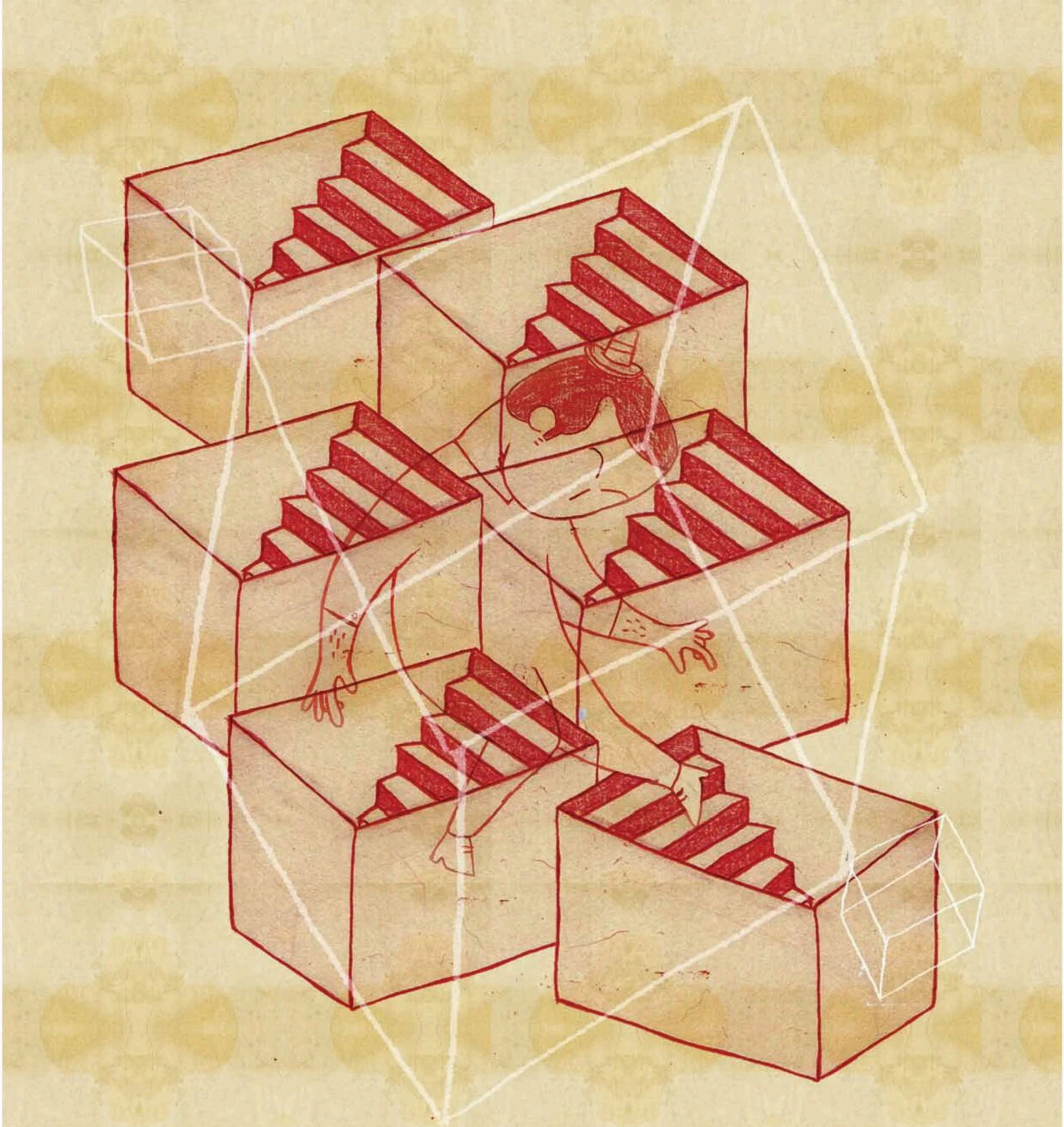
ENTRE OUTROS CONTA COM O APOIO DA **NIKE**, QUE, ASSIM COMO A **+SOMA**, NASCEU DA TÍPICA ENERGIA E PAIXÃO QUE MOTIVA JOVENS NO MUNDO TODO A CORRER ATRÁS DE SEUS SONHOS E FAZER ACONTECER. UM ESPAÇO DEMOCRÁTICO, QUE CELEBRA A ARTE TRAZENDO A CADA EDIÇÃO NOVOS ARTISTAS E IDÉIAS QUE INSPIRAM.

DANIEL BIL U ⏩ FLICKR.COM/DANIELBILEU

VICTOR V ITI GROSMAN ⏩ FLICKR.COM/DESENHOSDOVITI

LEANDRO SCHEREDER ⏩ FLICKR.COM/SCHEREDER

PABLO ETCHEPARE ⏩ FLICKR.COM/PABLOETCHEPARE



CESON PELIZER ⏩ FLICKR.COM/CESON

HOMEMADE
Mozzarella & Pasta

KRUPS
GEL-EEZE

& WINES

BECOME A FRIEND TO
MICRO MUSEUM TODAY !
After 22 Years of being a Cultural Magnet
on Smith Street

MOUTH WASH

Low_res nyc vitrines mobile cam shots por Keke Toledo e Lu Krás

CARTA DE ALFORRIA AOS ARTISTAS

Texto Sabrina Duran . Fotos Marina Chevrand

Artista nenhum pode reclamar da falta de espaço para expor suas obras em Londres. O pub The Foundry é a galeria sem burocracia, sem paredes brancas e com aroma de cerveja que abriga arte do mundo todo.

Há dez anos, o inglês Jonathan Moberly escreveu e promulgou uma "carta de alforria" aos artistas plásticos de todas as nacionalidades que vivem em Londres ou estão de passagem pela capital inglesa. A carta começa com um *I could fuckin' do better than that* ("Porra, eu poderia fazer melhor do que isso") e tem o poder de garantir liberdade quase total à exibição pública de obras que artistas desconhecidos produzem e que, não raro, ficam restritas à apreciação dos amigos, sem chegar ao *mainstream*. **"Tudo começou porque eu via como os artistas eram maltratados pelas instituições do governo que promovem a arte. Há muita burocracia e joguinho de ego entre os administradores das instituições. Certa vez, duas entidades de fomento ameaçaram cancelar a exibição de um artista porque estavam brigando para saber qual delas teria o logotipo com mais destaque no convite de abertura. Por essas e outras, criei o Foundry, que é um pub com uma parede para exposição, sem complicações"**, explica Moberly, designer autodidata, hoje com 42 anos.

O Foundry não é uma parede, como diz a modéstia de Moberly. Ao todo, são seis paredes no andar de cima do pub (que recebem novos trabalhos a cada duas semanas) e, no subsolo, uma sala com 7 metros de largura por 14 metros de comprimento para exibições maiores. Um piano e um microfone na entrada estão à disposição de escritores, cantores e instrumentistas em noites especiais de poesia e música. Em média, dezoito artistas, dos iniciantes aos que já têm trabalho consolidado, passam pelas paredes do pub a cada mês. Cravado em Shoreditch, uma das regiões com a maior concentração de mentes criativas de Londres, o Foundry é frequentado por músicos, poetas, ativistas e gente dura em busca de cerveja barata. Kate Nash, The Libertines, Hot Chip e The Magic Numbers são alguns representantes da ala musical que já sentaram nos sofás puídos do Foundry, assim como o escritor escocês Irvine Welsh, da turma das letras, e ninguém menos que o mentor do famoso assalto ao trem pagador de 1963, o inglês Bruce Reynolds, da turma dos contraventores.

O artista que pretende expor sua obra no Foundry deve ir até lá, procurar por Moberly e escolher uma data disponível na agenda do pub. "Não estamos interessados se você é uma bosta ou um gênio não-descoberto", diz a frase, seca e direta, logo no início da tal carta de alforria impressa num pôster e pendurada em um pilar próximo ao piano. Na carta estão expressas as verdades (poucas) que o artista deve considerar antes de reservar um espaço no Foundry: ***nenhum dos trabalhos pode ter sido financiado por instituições de fomento; antes de expor na grande sala do subsolo, o artista deverá expor na parte de cima do bar e provar que é capaz de entregar, pontualmente, uma quantidade suficiente de obras para forrar a parede reservada; se quiser vender as obras no pub, o artista pode, e o Foundry não levará nada das vendas; por fim, o Foundry NÃO é um espaço de arte, mas um pub.***

Contradição? Não: precaução. Com essas verdades, Moberly quer evitar o que mais abomina no ambiente artístico: egos que não cabem num bolso. "Nós deixamos bem claro aos artistas que não há curadoria para as obras, não há seleção, marketing, cobrança de taxas e também não lavamos as roupas deles. (risos)" Tracey, esposa de Moberley e artista plástica, diz que muita gente quer ter um curador, uma parede branca impecável e muita divulgação, e se incomoda com o despojamento do Foundry. **"Os latinos e os japoneses são os mais abertos ao nosso espaço, embora tenhamos gente do mundo todo expondo aqui"**, ela informa. O paranaense Renato Larini, videomaker e designer que vive em Londres há quatro anos, terá sua obra gráfica *War is Over You* exposta, entre janeiro e fevereiro, numa sala do pub. Avaliando por alto, ele será visto, na capital mundial dos imigrantes, por gente dos cinco continentes.

a democracia artística foundryana é amiga do caos. Há grafitti por todas as paredes, cartazes, pichações, sujeira, rachaduras.

De fato, o Foundry está longe de parecer uma galeria, não só pela ausência quase absoluta de critérios de exibição como pela própria cara do pub. A decoração é *sui generis*: um frango assado de plástico pende do teto do bar, cabeças de boneca também, sofás velhos num canto e outro, bancos de sinagoga, cheiro de cerveja perene, luz avermelhada, uma dezena de monitores rotos aqui, outra dezena de TVs ali, câmeras de segurança no teto (falidas), fotos, retalhos de obras (que foram) artísticas, esculturas, livros, mesas, quadros, um duelo entre o estético e o antiestético - a democracia artística *foundryana* é amiga do caos. Há grafitti por todas as paredes, cartazes, pichações, sujeira, rachaduras. Entre a arte espontânea que forra os corredores, portas de banheiros, teto, tampas das privadas e até os pequenos interruptores de luz, há, inclusive, alguns Banksy, que hoje são vendidos por milhares de libras em leilões de arte. Os do Foundry, garante Tracey, são ir-re-mo-ví-veis.

Tanto altruísmo por parte de Moberly dá margem a uma questão importante: o que o inglês leva com isso? A resposta está lá, clara, escrita na carta de alforria: ***primeiro, você traz seus amigos e inimigos para sua exibição e nós fazemos mais dinheiro no bar; segundo, nós ficamos com uma das suas obras - ela passará a integrar a Coleção Foundry que estamos montando e, nos próximos anos, valerá bilhões.*** Justo, não? ‹

» Saiba Mais
www.foundry.tv

FOUNDRY

A MÚSICA DO GRUPO UM

Por Arthur Dantas . Imagens acervo Lelo Nazário

Uma breve história do grupo que marcou a música instrumental de invenção no país e um dos pioneiros do cenário do jazz-rock brasileiro pelos depoimentos dos irmãos Zé Eduardo Nazário e Lelo Nazário

Grupo Um com Marlui Miranda

A última década no Brasil coroou um novo formato dentro da música independente, em que músicos de formação roqueira passaram a namorar outros estilos (sobretudo o jazz) e se aprofundaram cada vez mais em temas instrumentais - ainda que mantivessem em alguns casos a voz. O mesmo se deu um pouco antes no exterior e ganhou o nome de pós-rock - uma tendência musical que retomava de um lado a experiência de parcela do krautrock alemão e se espelhava na sonoridade propagada por um grupo chamado Slint. Hurtmold, Fóssil, Constantina, Guizado... a lista é longa e ganha cada vez mais atenção entre crítica e público.

Na década de 70/80 aconteceu algo semelhante, só que dessa vez motivado de um lado pela experiência da bossa-nova e do samba-jazz e de outro pela música de **Hermeto Paschoal**, sem dúvida alguma, um dos maiores instrumentistas do planeta na atualidade. Nesse cenário, houve um componente que chama a atenção também por ser o primeiro grupo instrumental a lançar disco independente no país: o Grupo Um, formado em 1976 pelos irmãos **Lelo Nazário (piano) e Zé Eduardo Nazário (bateria e percussão)**. Pelo grupo, passaram também **Rodolfo Stroeter (baixo), Mauro Senise (sax), Felix Wagner (clarineta), Carlinhos Gonçalves (percussão), Zeca Assumpção (baixo) e Roberto Sion (sax soprano)**.

O álbum de estreia do grupo, ***Marcha Sobre a Cidade***, de 1979, foi lançado em pequena tiragem pelos próprios músicos e posteriormente reeditado pelo selo Lira Paulistana, que funcionava também como produtora e distribuidora, além de manter um pequeno teatro que se tornou lendário por aglutinar a produção mais vanguardista da capital paulista dos anos 70 e 80. Este trabalho, assim como os dois posteriores, ***Reflexões Sobre a Crise do Desejo*** (1981) e ***A Flor de Plástico Incinerada*** (1983), são considerados marcos da música de invenção nacional. Porém os irmãos Nazário, com quem conversei por e-mail, têm uma longa trajetória (tanto antes quanto depois) que merece ser tratada.

Lelo e Zé Eduardo, ainda na adolescência, criaram o grupo Malika - uma fusão de música afro-brasileira, sul-americana e jazz contemporâneo -, que contava com a participação do saxofonista **Hector Costita**, músico em grupos de **Sérgio Mendes** e **Gato Barbieri**. "Comecei tocando profissionalmente aos 13 anos nos principais shows musicais da televisão, em 1965. Ouvia muita música brasileira, jazz de todos os tipos e música erudita, e a experiência de tocar com grandes músicos também foi muito importante como aprendizado", explica Zé. Lelo fala da formação dos outros músicos e da proposta do Grupo Um. "O Zeca Assumpção se formou no Berklee College of Music, em Boston (EUA), e o Mauro Senise havia estudado com o Paulo Moura e a flautista Odette Ernest Dias. Todos nós sempre gostamos de jazz, que é uma música muito rica e complexa, que permite a criação de estruturas formais, escritas, mas admite elementos criativos que dependem do momento em que são tocados. Anthony Braxton, Cecil Taylor e John Coltrane (ícones do free jazz) trilharam este caminho, bem como diversos outros artistas que admirávamos. Tínhamos o cuidado de nunca copiar e o resultado do trabalho mostra isso."

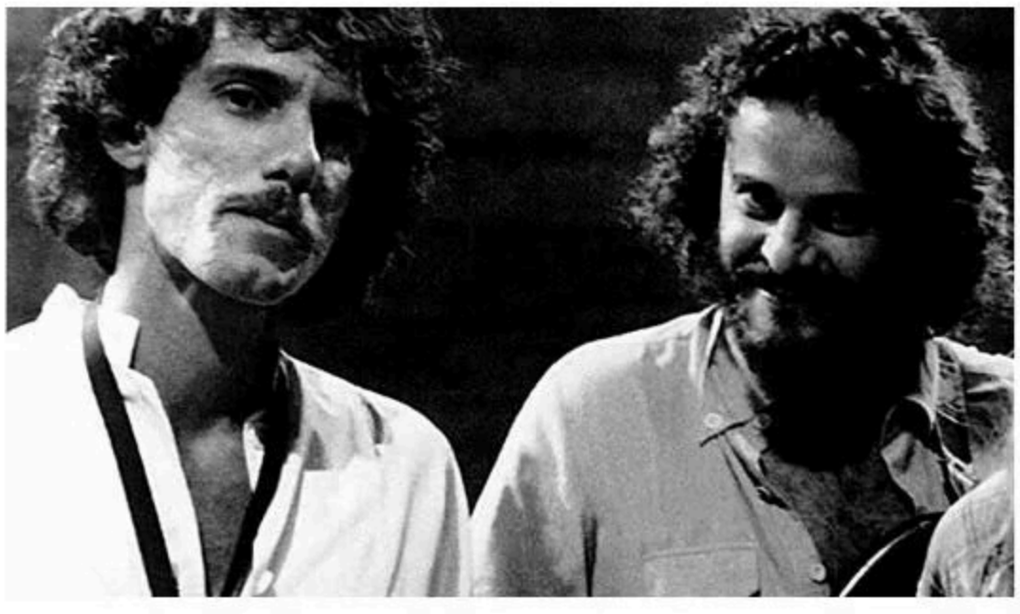
O coito interrompido de toda a efervescência cultural brasileira dos anos 60, provocado pela ditadura, causou um baque na cena de então. "As perspectivas musicais e artísticas foram alteradas, ninguém escapou a essa readaptação. Foram necessários vários anos para que o meio musical brasileiro voltasse a produzir música instrumental

de qualidade", sentencia Zé Eduardo. Porém, no início dos anos 70, Hermeto vivia a recrutar novos jovens dispostos a acompanhá-lo em suas originalíssimas criações. Estas formações eram os principais núcleos de criação musical da época, disseminando uma maneira de pensar a música de uma forma mais livre, sem barreiras e com resultados extremamente criativos. Nada mais natural que chegasse a vez de Zé Eduardo, Lelo, Zeca Assumpção, Mauro Senise e Roberto Sion passarem pelo grupo do músico albino de Alagoas. Lelo pondera que houve uma via de mão dupla na relação com os futuros membros do Grupo Um: "Hermeto é uma pessoa muito calorosa e gentil, sempre nos tratamos mutuamente com muito respeito e admiração. Acho que a nossa passagem pelo seu grupo trouxe novos elementos à música que ele fazia, da mesma forma que a sua experiência e conhecimento nos enriqueceram bastante".

Durante a passagem pelo grupo de Hermeto, Zé Eduardo criou a Barraca de Percussão, fruto da necessidade prática durante as apresentações. **"Os primeiros percussionistas brasileiros que ficaram conhecidos por usar esse tipo de instrumentação mais abrangente e misturando instrumentos brasileiros no jazz foram o Airto Moreira e o Dom Um Romão** (com Miles Davis & Weather Report), lá por volta de 1970. O Guilherme Franco (que anos antes formara o primeiro grupo de percussão contemporânea não-clássico do país, com o próprio Zé Eduardo), também foi para os Estados Unidos em 1972 e usou essa parafernália com o McCoy Tyner e o Keith Jarrett, mas até aí ninguém tinha montado (que eu saiba) uma barraca do modo que eu fiz no grupo do Hermeto em 1973. Era uma barraca igual às das feiras livres, e isso ocorreu devido à necessidade de ter no lugar certo determinado instrumento para ser usado em um arranjo numa determinada hora, misturada aos instrumentos brasileiros e à bateria, o que a caracterizava como um 'set' original. (...) Sucata industrial, tachos, leiteiras de ferro e outras coisas que 'viravam' instrumentos, em volta da bateria. **Depois de alguns anos usando e aperfeiçoando meu equipamento, muita gente passou a usar, virou moda, em todo lugar tinha um percussionista ou baterista com a barraquinha brasileira de percussão do lado. Se tivesse patenteado, teria ficado rico.** (risos)"

Assim como os outros integrantes do Um, os irmãos Nazário não ficaram parados após a passagem no grupo de Hermeto e tocaram também com Egberto Gismonti, Marlui Miranda, Taiguara, Patife Band, além de músicos estrangeiros. O Grupo Um, sintetiza Zé Eduardo, nasceu em 1976 da necessidade que ele, seu irmão e Zeca Assumpção tiveram, após o trabalho com Hermeto, de "pensar numa estética diferente, que embora pudesse ser relacionada ao free jazz, tinha aspectos particulares, tanto na parte melódico/harmônica como na rítmica, que determinaram primeiro a surpresa com que fomos recebidos no meio musical e depois o sucesso e o reconhecimento que obtivemos". Pergunto sobre a relação com outros artistas de vanguarda na cidade de São Paulo daquele período. Lelo diz: **"Com relação à vanguarda paulista de 80, sou amigo de vários artistas, como o Arrigo e a Ná Ozzetti, mas todos eles estavam trabalhando para criar, principalmente, canções de vanguarda. Nós nos dedicávamos a criar música instrumental"**.

Fato é que os três discos do grupo, relançados em CD recheado de textos e fotos pela etiqueta Editio Princeps - responsável por relançar o trabalho de outros nomes da música instrumental do período, como Divina Increnca e Pé Ante Pé -, mostram um vigor e atualidade gritante



no trabalho do grupo. Pergunto a Lelo se ele conhece a nova geração de músicos instrumentais/experimentais vindos do rock no país. "Tenho observado em muitos músicos jovens um comportamento padrão de tentar repetir o que já foi tocado (e muito bem tocado) no passado. É como a discussão entre Miles Davis e Wynton Marsalis, o primeiro um criador incansável e o segundo um repetidor incansável. Eu gostaria que os músicos cada vez mais tivessem o espírito do Miles - estudar todo o passado e absorvê-lo, para depois apresentar um trabalho que traz algo de novo à cena musical."

Zé Eduardo, tido desde sempre como um dos maiores bateristas do país, vive hoje no sul de Minas e lançou no ano passado o álbum *Encounterpoint*, com o guitarrista americano John Stein, e prepara um novo CD, *Poema da Gota Serena e Outros Poemas*, que será lançado em breve pelo selo Editio Princeps, cobrindo um período que vai de 1977 a 2004. Já Lelo passou a realizar trabalhos voltados à música eletrônica acústica e tomou gosto pelo trabalho de engenheiro de som. Diz que para 2009 está "gravando as composições de meu novo CD, com uma infinidade de sons eletrônicos e alguns solistas convidados". O Grupo Um se dissolveu pela necessidade de seus integrantes desenvolverem trabalhos solos, o que me leva a especular sobre uma volta do grupo. Afinal, como hoje há toda uma cena voltada para a música instrumental e um público aparentemente receptivo aos ventos mais inovadores na música, pergunto se existe a possibilidade de uma volta do grupo. **"Creio que a possibilidade de volta sempre existe, já que estamos todos vivos, com saúde, continuamos amigos e tocando cada vez melhor"**, sentencia Lelo.

» Saiba Mais

www.editioprinceps.com

Veja as entrevistas completas com Zé Eduardo Nazário e Lelo Nazário em www.maissoma.com

1988

PENA

DEUS

P.JOTA

MUITAS IDEIAS EM POUCOS TONS

Por Arthur Dantas

Seu ídolo é seu avô, advogado, que "influencia meu ritmo de vida, que é o próprio ritmo da pintura, como levo tudo isso a sério, a ter os pés no chão e ser determinado em um objetivo". Seu trabalho, mais que buscar uma temática, conta com a dinâmica do cotidiano como inspiração, "como se fosse um prolongamento do que costumo ser e querer. É difícil explicar, mas é muito parecido. Como caminhamos, por exemplo: você pode sempre ir à padaria, mas às vezes você muda o caminho, e você encontra algo neste caminho, entendeu?" Pode não ser fácil entender a motivação de Paulo José Nimer Abilel, 20 anos, natural de São José do Rio Preto (SP), mas nada disso nos impede de apreciar suas figuras envoltas em abstração quase monocromáticas, voláteis.

P.Jota, a alcunha escolhida por este jovem prodígio, caminha ao lado dos que encontraram sua forma de expressão nas ruas e, intuitivamente, aderiram a outros suportes como a tela e a instalação. E, ao contrário do que poderíamos esperar, não é a rua – livre, aberta, sem curadores e sem limites – que proporciona a experimentação: parece que o embate com esses novos suportes oferece o desafio para esses artistas que mantêm um dado relevante próprio da arte urbana, uma certa pureza que os coloca em dilema constante com a arte em sua forma-mercadoria. "Sempre odiei a ideia da pintura para decoração. Acho que ela veio, pelo menos pra mim, para dizer alguma coisa."

O artista representado pela galeria Choque Cultural teve um ano agitado: exposição no MAC do Paraná ao lado de Rimon Guimarães, uma individual na Volcom Art Space e participação na coletiva I/Legítimo, no Paço das Artes – ambas em São Paulo. Para 2009, P.Jota vai dar um tempo na faculdade de artes para fazer uma exposição na galeria Anno Domini em San Jose, Califórnia, e passar uns três meses por lá. ▸▸

Você se identifica com o trabalho do Rimon Guimarães? Qual era a ideia da exposição Volúvel, realizada no MAC paranaense?
Me identifico e gosto muito. A expo era o seguinte: unir pontos em comuns entre nós - a idade, a fase da vida, que é parecida, as ideias, que se parecem também -, sendo que tudo isso se passa em um tempo volúvel, cheio de mudanças, incertezas... "Volúvel em um fluxo tortuoso" foi a frase que marcou essa exposição. Juntamos as produções de um jeito bem livre, fizemos desenhos juntos, instalações e montamos a exposição.

E quais são essas suas ideias? Como você as expressa em seu trabalho artístico?
Desde os 14 anos já pintava na rua, não usava pincel nem nada. Aprendi a me virar com isso. E como comecei cedo tive tempo pra ficar testando. *Hoje em dia, coloco na pintura e no desenho o meu universo de vivência, coisas que passo, que vi e coisas de que gosto.*
E as referências mais próximas são essas de quando pintava na rua. Gosto muito da textura que a rua proporciona, as paredes e coisas assim. A tela, pra mim, é como um registro de tempo - as últimas principalmente. Mais do que tudo, enxergo o suporte como algo que conte uma história, não pinto um desenho fixo e grande na tela, e sim fragmentos. Como um diário. Penso que o suporte pintura é uma matéria que anda com a vida, algo com o qual me acostumei, como beber água.

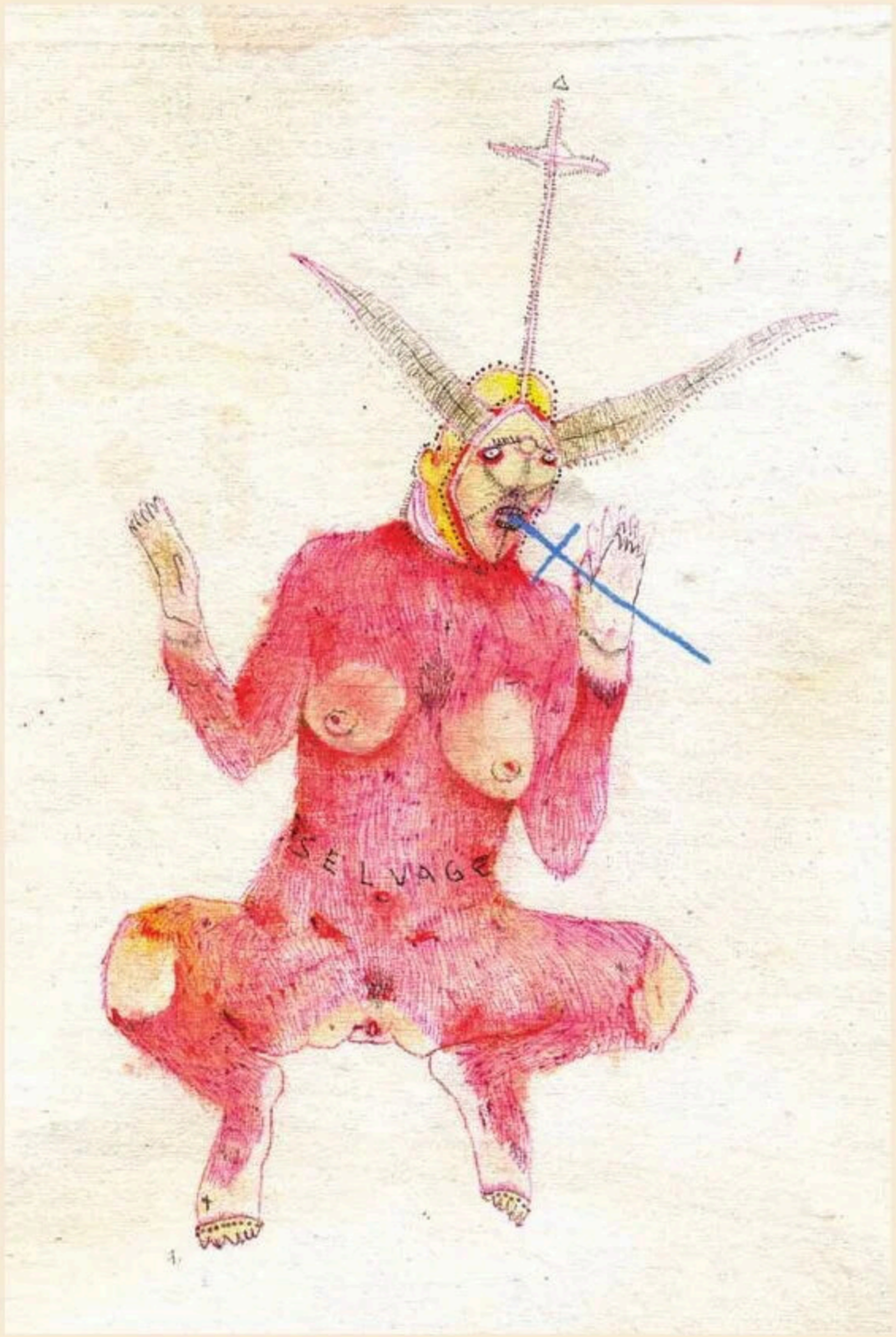
Suas telas não se encerram em si mesmas? São como um filme ou uma história em quadrinhos?
Não, é meio difícil de explicar... Começo com algumas ideias que mudam muito ao decorrer da produção e do meu ânimo. As telas são fases, campos de força, muitas falam coisas em comum, mas todas são parte de mim, sabe? Como se fosse um prolongamento do que costumo ser e querer. Como caminhamos, por exemplo: você pode sempre ir à padaria, mas às vezes você muda o caminho, e você encontra algo neste caminho, entendeu? São sempre um segmento, mas não como um filme. Porque a vida toda é um segmento.

A matéria-prima do seu trabalho é o cotidiano? É o assunto de seu trabalho?
É o que vem naturalmente, o suporte como registro. Mas, além disso, tem também a questão estética, da força como as coisas atuam dentro do universo humano. Desenho muitas mulheres nuas, isso é muito forte, mas não tem nada de anormal. Acho engraçado: você liga a TV e tem funk carioca pra todo lado, mulher rebolando. Aí coloco uma na pintura e todo mundo acha agressivo, sabe? Busco essas imagens que realmente têm algum peso.

Você faz também telas mais abstratas, não?
Sim, misturo os dois, figurativo e abstrato. Tento deixar os dois com o mesmo peso na tela. Sempre gostei do abstrato, às vezes penso que um dia faça só abstrato.

Você tem um uso bem cerimonioso da cor, né?
Estou usando cores com maior frequência. Achei cores que dialogam com meu trabalho, mas uso o colorido com bastante delicadeza, faço detalhes, mas nos campos maiores uso uma cor fixa. Na minha pintura, não há um colorido extravagante.

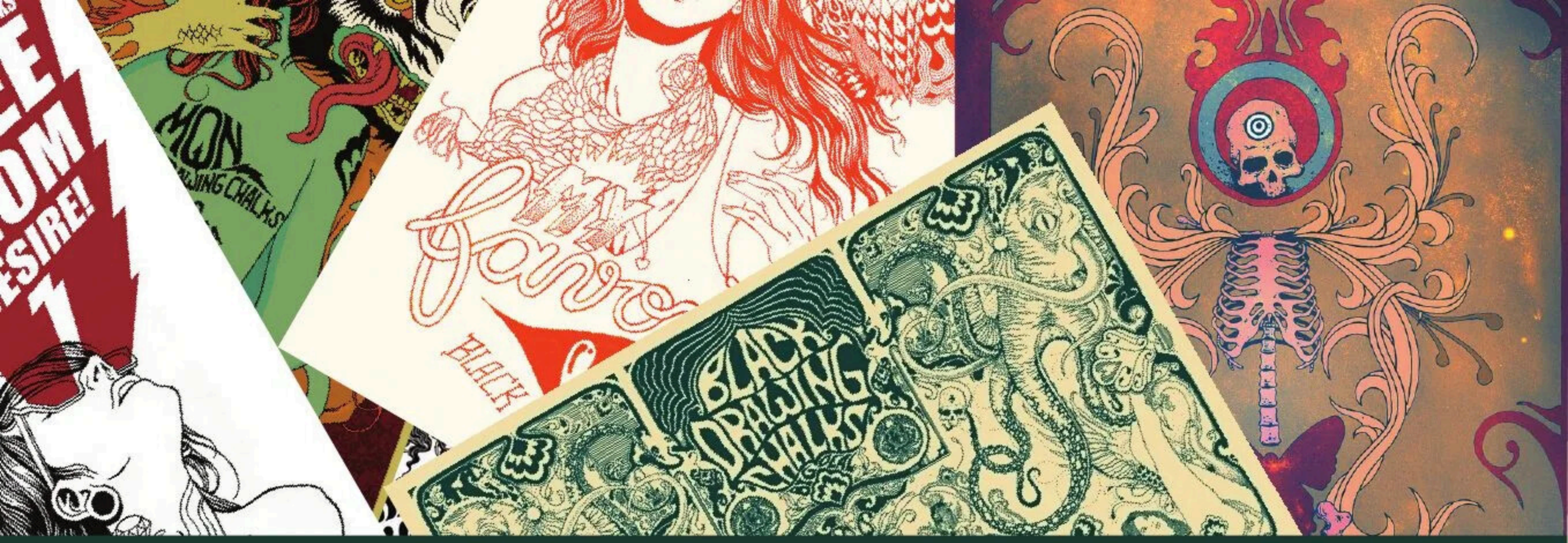
E o graffitti? Abandonou?
Acabei de ir para São José do Rio Preto e fiz uma porção de letras na rua. Estou pensando em fazer mais instalações na rua, misturar o tridimensional com a pintura, usando a textura da parede e pequenos elementos. Fiz uma um tempo atrás, mas preciso me dedicar mais, falta tempo.



Saiba Mais
www.flickr.com/photos/pjota1
www.fotolog.com/desestavel

RETALHO
DETALHE
LOSER
27

CABEÇA CHEIA
PONTO
AZUL
PONTO
CAMPO



Black Drawing Chalks

Por Mateus Potumati . Foto Divulgação

Em um cenário dominado por tipos de franjinhas assimétricas e olhos delineados, vítimas da moda e folkers "folkuxos", é bom saber que ainda existe gente por aí fazendo rock sobre "beber e trepar". Não que o tema seja novo - na verdade, é um dos clichês mais surrados do rock, e costuma ser usado por aqui para encobrir falta de talento. Mas, felizmente, esse não é o caso. "Beber e trepar" é a descrição que se lê, em inglês suspeito, no Myspace do Black Drawing Chalks, quarteto talentoso e barulhento da igualmente barulhenta Goiânia. Se para o resto do país a capital de Goiás é o berço do sertanejo pop, no meio indie a cena roqueira da cidade tem reputação de longa data. "Não nos preocupamos em fazer algo que soe como 'música brasileira'", conta Douglas de Castro, baterista e homem público da banda. "Primeiro, porque não temos nenhum referencial aqui da região que nos motive, e segundo porque, depois de passar a adolescência inteira ouvindo e tocando rock gringo, nossa pretensão com essa banda é bem simples: tocar algo parecido com o que a gente sempre ouviu - e em inglês, afinal não temos nada de significativo a dizer", ele conclui, aos risos. ⏩

Além de Douglas, o Black Drawing Chalks é formado por seu irmão Denis (baixo), Victor Rocha (vocal e guitarra) e Renato Cunha (guitarra e vocal de apoio). Douglas e Victor são formados em design, Denis estuda arquitetura, e Renato, direito. "O Black Drawing ainda é apenas nossa diversão, conhecemos vários lugares que talvez nunca visitássemos se não fosse pra tocar. Se der diversão e grana, aí é festa na floresta." Se despretensão é sempre saudável, o texto de apresentação em inglês dá outra pista sobre o momento em que o BDC está inserido. Há hoje no Brasil uma geração de bandas que, na esteira de CSS e Bonde do Rolê, encaram a internacionalização não só como algo desejável, mas possível. No caso dos goianos, a prova de fogo acontece este ano, com a inclusão do grupo em dois festivais internacionais importantes (o South By Southwest, nos EUA, e o Canadian Music Week, no Canadá).

As perspectivas são boas: afiado no palco, pesado e grudento na medida certa, o BDC está anos-luz à frente da média no país e é a cara de templos garageiros como o Beerland ou o Emo's, em Austin, sede do SXSW. Em bate-papo com a *+Soma*, o jornalista Joshua Klein, do Pitchforkmedia, apontou que o som do Black Drawing Chalks "poderia ter saído de qualquer lugar". E, realmente, neste caso pouco importa se o som vem de Los Angeles, Buenos Aires, do Leste Europeu ou de Jerusalém. O mais importante é saber onde e como vender o peixe. Para isso, os anos de pesquisa de Fabrício Nobre, da Monstro Discos (selo e produtora do BDC), certamente renderam. "A Monstro faz um papel muito importante, que é o de movimentar a cena", avalia Douglas. "Não só lançando discos e promovendo festivais, mas também dando exemplos reais de que, mesmo que sua banda cante em um idioma que não é o seu, se seu trabalho for consistente existe a possibilidade de realizar vários sonhos legais. Gosto de acreditar que essa sensação de 'eu também posso', é um dos fatores que façam surgir tantas bandas todos os dias aqui em Goiânia."

A importância do BDC no novo indie rock brasileiro vai além da música. A arte gráfica criada por Douglas e pelo vocalista/guitarrista Victor Rocha, além de ilustrar todo o material promocional da banda, vem dando uma cara especial à cena do Centro-Oeste, a festivais independentes e bandas amigas. É deles a arte da capa de *Artista Igual Pedreiro*, do Macaco Bong, do pôster do Abril Pro Rock 2009 e de vários eventos em Goiânia e pelo Brasil. Bem fiel a temas do rock, o trabalho dos dois - eles sempre criam em dupla - se aproxima esteticamente do de Jeff Kleinsmith (Sub Pop), do estúdio Shynola (do clipe de "Go With the Flow", do Queens of the Stone Age) e de Steve Dillon (*Preacher*), mas, como o som do BDC, se destaca por ter personalidade própria. "O Victor cresceu colecionando quadrinhos, eu passava o dia todo copiando desenhos da Capela Sistina", conta Douglas, dando uma pista sobre as origens do detalhamento e da leveza nas expressões faciais de seus trabalhos. "O envolvimento com cartazes e capas de disco só passou a existir depois que já estávamos na faculdade. Desde o começo a Monstro nos apoiou e incentivou nesse sentido, tanto que os nossos primeiros trabalhos foram pra eles." A capa do disco do Macaco Bong, com uma ilustração mais abstrata, curvilínea e com cores quentes, é exceção na estética geral da dupla. "Na verdade o que acontece é uma tentativa de transferir pro papel as características mais marcantes da música de uma determinada banda. No caso do Macaco não foi diferente, não dava pra fazer algo pra eles no mesmo esquema que a gente faria pro MQN", Douglas explica. Com isso, os dois desenvolvem aos poucos uma relação entre arte visual e música que é hoje escassa em todo o mundo - ajudada, claro, pela crise do disco - e praticamente inexistente no Brasil. Bem apropriado para uma banda de rock que tirou seu nome de uma caixa de carvão para desenho. ◀

Por Que Ouvir ⏩

Herdeiro do melhor de gravadoras como Estrus e Sub Pop, *o BDC é o fruto mais bem acabado de anos de trabalho da Monstro Discos.*

O show da banda é o melhor do gênero no país hoje.

O Que Ouvir ⏩

"My Favorite Way" **e** *"I'm a Beast, I'm a Gun".*

⏩ **Saiba Mais**

www.myspace.com/blackdrawingchalks

A Beleza Decomposta do NUDA

Por Mateus Potumati . Foto Divulgação

Indie rock cantado em português sempre foi assunto espinhoso. Adicione a variável "música regional", e a equação intimida até os mais devotos da diversidade. Correndo por fora das correntes da hora no indie rock nacional, o Nuda quebrou a cabeça e passou no teste com louvor, como o aluno que mistura dedicação, desprendimento e talento na medida certa. "Para nós, música não é fundamentalmente escolha, é possibilidade", explica Roberto Scalia, vocalista e principal compositor do grupo. "Possibilidade", para eles, se traduz em desafiar a música a tomar novos rumos. Seguindo pela porta estreita, a música do Nuda passa por caminhos comuns a Pavement, Wilco, Tortoise e Damien Jurado, de um lado, e Baden Powell, Cartola, O Terço/Clube da Esquina e Sá, Rodrix e Guarabyra, de outro." A coisa ficou tão múltipla e sincera que não há contradição nenhuma em afirmar que somos roqueiros de nascença, sambistas por opção, the neo-wave-ultra-regional-modern-indie boys, o que quer que isso signifique", ele complementa, com uma dose sempre bem-vinda de auto-humor. »

Formado em Recife no início de 2007 por Scalia e o amigo de infância Raphael Pinteiro, mais Artur Dossa e Henrique Caçapa (ao vivo, o grupo conta também com o percussionista Judá), o Nuda parece ter chegado ao equilíbrio perfeito entre belas canções e desafio formal. As músicas de seu único lançamento, o EP *Menos Cor, Mais Quem*, do ano passado, têm clima de jam band, mas, ao mesmo tempo em que são difusas e caóticas, também trazem harmonias vocais complexas e divisões rítmicas definidas. "Tive que revisitar completamente meu processo de composição", conta Scalia. "Eu mostrava pra galera uma canção simples na voz e violão. Aí, como um bobo, entrava no estúdio com expectativas de seguir um caminho x ou y. De repente, estávamos fazendo x+y/z -15t.b elevado à quarta potência. (risos)" Com a participação de todos - os outros membros também contribuem com letras, melodias e harmonia -, a banda não mede esforços para encontrar soluções satisfatórias.

"Tudo é válido: três horas de jam num trecho, meses pra decifrar a palavra certa pra tal verso", ele argumenta, e a contar pelos resultados é de se perguntar se ele está mesmo sendo hiperbólico. Esse esforço todo é guiado por um objetivo: "ouvir" o que a música tem a dizer a cada um. "Só 'ouvindo' a música é que você começa a despertar para a realidade de que somos instrumentos dela, da música pura e absoluta. E assim, sem seguir *trilhos*, mas sempre *trilhas*, tentamos ser sinceros com a música."

Nesse aspecto, o Nuda se aproxima da paraibana Burro Morto (veja perfil na ***+SOMA*** 7), a quem Scalia se refere com entusiasmo. "Os caras são sensacionais. Vejo-os também tentando apagar fronteiras, mergulhar fundo no clima, na essência." E, para ele, o rock se presta perfeitamente a esse tipo de experimentalismo - opinião que contrasta com o perfil conservador de boa parte dos fãs do gênero no Brasil. "O rock proporciona muito isso - êxtase, contato com o substrato. Fico maravilhado em ver que, ao mesmo tempo e cada vez mais, o rock também se liberta do rock, fundindo-se ao regional, ao samba, ao tango.

Por Que Ouvir »

***O Nuda dá um passo adiante na fusão entre indie rock e música brasileira,* sem soar como regionalismo empolado ou cópia de Los Hermanos.**

O Que Ouvir »

"Colibrilho" e "Duns", duas das músicas mais belas já feitas no indie rock brasileiro. Ouça também o cover para "Mother Nature Son" no Myspace da banda.

Talvez seja por isso que sempre surgem bandas boas de rock, mesmo que desconhecidas do público em geral." Roberto vê o surgimento de uma nova geração no rock brasileiro, que cria uma música que já não é rock. "Analisando isso frente aos novos paradigmas da cadeia musical (independência criativa, meios de produção baratos, troca de tecnologia), vejo um clima de mudança e de muita criatividade, por haver tanto o que se construir, adaptar e conquistar." Parte central da missão de construir, adaptar e conquistar é o Lumo Coletivo, organização sem fins lucrativos fundada pelo quarteto. "Gerenciamos a troca solidária de conhecimento, equipamentos e serviços", Scalia detalha. O Lumo adota o sistema de Cubo Cards, concebido pelo pioneiro Espaço Cubo, de Cuiabá, que inovou ao substituir o dinheiro (ou a falta dele, mais especificamente) por troca de trabalho e conhecimento. A rede Fora do Eixo e a ABRAFIN (Associação Brasileira de Festivais Independentes também são parceiros."O melhor", ele analisa, "é que nesse movimento não há concorrentes, por definição. Juntos, as possibilidades são maiores, todos sabem."

Em 2009, o Nuda deve lançar outro disco, aproveitando as várias músicas novas que a banda já toca ao vivo. Também está nos planos uma turnê pela Europa. Finalmente, às bandas que perseguem os mesmos objetivos, Scalia deixa um recado: "se liguem". "Criar e viver da criação é possível hoje, independentemente de gravadoras, produtores, selos. Cada vez está mais claro que não há mais um paradigma, um caminho que deve ser seguido. Há possibilidades, e muitas. Informem-se, unam-se, ajudem-se, troquem informações. A estrada pode não levar a um fim esperado, mas vocês perceberão, ou melhor, sentirão que caminhar com força e pureza é o verdadeiro sentido do artista." ◂

» Saiba Mais
myspace.com/sitionuda

+QUEM SOMA . Danilo Corci e Ricardo Giassetti . Por Arthur Dantas . Fotos por Fernando Martins

Dos vários projetos que surgiram na internet brasileira nos últimos cinco anos, poucos alcançaram a dimensão que a **Mojo Books**, editora virtual criada por Danilo Corci, 34, e Ricardo Giassetti, 37, alcançou desde sua criação no final de 2006. Com o lema **"se um disco pudesse ser convertido em palavras, que história ele contaria?"**, a dupla uniu amadores e escritores tarimbados na missão de ficcionalizar seus discos prediletos.

A ideia de transformar disco em literatura surgiu às avessas e, como quase todas as boas ideias da cultura pop, foi fruto da petulância juvenil. Danilo e Ricardo eram adolescentes em Jundiaí, cidade do interior de SP com forte cena de quadrinhos e música alternativa nos anos 90. Além de HQs e música, ambos eram habitués de uma biblioteca particular da cidade. Ligar uma coisa a outra foi questão de tempo. "Montamos uma banda chamada Toward the Cathedral", conta Danilo, "onde fazíamos o contrário do que fazemos na Mojo; pegávamos livros para transformar em música e, é claro, foi um desastre." Ricardo explica que **"não tinha internet na época, tínhamos que ler livros. Nos aproximamos do pessoal que curtia mais música e montamos uma banda. Daí surgiu a ideia de musicar Kafka, Joyce, Wallace Stevens, Hemingway".**

Dessa experiência ficou a participação em um tributo ao New Order - banda querida por ambos - e a promessa de novas colaborações. Em 1994, Danilo se mandou para São Paulo e logo arrumou emprego na *Folha de S.Paulo*; Ricardo a mil no interior: fez uma Semana de Quadrinhos no SENAC de Jundiaí, montou um bar rock na cidade, deu aula de HQ em Campinas e Jundiaí, escreveu em jornal. A vinda de Ricardo para São Paulo, já nos anos 2000, fez com que Danilo propusesse outra banda. "Imagina, a gente velho, carregando aparelhagem, se metendo em roubada... Não ia rolar", explica Ricardo ao lembrar o motivo da recusa.

Início de 2006. Da banda chegou-se à idéia de fazer justamente o inverso, segundo Danilo. **"Caímos no papo de fazer e-book, ainda sem pensar diretamente em algo como a Mojo. Pensamos em fazer histórias baseadas em discos e esses acabaram sendo os primeiros Mojos"**, explica Ricardo. O conceito definitivo da editora estava pronto. Convidaram o amigo dos tempos de agitação underground de Jundiaí, Delfin (jornalista de HQ e editor), e o amigo jornalista Luiz César Pimental. O lema "Se um disco fosse literatura que história contaria?" foi o mote para a empreitada, segundo Danilo: "Era o embrião de algo para testar o formato e-book. Fechamos os quatro primeiros autores e achamos que

iria acabar depois de doze livros". Como toda ideia boa, o projeto "saiu de controle" - para o bem de vários aspirantes a escritores Brasil afora, e a editora passou dos duzentos títulos até o momento, entre histórias longas, contos ("singles", baseados em uma canção), remixes (um autor reconta uma história previamente publicada) e histórias em quadrinhos.

Em dezembro de 2006, uma festa "low profile", como diz Ricardo, foi realizada para divulgar os quatro primeiros e-books (*Black Celebration* do Depeche Mode, *Technique* do New Order, *1 Record* do Big Star e *In It For The Money do* Supergrass, escritos por Danilo, Ricardo, Delfin e Luiz César, respectivamente). Dois dias depois, uma enxurrada de jornalistas saiu à caça dos editores virtuais. **"Saiu n'*O Globo* do Rio e proliferou na internet, nos blogs. Era fim de ano, saímos de férias e quando voltamos, havia proposta para uns trinta livros!** **E não tinha nem site ainda, era apenas uma print page. Assim, a ideia dos doze passou pra trinta e hoje já temos 112 livros",** entusiasma-se Danilo, esquecendo dos referidos singles, remixes e HQs nessa conta.

A curadoria inicial (o quinto Mojo Book, um dos "hits" da editora, *Revolver*, dos Beatles, foi escrito por um DJ de house) passou a dividir espaço com as propostas que chegavam - e chegam - do Brasil inteiro. Aí, como conta Ricardo, começaram os problemas. "Com o tempo fomos recebendo coisas não tão legais, até porque basear livro em um disco que você gosta traz muita coisa pessoal, tem uma carga emocional forte, e geralmente desemboca em algo autobiográfico e sentimental. Era sempre o 'tomei um pé na bunda da minha namorada' ou 'meu pai tava doente, morrendo'; acabou ficando meio restrito." A solução encontrada foi uma mão mais ativa dos editores no texto e enfatizar a idade dos autores, respondendo assim tanto à demanda de jovens e imaturos escritores, como indiretamente servindo de "alerta" aos possíveis leitores.

Há recusas também. Como bons leitores, os editores se preocupam muito com a qualidade do que é lançado. Uma recusa, em especial, rendeu uma ameaça ao Danilo. É Ricardo, entre risos, que conta o fato: "O cara já tinha escrito duas peças, ficou puto e escreveu para o Danilo falando que viria pra São Paulo pegar ele. Era um livro sobre um disco dos Cowboys Junkies. O e-mail dele era enorme e esse sim valia publicação!"

Saiba Mais

mojobooks.virgula.com.br

Leia a continuação da matéria em
www.maissoma.com

+VERSÕES E SUBVERSÕES

Fabio Cobiaco

Foi em 1986, 87. Eu terminando a escola, saindo da casa dos meus pais. Primeiro trampo com carteira assinada. Entrei numa loja e dei de cara com ele. Silhuetas, céu e mar, azul e preto, linda foto. Anton Corbjin. Nascido e crescido à beira do Atlântico, estava agora longe, nas montanhas. Admito que comprei o disco pela capa. Uma namorada da escola tinha ido ao show. A onda toda em cima do Cure, da Siouxie, era um saco. Foi só esperar passar o hype. Um dia me encontrei a sós com aquele LP na picape. Ouvi os acordes de "Show of Strenght", PQP, que clima! "With a Hip", nunca tinha ouvido nada igual. As outras canções do disco, incluindo a que lhe deu título, me encantaram para sempre. Foi o primeiro disco que eu comprei.

INAUGURAÇÃO **ESPAÇO +SOMA**

COLETIVA **FOUR OF A KIND**

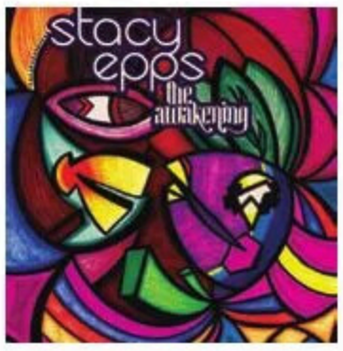
ANDRÉ "PATO" THAÍS BELTRAME FLÁVIO SAMELO SESPER

DE 14 DE MARÇO À 18 DE ABRIL

ABERTURA DIA 14 DE MARÇO DAS 16 ÀS 20H

ESPAÇO +SOMA . rua fidalga, 98 . vila madalena . são paulo . sp

+REVIEWS



⏩Stacy Epps
The Awakening

Japanubia Musik . 2008

Stacy Epps foi uma das grandes surpresas de 2008. Seu álbum de estréia, *The Awakening*, revelou uma artista completa. Natural de Atlanta, a novata rima e canta como veterana, lembrando Lauryn Hill e Erykah Badu. Influenciada por uma gama de gêneros, que vão de Alice Coltrane a Björk, passando pelos beats de J Dilla e a mensagem de Fela Kuti, Epps é mais uma a entrar no hall do hip-hop/soul progressivo.

Acompanhada por produtores como Flying Lotus, Madlib, MF Doom, J. Rawls e outros mestres das batidas, o álbum conta com beats inspirados, criando uma atmosfera relaxante onde Stacy parece desenhar com sua voz em rimas e melodias criativas. Músicas como "Floatin'" e "Addicted" tornam esse trabalho um dos melhores lançados em 2008. ◂ *Por Daniel Tamenpi*

⏩Onimbo e os Vermes do Inferno . Hideshi Hino

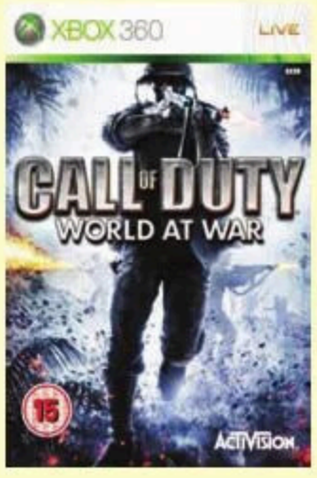
Zarabatana Books . 2008

Vermes e inferno são temas recorrentes no universo de Hideshi Hino, mestre do mangá de horror adulto no Japão. Publicado desde o final da década de 60, o artista foi redescoberto no Brasil com o lançamento de *Panorama do Inferno*, em 2006, pela editora Conrad, e *A Serpente Vermelha* e *O Garoto Verme*, em 2007 e 2008, pela Zarabatana Books.

Neste *Oninbo e os Vermes do Inferno*, primeiro de dois volumes que sai agora pela mesma Zarabatana, Hino aposta na receita de horror *gore* que o consagrou entre os fãs: violência e escatologia gráficas temperadas com uma dose de comentário social e - aqui, mais do que nunca - humor.

Oninbo é um demônio em corpo de criança que qualquer um acharia fofinho até ver o que ele é capaz de fazer com as mãos, os dentes e... até os olhos. Sua missão na Terra é caçar os chamados vermes do inferno, lagartas asquerosas que se instalam no corpo dos humanos para se alimentar de velhos traumas e tragédias pessoais, e provocam terríveis alucinações. Oninbo fareja seu almoço à distância e espera o momento certo para extrair o verme e mandá-lo fresquinho ao estômago, salvando os infelizes do sofrimento.

Para os padrões *hardcore* de Hino e do horror japonês em geral, Oninbo é o mais próximo que temos de um herói, e o banquete oferecido nas páginas desta HQ está longe de ser dos mais indigestos. ◂ *Por Diego Assis*



⏩Call of Duty . World at War

Activision/Blizzard . 2008

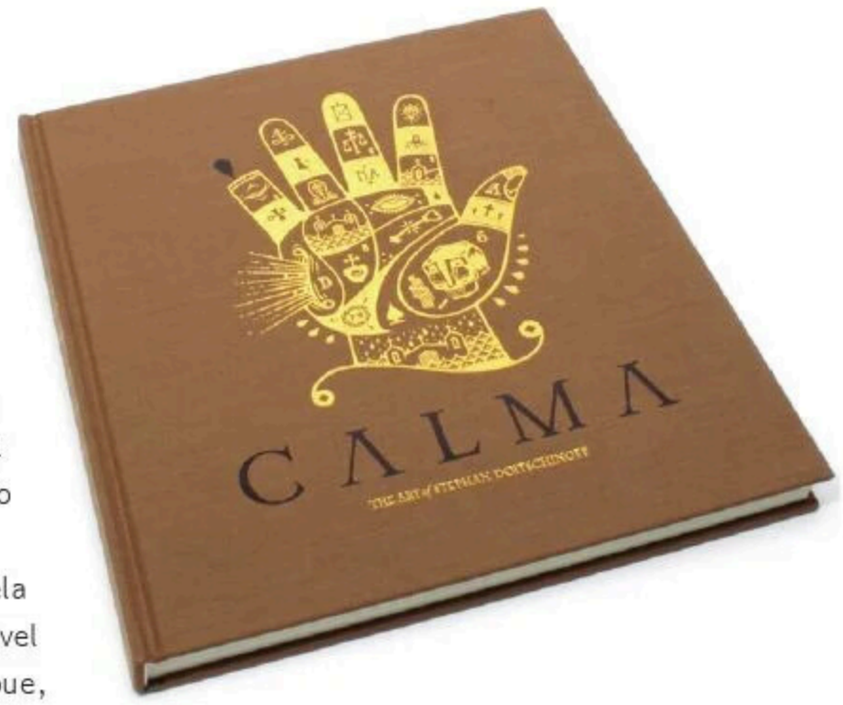
"Mais do Mesmo" definitivamente não soa pejorativo para *Call of Duty - World at War*. E neste caso, em especial, a máxima pode ser aplicada amplamente. Primeiro pelo fato de o jogo usar o memo mecanismo desenvolvido pela Activision/Blizzard para o antecessor *Call Of Duty - Modern Warfare*, e em segundo por retratar novamente o mesmo cenário dos primeiros três jogos da séries: a Segunda Guerra.

Apesar disso, *World at War* é ainda mais passional que qualquer um dos jogos anteriores (embora não tão impactante quanto *Modern Warfare*), e consegue aprimorar diversos elementos introduzidos no último jogo da franquia. As vinhetas que antecedem cada missão instigam o jogador a iniciar cada novo desafio cheio de ódio no coração e pronto para executar cada inimigo infeliz que aparecer. Aliás, nesse ponto, o jogo é realista ao extremo. Imagens de arquivo da Segunda Guerra mostram corpos mutilados, campos de concentração, além de soldados e civis feridos - tudo acompanhado de estatísticas reais, como o número de soldados americanos que saíram vivos de cada batalha e a quantidade de inimigos mortos a cada incursão pelas terras banhadas pelo Oceano Pacífico.

Assim como no jogo anterior, o grande trunfo de *World at War* está em seu modo multiplayer, que permite ao jogador cumprir toda a missão no modo campanha com até quatro jogadores através da internet ou até 2 jogadores no modo local. Além disso todos os já conhecidos modos multiplayer como team deathmatch, free for all e headquarters estão presentes e ainda mais aprimorados. Não é à toa que a série *Call of Duty* tem um dos maiores números de jogadores online tanto no XBOX 360, como no Playstation 3 e no PC. Disponível para XBOX 360, Playstation 3 e PC ◂ *Por Rodolfo Herrera*

⏩ Calma . The Art of Stephan Doitschinoff

Gestalten Books . 2008

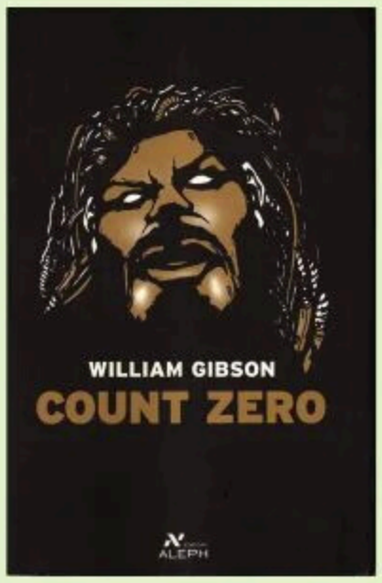


Os últimos dois anos foram intensos na carreira de Doitschinoff. Primeiro, o convite para integrar o casting do Thunderdog Studio, um coletivo capitaneado pelo artista inglês Tristan Manco. Depois, uma impactante primeira exposição individual na galeria Choque Cultural em São Paulo e, em seguida, duas individuais de peso nos Estados Unidos, a primeira na Anno Domini e a última em novembro do ano passado na hypada Jonathan LeVine, onde lançou simultaneamente um belo curta-documentário sobre a sua produção de murais no sul da Bahia e o seu primeiro livro, intitulado *Calma - The Art of Stephan Doitschinoff*, editado pela alemã Gestalten Books.

O livro é um projeto minucioso e cuidadoso em todos os sentidos, a começar pela bela capa em tecido com hot stamp dourado, passando pela escolha do papel e pelo impecável e classudo projeto gráfico, assinado pelo amigo do artista e designer paulistano Pedro Inoue, que conseguiu criar a atmosfera ideal para apresentar e valorizar ainda mais a intensa e recente produção de Stephan de 2006 a 2008.

Imagens religiosas, como anjos, igrejas, cruzes e situações que fazem referência direta a passagens da Bíblia convivem harmoniosamente com caveiras, símbolos de alquimia, elementos pagãos e cultura regional. Se vivêssemos na época da Inquisição, Stephan muito provavelmente teria sido perseguido, enforcado ou queimado vivo em praça pública junto com todos os exemplares de seu livro "herege". Felizmente, esse período da História ficou para trás.

Com reflexões do respeitado crítico e curador nova-iorquino Carlo McCormick, bate-papo inédito com seu parceiro Tristan Manco, além de cinco contos escritos pelo próprio artista, narrando passagens e curiosidades do dia-a-dia da produção de murais na Bahia, o livro é um registro fundamental tanto para os já que acompanham e admiram a sua obra como para aqueles que ainda não enxergaram esse riquíssimo e inventivo universo de jovens artistas contemporâneos brasileiros. ◂ *Por Tiago Moraes*



⏩ Count Zero . William Gibson

Editora Aleph . 2008

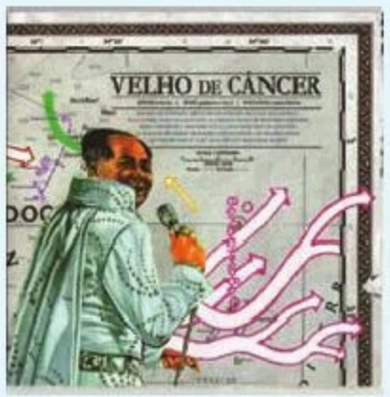
Count Zero foi publicado em 1986, e tirando o desgaste provocado pela trilogia cinematográfica *Matrix* (que popularizou e barateou a essência da trilogia de Gibson), o livro é atualíssimo.

Segundo romance da trilogia do Sprawl (palavra que descreve o crescimento desordenado da malha urbana), iniciada com *Neuromancer*, são estes o livros que dão corpo e forma ao conceito "cyberpunk".

A trama do livro apresenta personagens que, de uma forma ou outra, têm problemas a serem resolvidos ligados à Matrix. Um mercenário responsável por proteger e "extrair" altos executivos de uma multinacional acaba por se envolver com uma psicóloga - na verdade, uma psicóloga contratada por seus empregadores para guiar sua recuperação mental de um trauma recente. Marly Krushkhova, ex-galerista de arte, se encontra virtualmente com um magnata triliardário que a contrata para localizar uma obra de arte - o que, como é de se esperar, esconde maiores ambições.

O jovem hacker Bobby, o "Count Zero", que sobrevive ao ataque de uma inteligência artificial depois de testar um programa feito para furar o firewall das grandes empresas e suas IAs domésticas, desperta a atenção de "pais-de-santo cibernéticos", emigrantes jamaicanos metidos no Sprawl. Essa rede de tramas e personagens se entrelaça de forma a proporcionar situações de traição e reviravolta, ataques de ninjas, brigas de gangues e tiroteios, sobrando espaço para questionamentos sobre vida e mote. Em suma, apresenta recursos que se tornariam padrão em animês japoneses, HQs e qualquer outro produto cultural que exale atmosfera *cyberpunk*. Por isso, *Count Zero* é uma daquelas obras incontornáveis, assim como os dois outros livros da trilogia Sprawl. ◂ *Por Arthur Dantas*

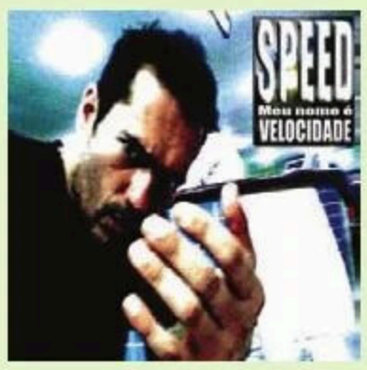
+REVIEWS



»Velho de Câncer . s/t

Café & Raiva (e outros selos) . 2008

Exatamente dez anos atrás, saía o último grande álbum de hardcore/punk do país: *Gaiola*, dos capixabas Mukeka di Rato. Ali estava intacta a fúria e urgência do punk e uma insuspeita vontade de amealhar elementos distintos dessa estética, como a música rápida e simples do punk finlandês, reggaes primários, guitarras emulando sofisticação à la Fugazi e letras simples, inteligentes e corrosivas. Música de inclinação popular, mas nunca populista - o que é de se esperar de qualquer grupo bom que queira se destacar no gênero. O Velho de Câncer adentra na mesma seara e põe novamente o hardcore na ordem do dia. O CD do grupo, com uma arte muito bem cuidada, agressiva e nonsense, saiu no fim de 2008 e pode ser elevado à categoria de primeiro grande lançamento nacional de 2009. O que faz do grupo um acontecimento tão especial? A música, virulenta (um bom adjetivo para uma banda com fixação pelo lado "doentio" da vida) do trio gaúcho, apresenta um rock sujo e direto, com aquela melodia "estragada" de grupos como Husker Dü e Wipers, com letras paradoxalmente agudas e violentas, ingênuas e poéticas, que criam ficção tão pesada e pessimista que ultrapassa todos os grupos atuais que querem emular a raiva e desesperança de um Black Flag. Tudo soa real e possível na voz suja do guitarrista/vocalista. "Sabe como é olhar no espelho / E sentir o ranço de ser ser humano / Você sabe como é, se não sabe é porque / Tu tem grana / Não sabe sobre a raiva espiritual." Se raiva realmente é uma dádiva, o trabalho do Velho de Câncer é o mantra. ◂ *Por Arthur Dantas*



»Speed Freaks . Meu Nome é Velocidade

Independente . 2009

Uma das figuras mais loucas do chamado hip-hop underground está de volta. Speed Freaks ganhou fama graças ao hit "Quem Que Caguetou?", quando ainda atuava ao lado do também niteroiense Black Alien. Daquela época pra cá, Speed lançou um disco solo (considerado pedra fundamental do rap alternativo tupiniquim), produziu alguns outros sons, participou de projetos como Maquinado e desapareceu na fumaça, deixando órfã uma pequena legião de admiradores. Nesta volta à cena o MC aprofunda sua lírica em direção à grosseria, narrando histórias de putarias homéricas e um estilo de vida completamente junkie. O disco começa num pique interessante: "Vem pra cá", "Rap" (com o celebre refrão: "Rap mudou a minha vida, pra pior e pra melhor!") e "Nas Ruas" descem redondo. A nova versão de "Tranquilo", com um mega beatbox no lugar de um beat tradicional, assim como a produção de "Alameda" (com fraseados de guitarra distorcida e um clap meio "fora do tempo"), causam certo estranhamento e merecem atenção justamente por apresentarem novas propostas para um estilo marcado pela chatice da repetição.

Speed se expõe, arrisca e conquista espaço usando e abusando dessa lógica kamikaze. Cada vez mais afiado com as palavras, o MC continua mestre em escrever rimas divertidas, formar versos que ameaçam não chegar a lugar algum, mas sempre alcançam lugares completamente incomuns. O disco é um mergulho em um universo bizarro; cravado meio na fantasia, meio na realidade de quem observa o mundo com olhos marejados.

Seja do seu gosto, ou não, é difícil não aceitar o talento de Speed, que, além de soltar o gogó (vale a pena ressaltar o trabalho vocal do cara), produziu e gravou o disco inteiro. Ainda nessa pegada faça-você-mesmo, estão rolando na internet alguns vídeos dirigidos pelo próprio MC. Procure no Youtube pelo usuário SpeedsHitsS e amplie a experiência de degustação para o campo do audiovisual, a toda velocidade. ◂ *Por João Xavi*

»Platinum Pied Pipers Abundance

Ubiquity Records . 2008

Depois da excelente estreia em 2005, no álbum Triple P, com elogios rasgados de gente do naipe de ?uestlove e Jay Dillla, o grupo Platinum Pied Pipers volta com o disco "Abundance", onde o neo-soul predomina do início ao fim. Formado pelos produtores Wajeed e Saadiq, a dupla de Detroit tem um estilo de produção rotulada por eles de Progressive Electric Soul. Nesse novo trabalho, as batidas são bem agitadas, com mais elementos orgânicos eletrônicos. Como no primeiro disco, os convidados são desconhecidos, mas com talento de sobra. Hoje quando se fala em Georgia Anne Mudrow ou Tiombe Lockhart, o crédito deve-se ao PPP, e deve acontecer o mesmo com Karma Stewart, Jamila Raegan e Coultrain, que cantam em grande parte das faixas de "Abundance". Músicas como "On A Cloud", "Go, Go, Go" e "American Pimp" fazem desse disco um tributo à sonoridade criada na década de 70 por selos como Motown e Stax. ◂ *Por Daniel Tamenpi*

⏩88 Keys . The Death Of Adam

Decon . 2008

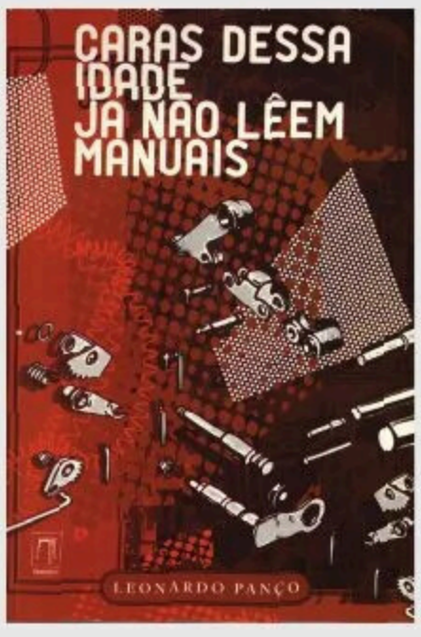
Pra quem ainda não conhece, 88 Keys é um produtor de talento. Já trabalhou com nomes como Mos Def, Talib Kweli, Macy Gray e agora lança seu primeiro álbum com a ajuda de seu mentor, ninguém menos que Kanye West, que, além de assinar a produção executiva, participa do primeiro single, intitulado "Stay Up (Viagra)". *The Death of Adam* é um álbum conceitual: conta uma história detalhada ao longo de suas faixas.

Adam é um rapaz atrás de mulheres, que se mete em confusões, relacionamentos de amor e ódio, sexo e tensão, até seu assassinato. Isso tudo contado em rimas de nomes como Redman, Phonte (Little Brother), Bilal, J*Davey, e do próprio 88 Keys. A produção é um destaque à parte. Excelentes beats com influências ecléticas, que passam pelo rap, soul, funk, rock, até elementos eletrônicos. *The Death Of Adam* é um dos discos mais criativos de 2008. ◂ *Por Daniel Tamenpi*

⏩Duo Moviola . O Retrato do Artista Quando Pede

Desmonta . 2009

Projeto de Kiko Dinucci e Douglas Germano, do Bando Afromacarrônico, o Duo Moviola é um atestado eloquente da criatividade de uma das duplas mais prolíficas da música brasileira hoje. Em *O Retrato do Artista Quando Pede*, os dois dão asas ao lado mais solto e experimental da parceria, que parte do caminho comum do samba e do choro, mas extrapola seus limites em direção a paragens mais ousadas. Dividido em dois blocos, o disco é organizado como uma sessão dupla de curtas-metragens (segundo Dinucci, o duo é uma "forma barata de fazer cinema"), que começa introspectiva ("Premiére") e termina com ares de action movie ("Matinê"). "Deja Vu", abertura do disco, é uma transição entre o samba polifônico do Bando e o minimalismo do Duo. Em "Ré", homenagem a Vanzolini, a lírica de Germano encontra aliterações intricadas, explorando o ponto onde a reciclagem encontra o retrógrado. Sinistra e hilária, "A Loira do Banheiro" dá o tom da segunda parte, atualizando em lenda urbana a narrativa de Arrigo Barnabé. Na catarse final da faixa-título, uma marchinha, a dupla une duas de suas melhores características - o humor cáustico e a leveza de espírito - para comentar a dependência dos artistas em relação às leis de incentivo (o próprio disco é fruto de uma). Voar em ar tão rarefeito é mesmo para poucos. ◂ *Por Mateus Potumati*



⏩Caras Dessa Idade Já Não Leem Manuais . Leonardo Panço

Tamborete Entertainment . 2008

Leonardo Panço é, desde a década de 90, um dos mais notórios agitadores do underground carioca. O livro *Caras Dessa Idade...* passeia pelo mesmo caminho de seu primeiro livro, descrevendo de forma curiosa suas experiências pelo circuito de shows pra lá de do-it-yourself dos *squats* (espaços ocupados) europeus. Esse tipo de relato de viagem punk é razoavelmente consolidado no exterior e é um formato a ser mais bem desenvolvido ainda por aqui. Panço compartilha experiências prosaicas, que, se têm por virtude não constituir contos morais, por outro lado não constituem fina crônica também. Os pontos mais altos são quando Panço se aventura em pequenos contos, como "Família Soprando" (quase uma pornochanchada), "Sono dos Justos", dando indícios de um escritor que, aparentemente "violando" as regras da boa escrita e o culto à palavra, cria momentos ficcionais memoráveis. Seria o começo de uma literatura punk-rock tardia? ◂ *Por Arthur Dantas*

Tarô & Escaleta

Por **Gustavo Mini** . Ilustração **Guilherme Dable**

» Gustavo Mini escreve em
www.oesquema.com.br/conector

João comprou uma escaleta de brinquedo numa loja podre da Voluntários. Pediu pra moça nem embalar e saiu tocando pela rua, com a cabeça baixa e os olhos virados para cima, não queria esbarrar em ninguém. Soprava e tirava melodias amenas, sem pressa nem euforia, desviando dos camelôs que tentavam lhe vender um monte de coisa.

Só o que João precisava era da escaleta e preencher seu coração vazio. Por isso, deixou que a música conduzisse seus passos e entrou em um shopping de fábrica que oferecia ótima acústica. Tocou um pouco sem dançar, tomou algumas olhadas feias dos lojistas do lugar e acabou entrando na tenda de Tamásia - Tarô e Astrologia Viking. Aceito vale.

"Você quer saber seu futuro? Dez paus. Aceito vale."
"Eu li na plaquinha", disse João, dando um tempo à escaleta. "Mas não preciso saber do meu futuro. Estou construindo ele a partir de agora."
"Ih, eu hein! Cada maluco... e esse pianinho aí?"
"É uma escaleta. Não é de verdade, mas sai som na boa."
"Toca alguma coisa aí pra mim."

João tocou notas aleatórias.

"Bonito isso. É pagode?"
"Não, toquei agora."
"Inventou?"
"É, não sei... eu simplesmente toco."
"Bonito mesmo. Por que você não toca um pouco pra mim? É meio chato aqui, ficar ouvindo o bate-estaca do box de CDs do Marião. Toca pra mim que eu leio as cartas para você."
"Combinado."

João sentou e Tamásia começou a colocar as cartas. O som da escaleta embalava o descortinar místico da vida do rapaz.

"Hmmm... interessante... essa escaleta você arrumou para expressar uma dor no coração..."

João não falava nada. Apenas soprava.

"Curioso... as suas cartas estão vazias... nada faz muito sentido..."

A música da escaleta ficou mais melodiosa.

"Deixa eu ver de novo... é... tem uma mulher aqui..."
A melodia se tornou triste.

"Ela foi embora. Olha, não sei se é uma boa notícia, mas é provável que ela nunca mais apareça."

E melancólica.

"Bonito isso que você está tocando. Parece que as cartas saem com mais facilidade. Que o futuro desliza pra fora. Você não quer fazer um negócio?"

João balançou os ombros e sequenciou notas indiferentes.

"Eu tiro as cartas, você toca. Cobro 5 a mais pela música. Tamásia e... como é seu nome?"

Finalmente um descanso ao instrumento. O som do box de CDs voltou a bombar dentro da tenda.

"João."
"Então, João. Cobro 5 a mais pela consulta com música. Tamásia e João. Tarô e... como é o nome do pianinho?"
"Escaleta."
"Tamásia e João. Tarô e Escaleta. Dez reais o tarô simples, quinze com música. A música acalma as feras. Acho que o pessoal vai curtir. Já tenho meus clientes, conheço eles. Recebo uns oito por dia. Seis dias por semana, você tira aí seus... mil reais por mês, por baixo. Parte em vale-refeição."
"Combinado."

Foi um sucesso. Tamásia e João, Tarô & Escaleta. Quando as cartas davam notícias boas, João tocava algo alegre. Quando aparecia alguma nuvem negra, tudo ficava mais suportável para o cliente com o sonzinho calmo que saía do brinquedo. Tamásia se impressionava com o talento de João. E elogiava. Agradecia. Mas ele só sacudia os ombros. Dizia que bastava soprar e mexer os dedos. E estava sendo sincero. Mas a coisa tomou outras proporções. O pessoal quis até comprar CD do João tocando escaleta. O músico involuntário começou a se incomodar. E o inevitável aconteceu. Caiu fora. Para Tamásia não foi novidade. As cartas a tinham avisado e ela aceitava o plano maior. João partiu numa manhã de sábado enquanto chovia. Deixou a escaleta de presente pra falsa cigana de Uruguaiana e foi seguir sua vida. Quando parou de chover, saiu um arco-íris que emoldurou o shopping de fábrica.

É ENGRAÇADO COMO AS COISAS ACABAM...

TIPO QUANDO VOCÊ ACABA UM REFRIGERANTE, FICA LÁ FAZENDO AQUELE BARULHO COM O CANUDO...

...MESMO SABENDO QUE NÃO VAI APARECER MAIS.

PARA!!! NÃO SE JOGA!!!

EU NÃO VOU ME JOGAR... EU VENHO AQUI PARA VER AS PESSOAS VIVEREM

MAS...AQUILO EM CIMA DA MESA ME PARECEU UMA CARTA SUICIDA

ERA UMA LISTA DE SUPERMERCADO

É QUE EU NUNCA VI UMA LISTA COMEÇAR COM ... ADEUS MUNDO CRUEL!

"ADEUS MUNDO CRUEL" É O NOME DO INSETICIDA PARA BARATAS!!

UH? SÉRIO?...É QUE... EU SÓ LI A PRIMEIRA LINHA DO PAPEL

DIAS de um FANTASMA SUICIDA

Ep. FINAL

TRILHA SONORA:
THE GHOST OF WHAT SHOULD'VE BEEN
OWEN

FICA TRANQUILA MEU IRMÃO NUNCA VAI SABER

ISSO TEM QUE PARAR... EU AMO ELE

FILME RUIM...É ENGRAÇADO QUANDO ACABA...

COMO ASSIM?

VOCÊ FALA ISSO TODA SEMANA! É SÓ ELE TER UMA REUNIÃO NO ESCRITÓRIO... MEU TELEFONE TOCA

VOCÊ ACHA QUE PERDEU 2 HORAS DA SUA VIDA... E QUANDO PASSA NOVAMENTE NA TV VOCÊ ASSISTE DE NOVO.

SE VOCÊ GOSTASSE DELE ELE ESTARIA AQUI, NÃO EU ... SÓ ESTOU FAZENDO A PARTE QUE ELE NÃO DÁ CONTA!

SEU IDIOTA! EU ESTOU GRÁVIDA!

ISSO NÃO É ENGRAÇADO.

MINHA IRMÃ CONTOU UMA QUE O FIM É ENGRAÇADO

EI, SUMIDO!

AQUELA QUE FICOU GRÁVIDA DO IRMÃO DO NAMORADO?

NÃO, AQUELA É MINHA PRIMA.

AFINAL QUEM ERA O PAI E QUEM ERA O TIO?

HEHE... VAI SABER. ELES ERAM GÊMEOS.

AH? OLÁ! C..COMO VOCÊ ESTÁ?

TUDO BEM...E PELA SUA CARA VOCÊ NÃO LEMBRA DO MEU NOME, NÉ?

CLARO QUE EU LEMBRO...É...É...

TUDO BEM! DEVE TER SIDO POR ISSO QUE VOCÊ NUNCA LIGOU... NÃO LEMBRA DE NADA, NÉ?

SÓ EM CASA EU VOU LEMBRAR SEU NOME... QUER IR COMIGO, PARA VER SE EU NÃO ERRO?

ESSA FESTA TÁ UMA BOSTA MESMO, NÃO ACHA?

EU TÔ COM O MEU MARIDO... ELE É O DONO DA FESTA

EU NÃO ACHO ENGRAÇADO ESSAS HISTÓRIAS EM QUE ALGUÉM SE FODE NO FINAL...

NÃO IMPORTA, DURMO COM ELE PENSANDO QUE É VOCÊ, EU NUNCA VOU ESQUECER...

ENTENDEU?

+ENDEREÇOS

Activision/Blizzard
www.activisionblizzard.com

Banco Real .
www.bancoreal.com.br

Café & Raiva Discos .
www.myspace.com/caferaivadiscos

Choque Cultural .
Rua João Moura . 997
Pinheiros . São Paulo . SP
www.choquecultural.com.br

Desmonta .
www.desmonta.com

Editio Princeps .
www.editioprinceps.com

Editora Aleph .
www.editoraaleph.com.br/home

Element/Nixon .
Rua Oscar Freire . 909
www.elementskateboards.com

Gestalten .
www.gestalten.com

Gravadora Trama .
www.trama.com

Monstro Discos .
www.monstrodiscos.com.br

Nike .
Rua Oscar Freire . 969
Jardins . São Paulo . SP
www.nikesportswear.com

On The Street
Avenida Pavão . 352
Moema . São Paulo . SP
otsurbanwear.com.br/

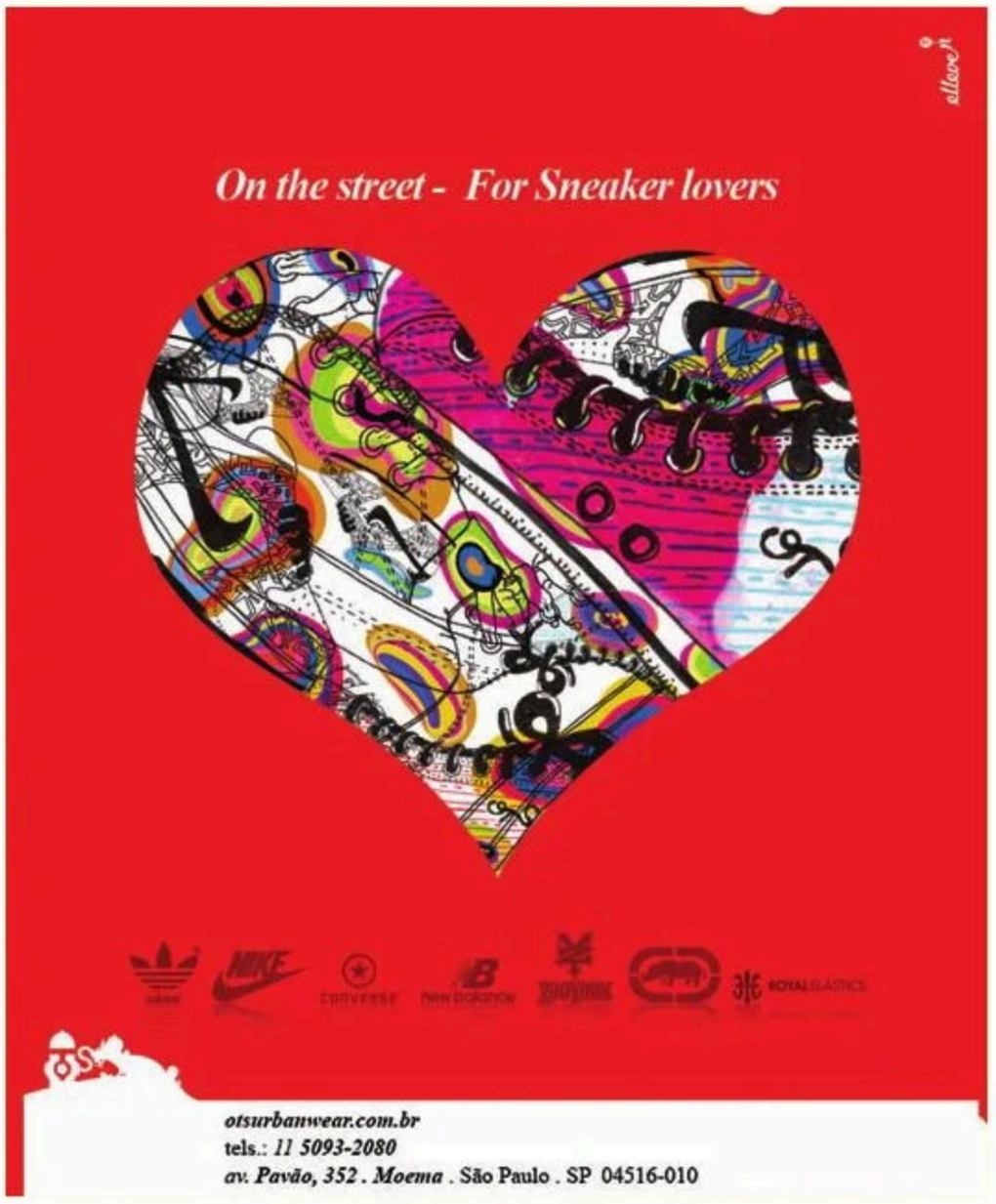
Radiola Records .
www.radiolarecords.com.br

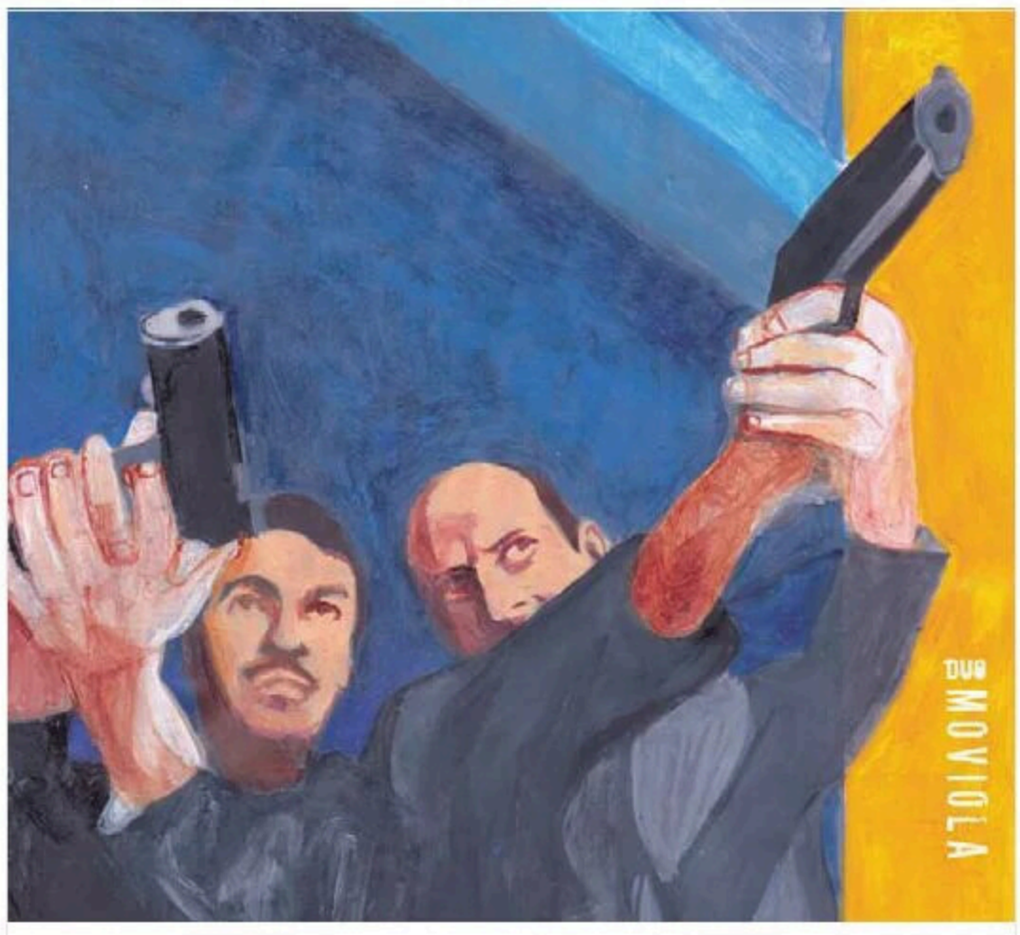
Slag Records .
blog.slagrecords.com

Tamborete Entertainment .
Barra da Tijuca . Rio de Janeiro . RJ
22622 970

Volcom .
Alameda Lorena . 1835
Jardins . São Paulo . SP
loja@volcom.com.br

Zarabatana Books .
www.zarabatana.com.br





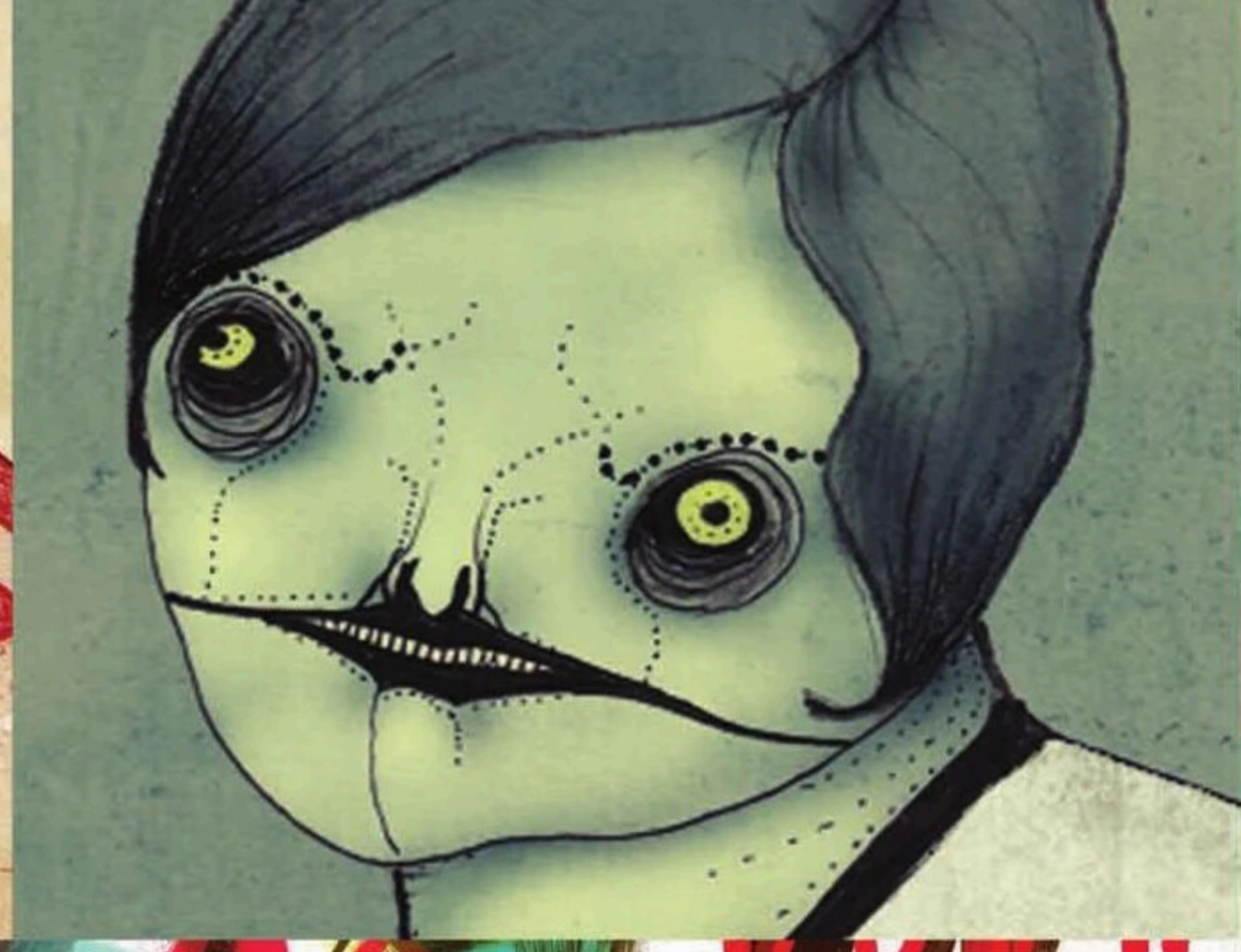
Ogilvy & Mather

Inspire-se.

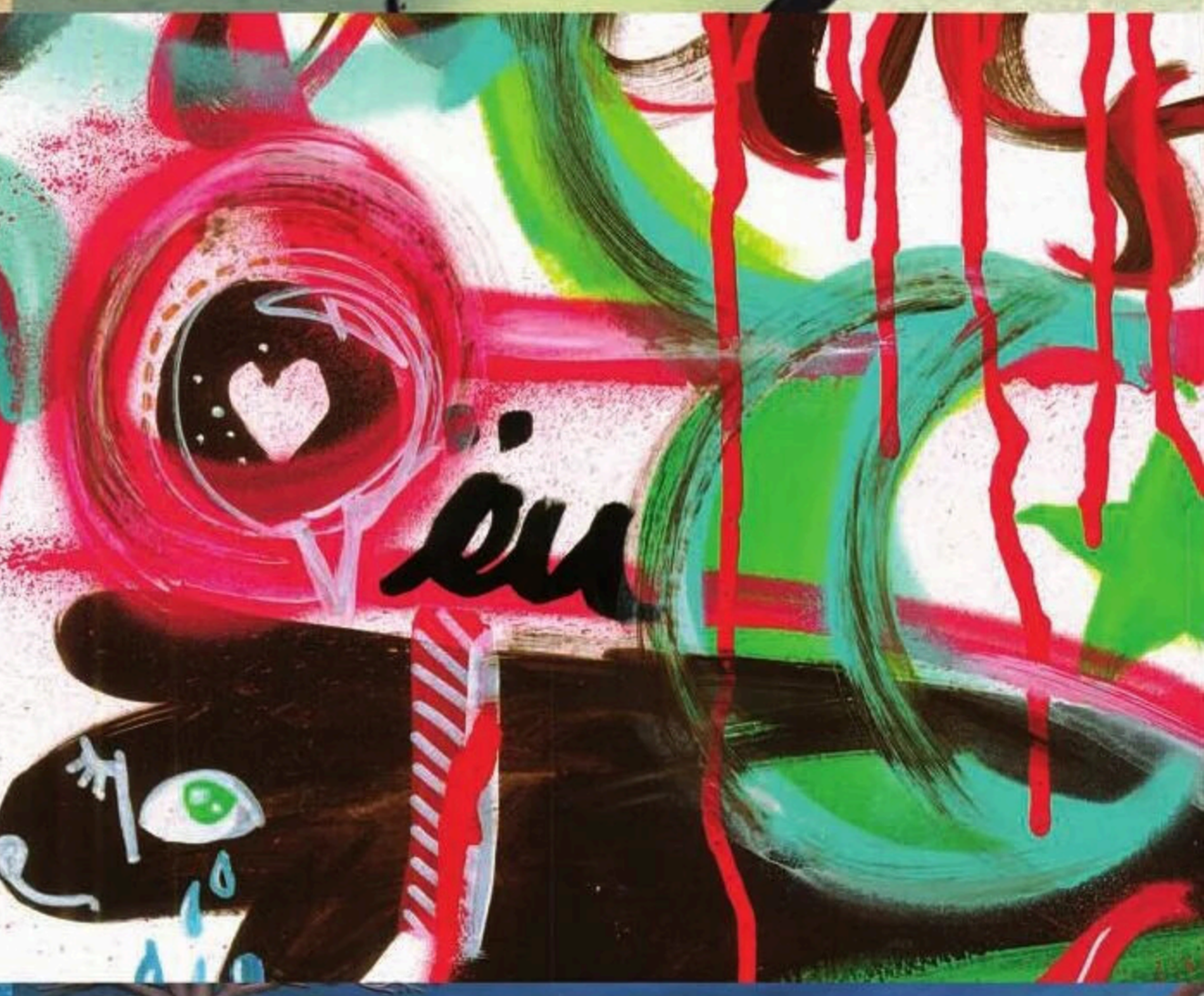
SOMA

www.maissoma.com

ONE	TWO	THREE	FOUR
DARYL ANGEL	CLARK HASSLER	JUSTIN BROCK	GRANT TAYLOR
CUSTOM SERIES	BLAZER LOW HYBRID PREMIUM		VOLUME THREE



Metro


eu

ENTRE(OUTROS)
APOIO:
NIKE
SPORTSWEAR